

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOYCE CORDEIRO HEINDYK GARCIA

**O USO DAS TECNOLOGIAS PELOS PROFESSORES CORREGENTES NO
MUNICÍPIO DE CURITIBA**

CURITIBA

2017

JOYCE CORDEIRO HEINDYK GARCIA

**O USO DAS TECNOLOGIAS PELOS PROFESSORES CORREGENTES NO
MUNICÍPIO DE CURITIBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Nuria Pons Vilardell Camas

CURITIBA

2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor EDUCAÇÃO
Programa de Pós Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
Código CAPES: 40001016080P7

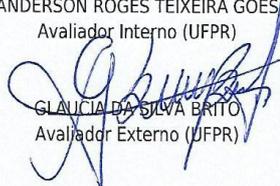
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JOYCE CORDEIRO HEINDYK GARCIA**, intitulada: "**O USO DAS TECNOLOGIAS PELOS PROFESSORES CORREGENTES NO MUNICÍPIO DE CURITIBA**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

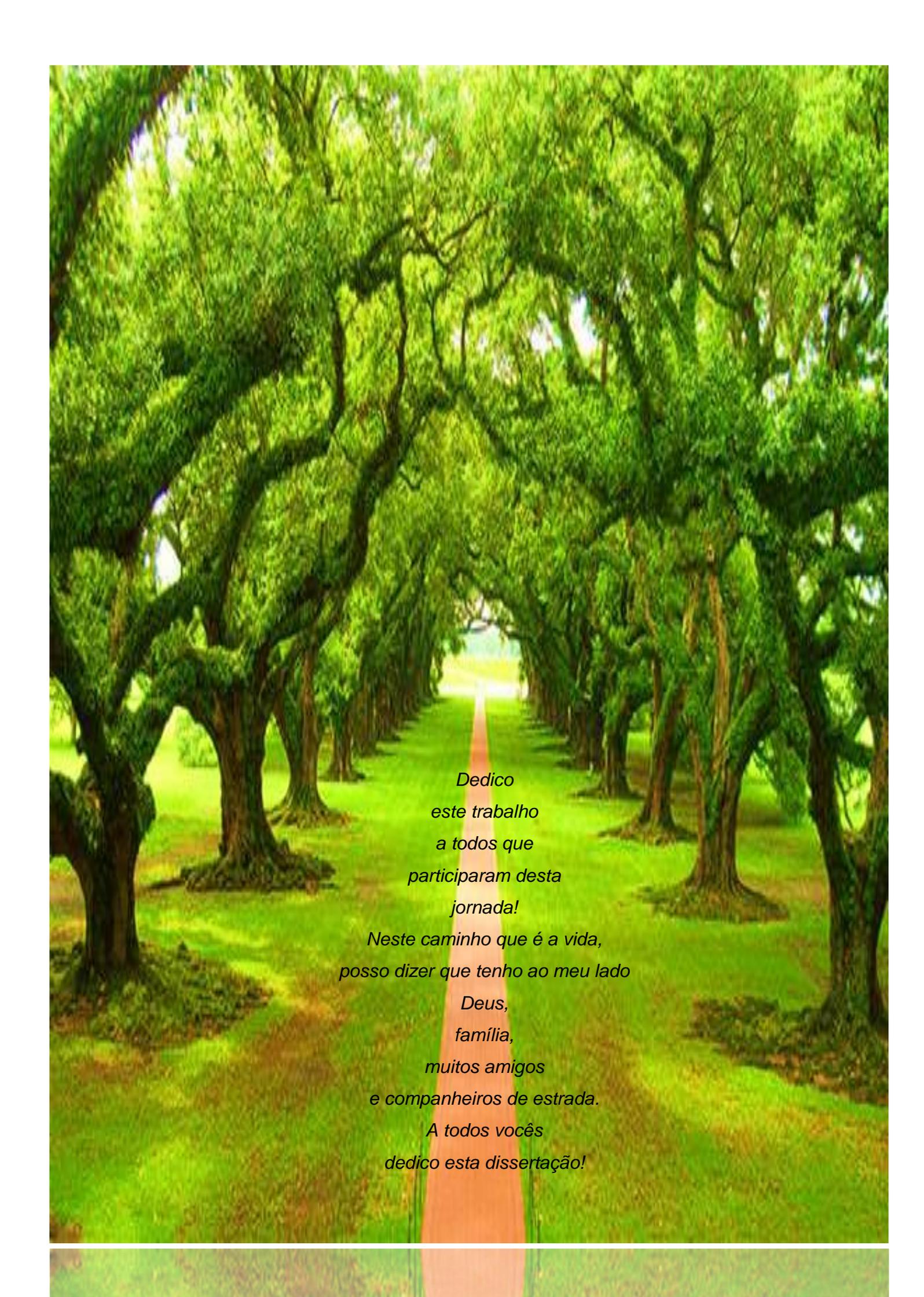
CURITIBA, 04 de Julho de 2017.


NURIA PONS VILARDELL CAMAS
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


ANDERSON ROGES TEIXEIRA GOES
Avaliador Interno (UFPR)


GLÁUCIA DA SILVA BRITO
Avaliador Externo (UFPR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PPGE: Teoria e Prática de Ensino
Mestrado Profissional em Educação



*Dedico
este trabalho
a todos que
participaram desta
jornada!*

*Neste caminho que é a vida,
posso dizer que tenho ao meu lado*

*Deus,
família,
muitos amigos
e companheiros de estrada.*

*A todos vocês
dedico esta dissertação!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Papai do Céu, que é meu porto seguro, o meu equilíbrio em meio às tribulações, o fôlego de vida da minha existência.

Ao meu marido, minha metade nessa vida, obrigada por suas palavras de motivação e de alerta. Nunca esqueço quando me fez refletir a responsabilidade de tornar-me “Mestre formada na Universidade Federal”. Saiba que palavras não são suficientes para expressar meu amor; devo demonstrá-lo a cada dia na prática.

Aos meus filhos Arthur e Albert, que por dois anos tiveram que conviver com minha rotina de estudos, participaram das produções de vídeos do Canal de Alfabetização e adquiriram autonomia para caminhar, muitas vezes, sem a minha presença. Espero poder deixar como exemplo a importância dos estudos e a dedicação pelo mesmo.

A minha querida orientadora Professora Dra. Nuria Pons Vilardell Camas, que me ajudou a amadurecer como pessoa, pesquisadora e profissional da educação. Obrigada por suas palavras em cada momento. Um dia quero poder chegar perto do seu grau de conhecimento!

A minha mãe que me criou sozinha. Obrigada pelo sacrifício e amor incondicional.

Aos meus amigos. Não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém. Obrigada pelos momentos de quebra da rotina, pelos cafés e almoços que nos fortalecem como pessoas sociais.

A tia Irene por ser minha primeira tutora educacional. Foi vendo a sua prática, o seu saber docente que pude aprender a ser uma profissional criativa e dedicada. A tia Hilma, que mesmo sem saber, me inspirou a buscar cada vez mais o estudo. Quando pequena, admirava sua inteligência e o modo como ajudava meus primos nas tarefas escolares. Isso me motivou a querer seguir seu exemplo.

A Maria Luiza Kern, minha professora da 4ª série e ex. vizinha, que foi um exemplo para mim. Sempre acompanhou e incentivou os meus estudos. Assim como sua irmã Marilise, a Lile, que foi uma segunda mãe para mim. A professora Marilise Monteiro de Souza Zoccoli, minha orientadora na faculdade, que me introduziu na produção científica.

A Professora Dra. Gláucia da Silva Brito que em uma palestra, me despertou o interesse em pesquisar sobre as tecnologias.

Ao Fabrício que me ajudou em todas as traduções de resumos para outras línguas, seja dos artigos e desta dissertação. A Nilza que contribuiu na revisão deste trabalho. A banca de qualificação e defesa, pelos apontamentos necessários.

Aos colegas de trabalho das escolas: Prefeito Djalma Johnsson e CEI Bela Vista do Paraíso, pelos saberes docentes que partilhamos no dia-a-dia. E a todos os professores que contribuíram respondendo ao questionário e entrevista desta dissertação. A todos vocês, meu muito obrigada!



*Não à ausência de desafio!
Não me aceite como eu sou: venha
mediar aprendizagens que
desenvolvam as possibilidades de
enfrentamento de meus problemas.*

(ZANATTA DA ROS, 2002, p.63).

RESUMO

A presente pesquisa está inserida na Linha de Pesquisa - Teorias e Práticas de Ensino na Educação Básica, do Programa de Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino, no eixo de Educação e Tecnologias. O estudo traz a questão: como os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba, utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas? Para este fim, delimitou-se como objetivo geral: analisar e compreender como os professores corregentes, do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas. De modo a cumprir o objetivo geral, definiram-se os seguintes objetivos específicos: compreender a função do professor corregente na rede municipal de Educação de Curitiba – RME; identificar a concepção de tecnologia apresentada pelos professores corregentes da RME, em especial, daqueles que atuam no 3º ano do Ensino Fundamental; verificar se esses professores corregentes, já vivenciaram o uso de tecnologias em sua formação continuada e a sua aplicabilidade pedagógica; analisar quais tecnologias os professores corregentes utilizam em suas práticas pedagógicas e identificar e analisar os avanços, dificuldades e desafios a serem superados, no uso das tecnologias na escola. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e pesquisa de campo. Buscou-se, primeiramente, fazer o levantamento bibliográfico das produções sobre tecnologia e educação que já existiam, para isso, pesquisou-se dissertações e teses da UFPR e UTFPR; produções nos bancos de dados da CAPES, Scielo e BVS. A partir do levantamento bibliográfico e verificação da problemática, utilizou-se como instrumentos de pesquisa o questionário e a entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram os professores corregentes que atuaram no 3º ano do Ensino Fundamental nos anos de 2016 e 2017. Obtiveram-se 18 questionários respondidos das 185 escolas, por meio de formulário *online* e foi realizado 10 entrevistas com professores corregentes, sendo uma em cada regional de Curitiba, selecionado por meio randômico, não sendo os mesmos professores do questionário. Para a análise dos dados coletados utilizou-se a análise de Discurso, nas entrevistas (ORLANDI, 2007). Foram elencados 5 dispositivos analíticos, sendo eles: a função da corregência; concepção de tecnologia na escola; formação continuada em tecnologia; tecnologias utilizadas na prática pedagógica e potencialidades e desafios no uso das tecnologias na corregência. Os resultados mostram que todos os docentes acessam a internet em sua rotina do dia-a-dia. A maioria utiliza *e-mails*, redes sociais e aplicativos para pesquisas e lazer. Utilizam o computador na escola e em suas casas para preparar aula, para pesquisas diversas, preparar atividades, entre outros. Os docentes utilizam a tecnologia para seu uso pessoal e nas práticas pedagógicas, mas, é preciso avançar no uso das tecnologias em sala de aula. Nos discursos nota-se que muitos professores ainda não utilizaram as tecnologias no trabalho com a corregência. Os que já tiveram essa experiência, destacam trabalhos realizados na sala de informática ou nas aulas de Ciências. O uso de jogos eletrônicos, voltados para a alfabetização foi trazido por poucos docentes. Não se verificou nenhum trabalho que envolvesse a interação proporcionada pelas tecnologias e nenhuma ação voltada ao trabalho em sala de aula, com alunos que apresentam dificuldades.

Palavras-chave: Tecnologias e Educação. Formação de Professores. Professor Corregente. Prática Pedagógica. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This research is inserted in the Research line - Theories and Practices of Teaching in Basic Education, of the Program of Masters in Education: Theory and Practice of Education, in the main point of Education and Technologies. The study brings the question: How the teaching assistant of the 3rd year of Elementary School of Curitiba use the technologies in the pedagogical practices? To this matter it was defined as a general objective: to analyze and understand how the teaching assistant from the 3rd year of Elementary School in Curitiba use the technologies in pedagogical practices. In order to fulfill the general objective, the following specific objectives were defined: to understand the role of the teaching assistant in the municipal education network of Curitiba - RME; To identify the technology conception presented by RME teachers, especially those who work in the 3rd year of Elementary School; To verify if these teachers have already experienced the use of technologies in their continuing education and pedagogical applicability; To analyze which technologies the teaching assistants use in their pedagogical practices and to identify and analyze the advances, difficulties and challenges to be overcome in the use of the technologies in the school. This research is about a qualitative, exploratory approach and field research. First of all, it was made a bibliographical survey of the productions about technology and education that already existed. For this, it was searched dissertations and thesis of UFPR and UTFPR; Productions in the CAPES, Scielo and BVS databases. From the bibliographical survey and the problem verification, the quiz and the semi-structured interview were used as research instruments. The research subjects were the teaching assistants who worked in the 3rd year of primary education in the years 2016 and 2017. It was eighteen quizzes answered from one hundred eighty-five schools through an online form and ten interviews were conducted with teaching assistants in each region of Curitiba. Selected by random means, not being the same quiz teachers. For the analysis of the collected data, we used the discourse analysis in the interviews (ORLANDI, 2007). Five analytical devices were listed: the function of teaching assistant; Technology conception in the school; Continuing education in technology; Technologies used in pedagogical practice and potentialities and challenges in the use of technologies in the community. The results show that all teachers access the internet in their routine. Most teachers use e-mail, social networking, and research and leisure apps. Teachers use the computer at school and in their homes to prepare classes, for various researches, to prepare activities, among others. They use technology for their personal use and pedagogical practices, but it is necessary to move forward in the use of technologies in the classroom. In the speeches, it is noticed that many teachers have not yet used the technologies in working with the community. Those who have had this experience, highlighted works done in the computer room or in science classes. The use of electronic games, focused at literacy was brought by few teachers. It had not seen no work that involved the interaction provided by the technologies and no action focused on classroom work, with difficulties students available.

Keywords: Technologies and Education. Teacher's education. Teaching Assistant. Pedagogical Practice. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CICLO DA CARREIRA DE PROFESSOR.....	88
FIGURA 2 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....	104

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	LEVANTAMENTO DAS TESES DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/UFPR, SOBRE TECNOLOGIA.....	26
QUADRO 2 –	LEVANTAMENTO DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/UFPR, SOBRE TECNOLOGIAS.....	27
QUADRO 3 –	LEVANTAMENTO DAS DISSERTAÇÕES DO MESTRADO EM TECNOLOGIA DA UTFPR, SOBRE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA.....	29
QUADRO 4 –	LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS NA CAPES.....	30
QUADRO 5 –	CONSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO – RESUMOS RELEVANTES.....	32
QUADRO 6 –	PESQUISA AO BANCO DE DADOS DA SCIELO.....	34
QUADRO 7 –	DESCRITORES DAS PALAVRAS – CHAVES.....	34
QUADRO 8 –	PESQUISA NO PORTAL BVS.....	35
QUADRO 9 –	DADOS DO ARTIGO ENCONTRADO NO BVS.....	36
QUADRO 10 –	EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS TECNOLOGIAS.....	40
QUADRO 11 –	DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA DIGITAL.....	50
QUADRO 12 –	RESUMO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS.....	64
QUADRO 13 –	POLÍTICAS PÚBLICAS RELACIONADAS A IMPLANTAÇÃO DAS TIC NA RME.....	67
QUADRO 14 –	PERFIL DOS PROFESSORES CORREGENTES.....	108
QUADRO 15 –	ESCOLHA DA FUNÇÃO DE CORREGENTE EM 2016.....	110
QUADRO 16 –	FUNÇÃO DO CORREGENTE NA ESCOLA.....	112
QUADRO 17 –	DIFICULDADES NO TRABALHO DA CORREGÊNCIA.....	114

QUADRO 18 – O QUE É TECNOLOGIA PARA OS PROFESSORES CORREGENTES.....	117
QUADRO 19 – PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA.....	122
QUADRO 20 – EXPERIÊNCIAS POSITIVAS.....	135

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PESSOAS QUE UTILIZARAM A INTERNET NO BRASIL EM 2013.....	47
GRÁFICO 2 – TEMPO DE DOCÊNCIA.....	109
GRÁFICO 3 – FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O USO DAS TECNOLOGIAS.....	121
GRÁFICO 4 – TECNOLOGIAS DAS ESCOLAS.....	127
GRÁFICO 5 – TECNOLOGIAS QUE POSSUEM OS PROFESSORES.....	128
GRÁFICO 6 – SOFTWARES E APLICATIVOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES NO USO PESSOAL.....	128
GRÁFICO 7 – TECNOLOGIAS UTILIZADAS NA FUNÇÃO DE CORREGENTE.....	131
GRÁFICO 8 – DIVERSOS.....	132

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do Discurso

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CC – Computador Conectado

CEI – Centro de Educação Integral

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

Cied - Centros de Informática e Educação

CIETS – Centro de Informática Educativa nas Escolas Técnicas Federais

CNE/CP – Conselho Nacional de Educação – resoluções do Conselho Pleno

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

GD – Google Drive

FACSUL – Faculdade de Campina Grande do Sul

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NTES – Núcleos de Tecnologia Educacional

PC – Computador Pessoal

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNBL – Programa Nacional de Banda Larga

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGE: TPen – Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino

ProInfo – Programa Nacional de Informática na Educação

PRONINFE – Plano Nacional de Informática Educativa

PROUCA – Programa Um Computador por Aluno

PUC/PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

REA – Recursos Educacionais Abertos

RME – Rede Municipal de Educação de Curitiba

SME – Secretaria Municipal de Educação de Curitiba

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TEIA – Projeto Tecnologia, Educação, Interatividade e Arte

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UCA – Um Computador por aluno

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	APRESENTAÇÃO PESSOAL	16
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO	19
1.3	OBJETIVOS	21
1.4	JUSTIFICATIVA	21
1.5	ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	23
2	TECNOLOGIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO	25
2.1	ESTUDO DE REVISÃO	25
2.2	A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	36
2.2.1	Breve Histórico Evolutivo da Sociedade Tecnológica	39
2.3	TECNOLOGIA: CONCEITOS E POTENCIALIDADES	51
2.4	CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E SEUS DESAFIOS PARA A SOCIEDADE	56
3	TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	60
3.1	TECNOLOGIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: POLÍTICAS E O CENÁRIO ATUAL	60
3.2	O TEMPO GESTACIONAL DO PROFESSOR, O USO PEDAGÓGICO DAS TECNOLOGIAS E SEUS PRINCÍPIOS	68
3.3	PROFESSOR MEDIADOR	78
3.4	FORMAÇÃO DOCENTE PARA O USO DAS TECNOLOGIAS	81
3.5	A FUNÇÃO DO PROFESSOR CORREGENTE EM CURITIBA	92
4	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	96
4.1	NATUREZA DA PESQUISA	96
4.2	CONTEXTO E SUJEITOS	100
4.3	OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS	100
4.3.1	O Questionário	101
4.3.2	A Entrevista Semiestruturada	102
4.4	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	105
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	107
5.1	A FUNÇÃO DA CORREGÊNCIA	107
5.2	CONCEPÇÃO DE TECNOLOGIA NA ESCOLA	117

5.3	FORMAÇÃO CONTINUADA EM TECNOLOGIA	121
5.4	TECNOLOGIAS UTILIZADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	126
5.5	POTENCIALIDADES E DESAFIOS NO USO DAS TECNOLOGIAS NA CORREGÊNCIA.....	130
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS.....	147
	APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	158
	APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO.....	159
	APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA.....	163
	APÊNDICE 4 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS CORREGENTES.....	164
	APÊNDICE 5 – DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	165
	ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO PARA O QUESTIONÁRIO.....	194
	ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA A ENTREVISTA.....	196

1 INTRODUÇÃO

*O discípulo não está acima do seu mestre,
Mas, se ele se esforçar, poderá aprender tanto quanto o seu mestre.
(Lucas, 6, 40).*

Inicia-se esta dissertação trazendo o contexto de vida profissional da pesquisadora. Neste relato, optou-se por utilizar a escrita em primeira pessoa do singular, na seção da apresentação pessoal, por abordar um contexto de vida. Tem-se a intenção de tornar a leitura mais atrativa e aproximar o leitor dessa vivência. Nas demais seções e capítulos, escolheu-se a escrita em primeira pessoa do plural, por acreditar que a pesquisa é fruto de vários autores envolvidos, como o orientador, as sugestões da banca de qualificação e defesa, em que cada um, direta ou indiretamente contribuiu no resultado desta dissertação.

1.1 APRESENTAÇÃO PESSOAL

Iniciei meu contato com a educação desde pequena. Quando ia com minha mãe à igreja, ajudava as professoras do departamento infantil a cuidar dos menores. Sempre gostei da escola. Tive uma vizinha que foi minha professora na 4ª série e me inspirou muito.

Com 12 anos, mudei-me da cidade de Curitiba para Campina Grande do Sul. Lá, comecei a estudar pela manhã e ajudar minha tia, que era professora, no período da tarde. Essa tia me pagava uma pequena quantia para ajudá-la a corrigir cadernos, colar as lições e auxiliar em sala de aula. Dos 12 aos 15 anos, trabalhei como auxiliar de professora com ela. Eu tinha tanta familiaridade com a docência que quando minha tia precisava faltar na escola, a diretora deixava a turma sozinha comigo. Nunca precisou pedir para outro professor me auxiliar.

Aos 15 anos, assumi minha primeira turma. Essa tia abriu uma pré-escola e eu fui trabalhar oficialmente como estagiária, mas assumi sozinha a responsabilidade da turma.

Incentivada pela prática, ingressei no Ensino Médio e no magistério ao mesmo tempo. Fazia o Ensino Médio pela manhã, trabalhava na pré-escola, à tarde, e fazia o magistério duas vezes por semana, a noite.

No último ano do magistério e do Ensino Médio, passei em primeiro lugar no concurso para monitor do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, pela prefeitura de Campina Grande do Sul. Esse programa atendia alunos no período integral, com a finalidade de tirar as crianças do trabalho infantil e das ruas. Trabalhei com apoio pedagógico e música. Essa foi uma grande experiência, pois cada dia da semana eu trabalhava em uma escola, devido ao rodízio entre os monitores. Logo, conheci quase todas as escolas urbanas daquele município, suas realidades, seus professores, seus sistemas de gestão e organização escolar.

Nesse trabalho também aprendi a aliar a tecnologia no contexto escolar, pois foi a forma que encontrei de atrair a atenção das crianças e conseguir trabalhar com turmas de quase 30 alunos, com diversas idades numa mesma sala, variando de 7 a 13 anos – em sala multisseriada. Utilizava rádio, instrumentos musicais, retroprojeter, histórias em transparências, TV, vídeo, fantoches, gibis, etc. Nesse mesmo tempo, em 2002, ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Campina Grande do Sul – FACSUL.

Em 2003, fui aprovada em concurso público para professor pela Prefeitura de Campina Grande do Sul. Nesse ano, exonerei meu trabalho no PETI e comecei a atuar como professora na Prefeitura. De manhã na pré-escola, onde já trabalhava à tarde e fazia faculdade à noite.

Como professora, atuei em todas as séries, do maternal III à 4ª série, atuando também como professora de Artes, Música, Inglês e Ensino Religioso. Em todas essas áreas, sempre aliei a tecnologia à minha prática.

Em 2006, passei no concurso da Prefeitura Municipal de Curitiba, engravidei do meu primeiro filho, o Arthur e também me mudei para Curitiba. Nesse período, pedi demissão da pré-escola, optando por trabalhar como professora concursada pelas prefeituras de Curitiba e Campina Grande do Sul.

Fiz especialização em Arte e Educação, terminando em 2008.

Em 2009, passei novamente em outro concurso da Prefeitura Municipal de Curitiba, exonerando o padrão da prefeitura de Campina Grande do Sul. Nesse ano, passei a dar aulas o dia todo em um CEI - Centro de Educação Integral de Curitiba, como professora de música. Trabalhei até 2011 nessa área, desenvolvendo também projetos de Coral e Rádio Escola.

O projeto de Coral, conduzo até hoje, sendo um sucesso na escola e na comunidade. Em 2015, fomos convidados a integrar o Coral do Palácio Avenida do

HSBC, oportunizando uma grande experiência profissional e pessoal. O trabalho com a Rádio Escola também foi muito prazeroso. Além dos programas semanais apresentados na escola, fomos convidados a fazer uma programação na rádio da prefeitura.

O ano de 2012 foi o ano de mudanças em minha vida. Fui chamada pela Secretaria de Estado do Paraná para atuar como pedagoga, concurso realizado anteriormente. Ao mesmo tempo, fui chamada para mudança de área na prefeitura de Curitiba, concurso interno para atuar como pedagoga. Assim, deixei os dois padrões de sala de aula para atuar exclusivamente como pedagoga. Nesse mesmo ano nasceu meu segundo filho, o Albert.

Como sempre gostei e fui fascinada pelas tecnologias, iniciei um curso ofertado pela Rede Estadual de Ensino, sobre o uso das TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação. No final do curso, assisti a uma palestra com a professora da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Gláucia da Silva Brito. Ouvindo-a falar e citar a importância de pesquisas na área das tecnologias, despertou-me o desejo de começar a pesquisar e estudar esse tema. Logo, comecei a ler, fazer cursos e disciplina isolada de mestrado nessa área.

Passei no curso do Mestrado Profissional em Educação: Teoria e Prática de Ensino - PPGE:TPen em 2015. Não foi nada fácil! Fui classificada duas vezes na primeira fase do mestrado acadêmico desta Universidade, mas não conseguia aprovação pela banca, que era a entrevista que acontecia na segunda fase. Passei também na primeira fase do Mestrado em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, mas não passei na segunda fase. Na quarta tentativa, finalmente consegui entrar e realizar o sonho de fazer o mestrado.

Atualmente, continuo atuando o dia todo como pedagoga da Prefeitura de Curitiba e do Estado do Paraná e desenvolvo o projeto de Coral uma vez por semana, no final do dia.

Uma experiência que me chamou muito a atenção foi de uma professora de informática da prefeitura de Curitiba. Ela, além das aulas de informática, completava sua carga horária como professora corregente de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Em sua atuação com corregência, atendia três alunos que não conseguiam acompanhar a turma, pois ainda não tinham sido alfabetizados. Essa professora levava os três alunos para a sala de informática e trabalhava com jogos no computador ou utilizava os *netbooks*. Esses alunos em sala, quase não produziam,

mas contavam os dias para chegar a hora da correção e poderem utilizar as tecnologias. Com o uso dessas ferramentas tecnológicas, esses alunos foram motivados a aprendizagem e conseguiram progredir, além de participarem com entusiasmo das atividades.

Nessa mesma escola, a professora da Classe Especial, levava seu próprio *notebook* para que seus alunos pudessem acessar jogos e atividades. Várias vezes presenciei esse fato. Ela estabeleceu um horário semanal, para que os alunos utilizassem as tecnologias (*netbooks, notebooks*), além de uma aula no laboratório de informática, prevista na grade horária da escola.

Iniciei outra especialização no final de 2016, em Mídias Integradas na Educação, na UFPR.

Em toda essa experiência de sala de aula e como pedagoga, sempre utilizei e utilizo as tecnologias no dia-a-dia; seja no uso pessoal ou no profissional. Utilizo grupos para comunicações pedagógicas no celular. O computador e a internet são de uso diário na profissão de pedagoga, devido a consultar *e-mails*, fazer pesquisas, além do trabalho mais burocrático de planilhas de alunos, pareceres, e outros. Nas reuniões pedagógicas utilizo recursos do projetor multimídia, da TV ou rádio. Nos prês e pós conselhos que faço com alunos e professores, utilizo planilhas, tabelas e gráficos feitos no computador. Também fiz um canal no *Youtube*, chamado: ALFABETIZAÇÃO para crianças, com o objetivo de ajudá-las no processo de alfabetização. Acredito nas contribuições da tecnologia e na sua facilidade de atrair a atenção das crianças e jovens. Logo, escolhi esse tema de pesquisa por vivenciar o seu uso e querer aprender mais sobre ela.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

O século XXI, ou a contemporaneidade que vivemos, tem se destacado como o século da tecnologia. Nunca antes os recursos tecnológicos foram tão utilizados pelas pessoas como atualmente. Fazem parte da nossa sociedade, do nosso dia a dia e estão em todas as esferas da sociedade: no trabalho e no lazer, nas esferas públicas e privadas, no cinema, na TV e até mesmo nas igrejas. Esses recursos passaram a ser uma necessidade e não um luxo, nos dias atuais.

A escola, inserida nessa realidade, não é diferente. Os professores sentem e vivenciam em seu cotidiano as provocações, as necessidades e os desafios

proporcionados pelo aumento do ritmo da evolução tecnológica. Deparam-se com recursos didáticos diferentes da época em que se formaram como: TV *pendrive*, projetor multimídia, *netbooks* e *tablets*. Em contrapartida, jovens e crianças devido ao elevado consumo das mídias, possuem expectativas de serem formados para a sua época. Em Curitiba, a maioria das escolas possui TV, rádio, laboratório de informática com computadores, internet, *netbooks* e projetor multimídia. Desde 1992, quando se deu as primeiras compras de computadores para as escolas de Curitiba, a prefeitura vem desenvolvendo políticas públicas para o incentivo ao uso das tecnologias. (MONDINI, 2016).

O Município de Curitiba conta com professores regentes e corregentes¹ em seu sistema de ensino. Os corregentes em parceria com os regentes atendem a todos os alunos, mas sua ênfase está no trabalho com alunos com dificuldades de aprendizagem. Planejam adequações metodológicas e ações diferenciadas para o trabalho com esses alunos, além de serem regentes de Ciências. Ocorre assim o trio de regência: a cada duas turmas há um corregente que apoia essas turmas e ministra aulas de Ciências. Os corregentes passaram a dar aulas de Ciências para completar a carga horária de 33% de hora atividade do professor.

Queremos esclarecer que os alunos atendidos pelos corregentes não são alunos chamados “especiais” ou de inclusão. Para esses casos, a prefeitura contrata tutores. Os corregentes ajudam os regentes no trabalho diário em sala de aula, procurando trabalhar com os alunos que apresentam dificuldades no processo.

A intenção desta pesquisa surgiu com a concepção de que as tecnologias podem ser utilizadas como um suporte para o ensino-aprendizagem, uma ferramenta para a mediação do professor com o aluno e encontra-se presente na escola, no dia a dia da educação.

Assim questionamos: **como os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas?**

O escopo deste trabalho está em saber como os professores corregentes usam as tecnologias em suas práticas pedagógicas. Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor.

¹ Aprofundaremos a função do corregente no capítulo 3, subseção 3.5, na página 92.

Nosso foco é no professor e o uso que ele faz das tecnologias. Não entraremos na abordagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

1.3 OBJETIVOS

Para responder a questão trazida, traçamos como:

Objetivo Geral – Analisar e compreender como os professores corregentes, do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba, utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas.

De modo a cumprir o objetivo geral, delimitamos os seguintes Objetivos Específicos:

- Compreender a função do professor corregente na rede municipal de Educação de Curitiba – RME;
- Identificar a concepção de tecnologia apresentada pelos professores corregentes da RME, em especial, daqueles que atuam no 3º ano do Ensino Fundamental;
- Verificar se esses professores corregentes, já vivenciaram o uso de tecnologias em sua formação continuada e a sua aplicabilidade pedagógica;
- Analisar quais tecnologias os professores corregentes utilizam em suas práticas pedagógicas;
- Identificar e analisar os avanços, dificuldades e desafios a serem superados, no uso das tecnologias na escola.

1.4 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se pela existência das tecnologias nas escolas de Curitiba. Já são 24 anos de investimentos para equipar as escolas municipais com recursos tecnológicos e promover a formação dos docentes. (MONDINI, 2016). As escolas contam com laboratório de informática, acesso à internet *Wireless*, por meio do Projeto “*Wi-fi Curitiba*”; *netbooks* adquiridos pelo Programa Um Computador por Aluno – PROUCA; lousas digitais para as escolas de 6º ao 9º ano; TV com entrada USB e em algumas escolas *Smart TV*; rádio MP3; projetor multimídia; *tablets*

educacionais nos Centros de Educação Infantil – CMEI. Os professores corregentes, assim como os regentes, possuem acesso a todas essas tecnologias.

As escolas devem integrar as tecnologias às práticas pedagógicas, visto que elas já estão presentes nas esferas da vida social, como podemos ver e sentir no trabalho e lazer cotidiano. A escola pública, principalmente, deve atuar no sentido de superar as desigualdades sociais que o acesso das mídias tem gerado.

Para um aluno de classe social baixa, o acesso às tecnologias não são iguais aos alunos de classes sociais mais elevadas e a escola pública pode ampliar esse acesso utilizando as tecnologias. Se o professor deixar de trabalhar com essas tecnologias, está cometendo uma “injustiça social”, pois, retirará a oportunidade de acesso desses educandos.

Para Castells (2003), atividades econômicas, sociais, políticas e culturais estão sendo estruturadas pela Internet e outras redes de computadores. E “ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura”. (CASTELLS, 2003, p.8).

Optamos por pesquisar os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental, por ser o último ano do ciclo de aprendizagem, no qual os alunos devem concluir a alfabetização ou serão retidos no ciclo. Na experiência da pesquisadora, ao longo dos anos, temos visto que o 3º ano é o ano em que há mais retenções nas escolas.

Também, a escolha de pesquisar os corregentes se deu pelo fato deles trabalharem quase que exclusivamente com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, tendo que planejar adequações metodológicas e trabalhar com materiais alternativos. Supomos que esses professores possuem mais tempo para planejar essas adequações pelo fato de não precisarem planejar os conteúdos das outras disciplinas e nem terem as funções burocráticas de um regente, podendo aproveitar as possibilidades que as tecnologias oferecem no ensino-aprendizagem.

A pesquisa aconteceu por meio de questionário com 18 professores corregentes, no ano de 2016 e entrevistas com 10 professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2017. No Capítulo quatro serão apresentados com mais detalhes os sujeitos da pesquisa.

No início, pensamos em pesquisar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mas depois de algumas leituras e entendimento de conceitos, ressignificamos o entendimento e substituímos nossa pesquisa pelo termo tecnologia,

para não delimitarmos a pesquisa. Pois, muitos materiais utilizados pelos corregentes não são TIC.

Por tecnologia, embasados nas leituras de Kenski (2012b), Brito (2008) e Pinto (2005), entendemos ser um processo, fruto da evolução humana, em que o homem, com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida, desenvolveu técnicas e ferramentas. Assim, o lápis, o sistema de escrita, os livros, os jogos de tabuleiros, o quadro negro, entre outros recursos, são tecnologias presentes na escola.

Entendemos como TIC, após as leituras de Belloni (2001), Coll e Monereo (2010), qualquer dispositivo, que opera em sistema binário, eletrônico e integra a informação juntamente com a comunicação, através de um sistema de redes, como a internet.

André (2001) explica a importância de os trabalhos apresentarem relevância científica e social, ou seja, que “estejam inseridos num quadro teórico em que fiquem evidentes sua contribuição ao conhecimento já disponível e a opção por temas engajados na prática social”. (ANDRÉ, 2001, p.59). Estudar práticas sociais que contribuam no processo de ensino-aprendizagem e a mediação docente com o uso das tecnologias no despertar do interesse do aluno, entendemos como uma pesquisa de relevância. Também ao estudar o uso das tecnologias na escola pública, é uma forma de minimizar a injustiça social, que as tecnologias têm gerado na sociedade que a ela não tem acesso.

Assim, esse tema foi escolhido por acreditar que o desafio das escolas é o ensinar a todos, trabalhando de forma efetiva com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Não trazemos o uso das tecnologias como única solução para esses problemas, mas trazemos uma reflexão sobre esse uso e um novo olhar para o trabalho com os alunos permeado pelas tecnologias. Entender como acontece o uso das tecnologias por parte dos professores e analisar suas práticas exitosas, possibilita repensar a formação continuada necessária para atender as demandas contemporâneas.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma:

No Capítulo 1, trazemos a introdução. Nela, abordamos a apresentação pessoal da pesquisadora, o problema, os objetivos e a justificativa da pesquisa.

O Capítulo 2 aborda o tema da Tecnologia, Sociedade e Educação. Nele, trazemos um estudo de revisão de literatura, mostrando o que já se tem de pesquisado no campo das tecnologias na educação básica; mostramos a evolução das tecnologias, contextualizamos a sociedade da informação, trazemos os conceitos e potencialidades da tecnologia. Finalizando o capítulo, apresentamos os conceitos de cibercultura, ciberespaço e seus desafios para a sociedade.

No Capítulo 3, da Tecnologia e Educação, abordamos as políticas públicas existentes no contexto educacional, o tempo gestacional do professor para o uso das tecnologias, o uso pedagógico das tecnologias e seus princípios. Falamos do professor como mediador. Trazemos uma reflexão sobre a formação docente para o uso das tecnologias e contextualizamos a função do professor corregente em Curitiba.

O Capítulo 4 contempla os encaminhamentos metodológicos da pesquisa, trazendo os objetivos e a natureza da pesquisa, o contexto e sujeitos envolvidos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados: o questionário e a entrevista semiestruturada; a maneira como foram organizados e como serão analisados os dados.

No Capítulo 5, apresentamos a discussão dos resultados, mostrando o que revelou o questionário e as entrevistas, analisando o uso das tecnologias pelos professores corregentes, seus avanços, dificuldades e desafios. Utilizamos a análise de discurso nas entrevistas.

Terminamos com as considerações finais, respondendo a problemática da pesquisa, as referências, apêndices e anexos da dissertação.

2 TECNOLOGIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão”.*
(Paulo Freire, 1987, p.78).

Neste capítulo traremos um estudo de revisão, procurando mostrar as produções acadêmicas existentes sobre o tema. Apresentaremos a evolução das tecnologias ao longo do tempo, trazendo um breve histórico dessa evolução no formato de linha do tempo. Mostraremos como está o acesso à internet no Brasil e suas implicações sociais. Traremos a concepção de sociedade que acreditamos ainda dar conta da sociedade brasileira.

Abordaremos as dimensões da competência digital, que fazem parte das oito competências a serem desenvolvidas ao longo da vida de uma pessoa, de acordo com o Parlamento Europeu. Procuraremos esclarecer os conceitos de tecnologia, tecnologia digital e TIC. Por fim, contemplaremos as concepções de cibercultura e ciberespaço.

2.1 ESTUDO DE REVISÃO

Como primeiro momento da pesquisa, procuramos descobrir as produções já realizadas sobre as tecnologias, TIC, educação e professores corregentes, buscando nos seguintes lugares: Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná - UFPR, teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE dessa mesma universidade; as dissertações do Programa de Mestrado em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR; o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e os artigos indexados pela Scielo e BVS.

De acordo com Vosgerau e Romanowski (2014), os estudos de revisão no campo educacional são utilizados para três finalidades:

[...] descortinar o conhecimento acumulado em um determinado campo, permitindo ser utilizado por pesquisadores ou por profissionais para avançar os estudos ou aprimorar o trabalho; na construção de novas teorias, redefinir existentes ou desenhar novos estudos; e na condução de testes que permitam verificar a validade empírica de efetividade de modelos e quadros teóricos. (2014, p. 181).

Pela pesquisadora estar fazendo o mestrado profissional em Educação: Teoria e Prática de Ensino - PPGE:TPEn, na Universidade Federal do Paraná, optamos por iniciar as buscas por essa Universidade, acreditando que é preciso valorizar as produções da própria cidade, valorizar as produções do programa.

No Sistema de Bibliotecas da UFPR, ao utilizar as palavras-chave: tecnologia e educação, encontramos 3 projetos, mas nenhum sobre a Educação Básica.

O programa de Mestrado Profissional em Educação, por ter iniciado suas atividades no ano de 2013, ainda não possui todas as dissertações publicadas em seu site, não nos permitindo analisá-las.

O programa de doutorado em Educação do PPGE disponibiliza as teses na internet a partir do ano de 2010 e o programa de mestrado disponibiliza as dissertações a partir do ano de 2012. Dessa forma, apresentaremos o levantamento dessas pesquisas dos anos que estão disponibilizados para acesso no site, até o ano de 2015.

Procuramos levantar os temas e autores que trazem estudos sobre tecnologias, mídias, TIC na educação em geral; descartando somente trabalhos sobre a Educação a Distância e Educação Universitária. Para esse levantamento, fizemos a leitura de todos os títulos das teses disponíveis, por ano, selecionando os seguintes temas. (QUADRO 1).

QUADRO 1- LEVANTAMENTO DAS TESES DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/ UFPR, SOBRE TECNOLOGIA

DOUTORADO – PPGE / UFPR			
ANO	QUANTIDADE DE TESES SOBRE O TEMA	TÍTULO DAS TESES	AUTORES
2010	0	0	0
2011	0	0	0
2012	0	0	0

2013	1	- Tecnologia Educacional e reificação: uma abordagem crítica a partir de Marx e Luckacs.	Natália de Lima Bueno
2014	2	- Políticas de tecnologias na educação: o programa Paraná digital. - Que competências são necessárias para trabalhar em nanotecnologia? Análise das práticas de empresas e da oferta educacional numa área tecnológica emergente.	Maria Ivete Basniak Waleska Camargo Laureth

FONTE: A pesquisadora (2015).

Observamos que nos três primeiros anos desde 2010, não é apresentada nenhuma pesquisa relacionada à tecnologia. Em 2013 há apenas uma e em 2014 duas teses, mostrando como são poucos os estudos com a temática, na UFPR, Setor de Educação.

Sobre a análise dos programas de Mestrado em Educação temos (QUADRO 2):

QUADRO 2- LEVANTAMENTO DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/UFPR, SOBRE TECNOLOGIAS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – PPGE /UFPR			
ANO	QUANTIDADE DE DISSERTAÇÕES SOBRE O TEMA	TÍTULO DAS TESES	AUTORES
2012	4	- A formação continuada para o uso da TV multimídia: o olhar dos professores de história do litoral paranaense. - Televisão e educação: um estudo sobre o projeto televisando o futuro na escola. - O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio. - TV multimídia: uma tela de oportunidades para a educomunicação nas escolas públicas do Paraná.	- Alexandre Leocádio Santana Neto - Ana Gabriela Simões Borges - Lucas Barbosa Pelissari - Luis Otávio Dias
2013	5	- Projeto um computador por aluno em Araucária – UCAA: investigando a prática dos professores. - A tecnologia na infância: investigando o projeto kidsmart nos centros municipais de educação infantil de Curitiba. - Utilização de tablets na sala de aula: com a palavra, o professor. - Formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula: o que os professores querem.	- Fabrícia Cristina Gomes - Maria da Glória Galeb - Marlon de Campos Mateus - Renate Kottel Bueno

		- Tecnologias nas aulas de língua portuguesa: refletindo sobre a formação continuada dos professores.	- Wilson Cabral de Godoy
2014	4	<ul style="list-style-type: none"> - Uso do laboratório de informática e a cultura digital no processo de alfabetização em escolas municipais de Curitiba – PR. - A aprendizagem histórica de professores mediada pelas tecnologias de informação e comunicação: perspectivas da educação histórica. - Práticas docentes e cultura digital: redimensionamentos de processos pedagógicos na escola contemporânea. - Política e diretrizes para o uso de tecnologias educacionais no Paraná-formação e mediação docente (2003-2013). 	<ul style="list-style-type: none"> - Claudia Binotto - Cláudia Senra Caraméz - Lisiane Fernandes da Silveira - Stela Maris Britto Maziero
2015	4	<ul style="list-style-type: none"> - O projeto um computador por aluno (UCA): expectativas de uma escola. - Mídia e Escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula. - O blog como ferramenta pedagógica no ensino médio: uma proposta de produção dos alunos, numa perspectiva de ação frente ao conhecimento. - O uso pedagógico da lousa digital interativa: o caso da prática docente em língua estrangeira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Carlos Alberto Moreira Roballo - Everton Luiz Renaud de Paula - Maria de Cássia Araújo e Souza - Poliana Vogt

FONTE: A pesquisadora (2015).

As dissertações de mestrado apresentam um maior número de pesquisas comparado às teses de doutorado, mas ainda estão longe de atender as demandas contemporâneas. Notamos estudos específicos de determinadas mídias, mas não há estudos que contemplem o uso que os professores fazem das tecnologias em sua prática pedagógica. Apenas a dissertação de Gomes (2013), investiga a prática do professor, mas dentro de um projeto do UCAA.

Também foram analisadas as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, por ser da esfera Federal no Município de Curitiba e apresentar um mestrado exclusivo em tecnologia. Selecionamos as dissertações que abordassem temas referentes à Educação e as Tecnologias na Educação Básica, não contemplando dissertações que abordassem os níveis médio e superior. Para essa seleção, fizemos a leitura de todos os títulos das dissertações disponíveis no site, selecionando estes temas.

QUADRO 3 – LEVANTAMENTO DAS DISSERTAÇÕES DO MESTRADO EM TECNOLOGIA DA UTFPR, SOBRE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

DISSERTAÇÕES – UTFPR			
ANO	QUANTIDADE DE PRODUÇÕES SOBRE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	TÍTULOS QUE ABORDAM TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO NO ENSINO BÁSICO	AUTOR
1997	1	- Uma análise sobre a implantação de laboratórios de informática nas escolas de 1º grau	- Glauca da Silva Brito
1998	0	0	0
1999	1	- O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica	- Natalia de Lima Bueno
2000	1	- Uma concepção comunicativa de educação tecnológica.	- Andréa Maila Voss Kominek
2001	2	- A linguagem audiovisual na informática educativa: uma análise dialógica do Proinfo - A informação via artefatos tecnológico-computacionais nas comunidades de prática: os faróis do saber de Curitiba-PR	- Edson Jacinski - Cristina Tavares da Costa Rocha
2002	2	- Consolidação de comunidades de prática: um estudo de caso no PROINFO - Análise de softwares didáticos para o ensino fundamental com base em múltiplas linguagens	- Jorge Luiz Kimieck - Rossana Ghilardi Cardoso
2003	0	0	0
2004	1	- A escola como espaço de formação docente: uma análise a partir da perspectiva dos professores	- Guiomara de Oliveira Ribas
2005	1	- Uma biblioteca digital para o fomento de atitudes colaborativas nos usuários de um ambiente de aprendizagem online.	- Marcio de Paula Faria
2006	0	0	0
2007	0	0	0
2008	1	- Estudo do uso de um portal educacional por docentes de uma escola pública.	- Andréa Maia de Santana
2009	1	- As softs e os hards: a produção de conhecimento em um Portal de Educação em Curitiba - PR.	- Solange Ferreira dos Santos

2010	1	- Tecnologia e Educação No Paraná: desafios do dia a dia.	- Ana Cláudia Bastian Machado
2011	1	- Percepção sobre o uso e produção de conteúdo educacional digital por docentes da rede pública.	- Catia batista reis
2012	1	- Do trabalho para a escola: olhares de trabalhadores- estudantes e professores sobre as relações entre o saber da prática e o saber da escola.	- Guilherme andre dal moro
2013	0	0	0

FONTE: A pesquisadora (2015).

Mesmo sendo um curso específico em Tecnologia, são poucas as produções que contemplam a Educação básica, não passando de no máximo duas produções por ano.

Foi consultado, também, o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Buscamos por palavras chaves, começando por duas palavras gerais (TIC, educação) e restringindo com mais palavras pertinentes a esse estudo (professor, professor corregente, tecnologias, ensino básico, professor auxiliar, ensino fundamental, uso das TIC, aproveitamento das TIC pelo professor).

QUADRO 4 – LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS NA CAPES

PERIÓDICOS DA CAPES		
DATA DA PESQUISA	PALAVRAS – CHAVE	QUANTIDADE DE ARTIGOS
28/12/15	TIC, educação	314
	TIC, educação, professor	52
	TIC, educação, professor corregente	0
13/01/2016	TIC, educação	316
	TIC, educação, professor	52
	TIC, educação, professor corregente	0
	TIC, educação, professor	54
	Tecnologias, educação, professores	623

25/02/2016	TIC, educação, professores corregentes	0
	Tecnologias, educação, professores corregentes	0
	Professores corregentes	0
07/03/2016	TIC, professor auxiliar	5
	Ensino básico e TIC	27
	Uso das TIC, professores, ensino fundamental	15
	Aproveitamento das TIC pelo professor	27

FONTE: A pesquisadora (2016).

A pesquisa mostrou que as palavras TIC e educação possuem cerca de 316 artigos. Substituindo a palavra TIC por tecnologias o número de periódicos aumenta para 623, mostrando que há quase o dobro de pesquisas que utilizam a palavra tecnologias. Neste projeto, optamos por mudar o termo TIC para tecnologia, para não restringir a pesquisa apenas às Tecnologias de Informação e Comunicação, como já justificado na introdução.

Ao se acrescentar a palavra professor, o número de artigos reduz para 54. Ao se acrescentar a palavra corregente ao professor, não há pesquisas no banco da CAPES que contemplem esses estudos.

Também ao se trocar o nome de corregente por professor auxiliar, o banco de dados traz 5 artigos, mas nenhum deles aborda a função do professor. Ele traz a palavra “auxiliar” de forma isolada, não se referindo à função docente. Isso mostra que a função do professor corregente tem mais ênfase na Rede Municipal de Curitiba e não há estudos sobre essa função ou que contemplem esses profissionais.

O primeiro contato com as pesquisas já realizadas se deu pela leitura dos resumos dos trabalhos. Partindo disso, buscamos selecionar as pesquisas de literaturas científicas mais relevantes e que pudessem dialogar com o tema desta pesquisa.

Dessa triagem, foram selecionadas 6 pesquisas (QUADRO 5) que contribuíram para o referencial teórico desta dissertação. Embora nenhuma estivesse diretamente relacionada com o tema desta pesquisa; porém, todas relacionadas com as tecnologias e a educação.

QUADRO 5 - CONSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO – RESUMOS MAIS RELEVANTES

Autor	Ano	Título	Palavras-Chave	Descrição	Resultados
CUERVO, Angel Alberto Valdés. et al. ²	2011	Atitudes de docentes de educação básica frente às TIC	Atitudes do docente, tecnologia educativa, educação básica	Estudo relacional quantitativo, com objetivo de descrever as atitudes dos docentes frente às TIC, e a relação destas com as variáveis sócio-demográficas dos primeiros (idade e gênero) e com as variáveis que indicam possibilidades de acesso às tecnologias (computador em casa e Enciclomedia na sala de aula).	Indicam de maneira geral os docentes possuem atitudes positivas frente às TIC, especialmente os docentes de gênero masculino e aqueles que contam com maiores possibilidades de interação com as mesmas.
LEITE, Wierlayn Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento	2012	A inclusão das TIC na educação brasileira: problemas e desafios	TICs, novas tecnologias, ensino e aprendizagem, educação	Trabalho de meta-análise discursiva de caráter crítico-reflexivo, no qual aborda os principais problemas relacionados ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação brasileira e também sugere como deve ser o novo perfil do professor que deseja utilizar essa ferramenta na sua prática docente.	A inserção das TIC na educação pode ser, dependendo de como estas sejam utilizadas, uma importante ferramenta para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Porém, o que se vê na educação brasileira é que muitos professores não utilizam essas tecnologias na sua prática docente.
PAULA, Mariúbia Corrêa de	2014	Um novo olhar sobre a transposição didática: o início de uma proposta para o uso das TIC na Educação Básica	Ensinar, Educação Básica, percepção, professor, transposição didática, Tecnologias da Informação e Comunicação.	Levantou-se informações sobre como ocorreu o acesso/uso de TIC de professores de uma escola observada, se incluíam no planejamento e se a aula com as TIC era diferente da aula com livro didático.	Ainda não há uma Transposição Didática adequada para o uso das TIC, foram justapostas à aula.

² Os autores que contribuíram para a pesquisa, apresentados nos quadros 5 e 9, estão referenciados nas Referências, ao final da dissertação.

BOENO, Renate Kottel	2013	Formação Continuada para o uso de Tecnologias em sala de aula: o que os professores querem	Formação continuada de professores, Tecnologias de informação e comunicação, Necessidades de formação continuada.	Investigação sobre o que os professores desejam aprender para utilizar tecnologias em suas aulas, analisando a necessidade de formação continuada dos professores em formação para o uso de tecnologias, a partir de sua percepção.	Tanto o colégio investigado quanto os escalões superiores enquadram-se em interessam-se em ofertar formação continuada para seus professores para aprimorar suas práticas docentes. E os professores demonstraram interesse em participar de cursos sobre o uso de tecnologias em sala de aula.
MACHADO, Liliâne Santos	2011	Formação de professores: o computador como recurso para o processo de alfabetização	Alfabetização, Tecnologias de Informação e Comunicação, Formação de professores alfabetizadores	Investigação do uso do computador e seus recursos no processo de alfabetização por meio da formação de professores alfabetizadores.	Os alunos ficam mais motivados para realizar as atividades quando os recursos são interativos. Quanto à postura dos professores após a formação, um deles buscou modificar sua prática e o outro permaneceu do início ao fim com a mesma postura.
ALVARENGA, Cacilda Encarnação Augusto; AZZI, Roberta Gurgel	2013	Relações significantes entre a autoeficácia computacional docente e variáveis pessoais e contextuais: um estudo com professores brasileiros	Autoeficácia, professores, tecnologias no ensino	Investigação sobre as relações entre a crença de autoeficácia computacional docente e variáveis pessoais e contextuais de professores brasileiros de Ensino Médio.	A variáveis mais significativas relacionadas as crenças foram: gênero, tempo de graduado, tempo de experiência docente, tempo que tem computador em casa, frequência de uso do computador para fins pessoais e didáticos, habilidade para usar o computador, preparação e motivação para usar tecnologias no ensino.

FONTE: A pesquisadora (2016).

Também buscamos artigos no banco de dados da Scielo. Utilizando as palavras - chave: Tecnologia, educação - obtivemos 600 artigos. Acrescentando a

palavra professor foram encontrados 32 artigos, sendo 27 do Brasil, 1 da Colômbia, 1 de Portugal, 2 sobre Saúde Pública e 1 do México. Os artigos foram lidos e selecionados conforme o tema da pesquisa.

QUADRO 6 – PESQUISA AO BANCO DE DADOS DA SCIELO

PERIÓDICOS DA CAPES		
<i>DATA DA PESQUISA</i>	<i>PALAVRAS-CHAVE</i>	<i>QUANTIDADE DE ARTIGOS</i>
18/07/2016	Tecnologia, educação	600
	Tecnologia, educação, professor	32
	Tecnologia, educação, professor corregente	0
	Professor Corregente	0

FONTE: A autora (2016).

Para finalizar o estudo de revisão bibliográfica, buscamos na plataforma Thesaurus, no ERIC, descritores das palavras-chave: Tecnologia, professor corregente e Ensino Fundamental. Como a plataforma de busca é na língua Inglesa, traduzimos as palavras-chave para o inglês: Technology, Teaching Assistant, Elementary Schools, para realizar as buscas. Encontramos os seguintes descritores. (QUADRO 7).

QUADRO 7 – DESCRITORES DAS PALAVRAS – CHAVES

DESCRITORES ENCONTRADOS NO THESAURUS/ ERIC			
<i>Data da Pesquisa</i>	<i>Tecnologia – Technology</i>	<i>Professor Corregente Teaching Assistant</i>	<i>Ensino Fundamental Elementary Schools</i>
28/09/2016	Education Technology	Teaching Assistant	Elementary Schools
	Technology Education	Teachers	Elementary School Teachers
	Technology Integration		
	Technology Uses in Education		
	Technologies		

FONTE: A pesquisadora (2016).

Após encontrar os descritores da pesquisa, buscamos no Portal Regional da BVS, trabalhos científicos que envolvessem esses descritores. Encontramos os seguintes resultados (QUADRO 8):

QUADRO 8 – PESQUISA NO PORTAL BVS

PESQUISA DOS DESCRITORES NO PORTAL BVS		
DATA DA PESQUISA	DESCRITORES	QUANTIDADE DE TRABALHOS ENCONTRADOS
28/09/2016	Education Technology AND Elementary Schools	0
	Teaching Assistants	23
	Teaching Assistants AND Technology	7
	Teaching Assistants AND Technology AND Elementary Schools	0
	Elementary Schools Teachers AND Technologies	1
	Technology Education AND Teachers	17
08/03/2017	Tecnologies AND learning difficulties	96

FONTE: A pesquisadora (2017).

De todos os trabalhos encontrados, a maioria se referia à educação na área da saúde. Também, dos 17 trabalhos encontrados com os descritores *Technology Education AND Teachers*, três dos artigos eram repetidos. Nos descritores *Technologies and learning difficulties*, foram encontrados 96 trabalhos. Ao selecionar os trabalhos em Língua Portuguesa e em Espanhol, encontramos 23 produções, sendo a maioria delas na área da saúde. Encontramos apenas uma pesquisa sobre *blog* de adolescentes surdos e um relato de experiência sobre a medicação com computador em atendimento clínico de Psicopedagogia. Analisamos todos os títulos dos trabalhos encontrados, apenas dois artigos contribuíram para essa pesquisa. (QUADRO 9).

QUADRO 9 – DADOS DO ARTIGO ENCONTRADO NO BVS

TÍTULO	AUTORES	ANO	LÍNGUA	REVISTA	RESULTADOS DA PESQUISA
Medios de enseñanza com nuevas tecnologías versus preparaciónde los docentes para utilizarlos.	ESCOLBAR, Miriam Gutiérrez et al.	2013	Espanhol	Medisur	A revisão bibliográfica dessa pesquisa demonstrou que existem insuficiências no conhecimento dos professores para utilizar as tecnologias de informação, como suporte nos meios de ensino.
(Re)construindo aprendizagens através da mediação do computador: um relato de experiência	SANTOS, Joelma Cristina; MELO, Maria de Fatima Aranha de Queiroz e. Melo	2013	Português	P@psic	Acredita-se que a inserção de novas tecnologias em atendimentos psicopedagógicos pode contribuir de forma diferenciada para a prática clínica... pois são, muitas vezes, capazes de despertar mais a atenção e o interesse do que os recursos tradicionais.

FONTE: A pesquisadora (2017).

Embora haja estudos e artigos que abordem a tecnologia na educação, não encontramos nos bancos da CAPES, Scielo e BVS, pesquisas sobre o uso das tecnologias pelos professores da Educação Básica. Também não encontramos nenhum artigo, tese ou dissertação que aborde o professor corregente, mostrando a importância desta pesquisa.

2.2 A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Paulo Freire dizia que a escola deve estar à altura do seu tempo (PAPERT; FREIRE, 1995), mas que tempo é esse que vivemos hoje?

Para entender as mudanças necessárias à escola e à educação, precisamos entender o contexto histórico e social da sociedade atual. Chamada por alguns pensadores de Sociedade da Tecnologia (CARVALHO, 2010), por outros, de Sociedade do Conhecimento (AMARAL, 2006; CARVALHO, 2008), de Sociedade da

Informação (COLL; MONEREO, 2010; ASSMANN, 2000; MATTELART, 2006; BELLONI, 2001), de Sociedade da Aprendizagem (ASSMANN, 2000) ou de Sociedade em Rede (CASTELLS, 2001). A sociedade atual se caracteriza pela rapidez e abrangência de informações. No decorrer desta pesquisa, tentaremos discorrer e refletir sobre a concepção de Sociedade da Informação, que acreditamos ainda ser a que melhor corresponde à sociedade brasileira nos dias atuais.

A Sociedade da Tecnologia esta associada com a Revolução Industrial e é marcada pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, fundamental para a realização e consolidação da sua unidade produtiva típica, a saber, a empresa de capital privado. (CARVALHO, 2010). O termo Sociedade do Conhecimento aparece em 1994, por Peter Drucker, que pensava numa sociedade pós-capitalista, onde o conhecimento comunicado através das TIC seria a peça central de engrenagem da sociedade e um fator gerador de riqueza. (AMARAL, 2006). O termo Sociedade em Rede refere-se às novas tecnologias da informação que estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. (CASTELLS, 2001).

Para Castells (2001), cabe a Nora & Minc (1980) a cunha do termo Sociedade da Informação. “A Sociedade da informação é a sociedade que está actualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de baixo custo”. (ASSMANN, 2000, p.8). Assim, a principal característica da Sociedade da Informação é o acesso de baixo custo às informações.

Assmann (2000) nos diz que é fundamental considerar a Sociedade da Informação como uma Sociedade da Aprendizagem, pois, o processo de aprendizagem já não se limita ao período de escolaridade, mas ao longo da vida.

No Brasil, temos 58% da população com acesso à internet (BRASIL, 2016), por outro lado, vemos que mesmo com esse acesso, não temos garantido o conhecimento ou a aprendizagem da população. Acreditamos que os termos Sociedade do Conhecimento e Sociedade da Aprendizagem, não se encaixam no perfil da sociedade brasileira, pois, o acesso à informação, não garante o conhecimento e a aprendizagem. Também, as concepções de Sociedade da Tecnologia ou Sociedade em Rede não dão conta de atenderem a sociedade brasileira, pois temos metade da população sem acesso à internet e a tecnologia digital. Optamos pela concepção de Sociedade da Informação, pois, mesmo com a metade da população não tendo acesso à internet, ainda assim, tem acesso a várias fontes de informações como a televisão, o rádio, os jornais e revistas.

As mudanças históricas estão relacionadas às mudanças nas tecnologias e seu processo evolutivo. Podemos ver isso nos conhecimentos trazidos pela arqueologia, em que através do resgate de objetos (da tecnologia da época), podem reconstruir as práticas cotidianas, a organização social e as formas de vida de um povo.

O desenvolvimento de cada pessoa ocorre em um ambiente com ferramentas e associa-se ao seu uso. (COLL; MONEREO, 2010). Assim, não podemos estudar as tecnologias sem associá-las a sociedade e ao homem, pois o homem é um ser social. Belloni (2001) corrobora dizendo que “o homem é um ser social e isto significa que ele é o resultado de sua sociedade”. (BELLONI, 2001, p.56). Ele é resultado do processo de socialização realizado pela família, pela igreja, pela escola ou outras instituições.

Para Castells “[...] a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. (2001, p.25). Embora a tecnologia não determine a evolução histórica e a transformação social, ela ou a falta dela incorpora “a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico”. (CASTELLS, 2001, p.26).

O papel do Estado na relação da tecnologia e da sociedade, promovendo-a ou interrompendo-a é um fator decisivo no processo, pois expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinada, como afirma Briggs e Burke:

A geopolítica (que é a geografia do poder do Estado), a ciência e a economia sempre influenciaram o modo de desenvolvimento da tecnologia e da mídia: era objeto de disputa que país ou indivíduo seria responsável por uma invenção [...]. (2006, p.120).

As tecnologias são frutos do desenvolvimento capitalista e sua presença não é neutra. O rádio, o filme, a televisão, a publicidade são meios de dominação, a serviço de uma classe dominante. Para Belloni “[...] estes instrumentos de produção da consciência são meios de dominação, a serviço da disseminação dos valores da classe dominante e da perpetuação do sistema capitalista e da sociedade de consumo”. (2001, p.56).

Sancho et al. (2006), também corrobora com a afirmativa de que as tecnologias da informação e comunicação não são neutras. “Estão sendo desenvolvidas e

utilizadas em um mundo cheio de valores e interesses que não favorecem toda a população.” (2006, p.18).

Para Garcia-Vera, as tecnologias não são neutras, elas “respondem aos interesses dos grupos de poder”. (2000, p.169). Castells (2001) afirma que a revolução tecnológica atual se originou e se difundiu não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, “a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional [...]” (CASTELLS, 2001, p.31).

Mesmo em meio à evolução das tecnologias e das mídias³, muitas delas continuaram sendo importantes, como afirma Briggs e Burke:

Com o surgimento das publicações, os manuscritos continuaram sendo importantes, como aconteceu com os livros e o rádio na idade da televisão. A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque. (2006, p.15).

Para entendermos o contexto contemporâneo é preciso conhecer a evolução histórica da sociedade e das tecnologias, pois, “históricos como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade”. (FREIRE, 2002, p.15). Apresentaremos a seguir um breve histórico dessa evolução, para conseguirmos compreender o cenário atual.

2.2.1 Breve Histórico Evolutivo da Sociedade Tecnológica

Percebemos que as tecnologias estão inseridas nas esferas sociais das pessoas, seja nos lares, no trabalho ou no lazer. Para Belloni (2001) a família está perdendo suas funções na formação da personalidade do indivíduo, passando a partilhá-las com a escola e as mídias.

De acordo com Castells (2003) “a internet é de fato uma tecnologia da liberdade. Mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor”. (2003, p.225).

Entender as lições trazidas pela história das revoluções nos faz entender o presente e repensar nossas ações para o futuro. Temos um exemplo disso quando

³ A palavra mídia vem de médium. Aqui entendemos como o conjunto de diversos meios de comunicação, com a finalidade de transmitir informações e conteúdos variados.

vemos que “o fato de países e regiões apresentarem diferenças quanto ao momento oportuno de dotarem seu povo do acesso ao poder da tecnologia representa fonte crucial de desigualdade em nossa sociedade”. (CASTELLS, 2001, p.52).

Logo, percebemos a importância de refletir sobre o uso das tecnologias, descobrir sua influência na vida das pessoas e seu potencial na educação e no desenvolvimento da sociedade. Para isso, apresentaremos um breve relato da revolução das tecnologias, procurando conhecer o passado para entender o presente e traçar perspectivas de futuro.

QUADRO 10 – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS TECNOLOGIAS

LINHA DO TEMPO HISTÓRICA	REVOLUÇÕES MUDIÁTICAS – LÉVY (2011)	LEMOS (2013)	BRIGGS E BURKE (2006)
PRÉ- HISTÓRIA 	<u>Oralidade:</u> Cultura oral, tribos.	8.000 e 5.000 a.C – Revolução do Neolítico- 1º sistema técnico desenvolvido no surgimento das cidades e impérios.	
4.000 a. C - Invenção da Escrita		3.500 a.C – Surgiu a escrita – desenvolvimento de transportes, da metalurgia e da arte da guerra.	
IDADE ANTIGA 	<u>Escrita:</u> Desenvolvimento da agricultura, invenção de cidades, pré-escrita das civilizações antigas. <u>Alfabeto:</u> Leitura e escrita pelos escribas (casta seleta).	Séc. V a.C – Com Thales de Mileto, Heráclito e Pitágoras. Nasceu uma ciência grega com o desenvolvimento da matemática, da geometria e da aritmética. Romanos se destacaram no direito, arquitetura e urbanização.	5.000 a. C – Invenção da escrita. 2.000 a. C – Invenção do alfabeto.
476 – Queda do Império Romano	Democratização da escrita – mais pessoas aprenderam a ler.	476 – Queda do Império Romano	
IDADE MÉDIA	Desenvolvimento dos povos nas áreas da filosofia, ciência, economia e dinheiro, surgiram com o uso do alfabeto.	Séc. XII – Cruzadas abriram as portas do Oriente e comércio. Séc. XIII – Uso das energias hidráulicas e eólicas como o moinho a vento implantado na Europa.	Cultura oral baseada em sermões e poemas. 868- 1º livro impresso conhecido (China).

			1450- Revolução da prensa gráfica.
1453 – Tomada de Constantinopla			
<p>IDADE MODERNA</p>    	<p><u>Impressão:</u> Revolução Industrial.</p> <p>Impressão em massa de livros.</p> <p>Revolução científica – jornais científicos, mapas, bibliotecas.</p> <p>Democracia moderna.</p>	<p>Renascimento – pensamento racional, destaque ao empirismo de F. Bacon e o racionalismo de R. Descartes.</p> <p>Era do maquinismo, sistema biela-manivela.</p> <p>Séc. XV – 1ª Revolução – pela tríade: bússola, pólvora e imprensa.</p> <p>1769 - Máquinas a vapor.</p> <p>1780 - Indústria têxtil, primeiras indústrias e produção de ferro de boa qualidade.</p> <p>Séc. XVIII- Ciência e técnica – objetividade, racionalidade instrumental, universalismo e neutralidade.</p>	<p>Ampliação das bibliotecas e surgimento de catálogos impressos de bibliografias do que havia sido escrito.</p> <p>1456- Impressão da Bíblia de Gutenberg.</p> <p>Por volta de 1500 haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares da Europa.</p> <p>Resistência do mundo muçumano à impressão gráfica. Pensavam ser pecado imprimir livros religiosos.</p> <p>Em 1515, o Sultão Selim I fez um decreto punindo com a morte a prática da impressão.</p> <p>No final do reino do Sultão Murad III (1574 a 1595) foi permitido a venda de livros impressos não religiosos.</p> <p>1517 – Impressão das 95 teses de Lutero.</p> <p>1564 – 1º Índice de livros proibidos geral.</p> <p>1688 – A “Revolução Gloriosa” na Inglaterra.</p> <p>1709- Lei de direitos autorais britânica.</p> <p>1751-65 – Publicação da Encyclopédie.</p> <p>1775 – Máquina a vapor aperfeiçoada por Watt e Boulton.</p> <p>Séc. XVII – Surgimento dos jornais.</p>

1789 – Revolução Francesa			
<p>IDADE CONTEMPORÂNEA</p>      	<p><u>Digital:</u> Interconectividade.</p> <p>Ubiquidade – estar em todo o lugar na rede ao mesmo tempo.</p> <p>Crescimento do poder da comunicação.</p> <p>Automação.</p> <p>Todos podem publicar em blogs, vídeos, redes sociais (autoria).</p>	<p>Revolução Industrial – <u>tríade:</u> metal, carvão e máquina a vapor.</p> <p>Séc. XIX – outra revolução industrial – sistema técnico baseado na: eletricidade, petróleo, motor a explosão e nas indústrias de síntese química.</p> <p>1837- telégrafo elétrico.</p> <p>1875- telefone, rádio, cinema.</p> <p>1964- 1º satélite de comunicação – o Telstar.</p> <p>Segunda Guerra Mundial – <u>tríade:</u> energia nuclear, informática, engenharia genética.</p> <p>Séc. XX – ideia de pós-modernidade, pós-industrialismo.</p> <p>Tratamento automático de informação, dividido em 4 etapas:</p> <p>1ª 1940 a 1950 – cibernética.</p> <p>2ª 1960 a 1970 – ligados às universidades e à pesquisa militar – minicomputadores.</p> <p>3ª 1970- microcomputadores e redes telemáticas.</p> <p>4ª 1980 – popularização do computador pessoal, ciberespaço e sua inserção na cultura</p>	<p>1790- Primeiro moinho a vapor na Grã-Bretanha.</p> <p>1798 – Máquina de fabricar papel.</p> <p>1803 – Fulton põe em funcionamento um barco a vapor.</p> <p>1804 – Máquina a vapor de Trevithick anda sobre trilhos.</p> <p>1811 – Início da operação da prensa a vapor.</p> <p>1820 – Primeiro navio de ferro a vapor.</p> <p>1837 – Telégrafo elétrico.</p> <p>1842 – Lei de direitos autorais britânica.</p> <p>1868 – idade de ouro das construções de ferrovias nos EUA.</p> <p>1876 – Telefone de Bell: primeira transmissão de Boston para Cambridge.</p> <p>1877 – Protótipo da máquina de escrever Remington e Fotografia com chapa seca.</p> <p>1879 – Trem elétrico da Siemens em Berlim.</p> <p>1880 – Hertz descreve as ondas de rádio.</p> <p>1899 – Gravação magnética de som.</p> <p>1911 – Primeiro estúdio de Hollywood.</p> <p>1919 – Fundação da Radio Corporation of America.</p> <p>1920 – Desenvolvimento da radiodifusão.</p> <p>1926 – 1ª transmissão da <i>NBC Red Network</i> (anteriormente WEA/AT&T).</p> <p>1930 – 1ª apresentação de televisão (sistema Baird).</p> <p>1934 – Sistema mútuo de radiodifusão.</p>

     		<p>contemporânea, computador conectado.</p> <p>1984 – Realidade virtual.</p> <p>1998 – Movimento tecnorrealista nos EUA, dando origem a um Manifesto de escritores e intelectuais, contendo 8 pontos.</p>	<p>1935 – Radar.</p> <p>1952 – Primeiros computadores da IBM.</p> <p>1953 – Primeiros computadores gigantescos – o <i>Colossus</i>, o <i>Eniac</i> e o <i>Univac</i>.</p> <p>1956 – Colocado o 1º cabo telefônico transatlântico.</p> <p>1960 – Descoberta do DNA.</p> <p>1961 – Yuri Gágarin, 1º homem no espaço. E lançamento do satélite Telstar, com função de transmissões sem fio de rádio e televisão.</p> <p>1962 – 1ª transmissão de televisão ao vivo dos EUA, via satélite Telstar.</p> <p>1963 – Venda do minicomputador de William Olsen.</p> <p>1969 – A descida do homem na Lua.</p> <p>1970 – Intel introduziu o chip RAM (memória de acesso randômico).</p> <p>1971 – Marciam Ted Hoff inventou o microprocessador.</p> <p>1974 – Bushnell começou a vender um brinquedo com microprocessador – Pong.</p> <p>1977 – Telefone celular.</p> <p>1978 – Computador pessoa Appel II.</p> <p>1979 – Início da comercialização na Internet.</p>
---	--	---	---

			<p>1980 – Atari se destaca na venda de videogames e computadores domésticos simples.</p> <p>1984 – A Apple Macintosh lançou um comercial de TV.</p> <p>1986 – <i>Microsoft</i> se torna companhia pública.</p> <p>1994 – Jerry Yang e David Filo fundaram a <i>Yahoo!</i></p> <p>1998 – Sergey Brin e Larry Page fundaram o <i>Google</i>.</p>
---	--	--	--

FONTE: A pesquisadora (2016). Quadro elaborado a partir de: LÉVY (2011), LEMOS (2013) e BRIGGS E BURKE (2006). Figuras ilustrativas retiradas do Google Imagens.

A origem da internet pode ser encontrada na ARPANET, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), em setembro de 1969 (CASTELLS, 2003). A ARPA foi formada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, objetivando alcançar superioridade tecnológica militar.

“Em suma, todos os desenvolvimentos tecnológicos decisivos que levaram à Internet tiveram lugar em torno de instituições governamentais e importantes universidade e centros de pesquisa”. (CASTELLS, 2003, p.23). Outro fato a se destacar é que a cultura da liberdade que floresceu nos campi universitários nas décadas de 1960 e 1970, levou a interconexão de computadores para seus próprios fins, buscando “a inovação tecnológica pelo puro prazer da descoberta”. (CASTELLS, 2003, p.25). Esse uso por prazer, fez da internet a base tecnológica para a forma organizacional da Sociedade da Informação.

Ao analisar a história, podemos observar que as inovações tecnológicas se destacaram gradativamente, sendo chamadas de eras por alguns autores. De acordo com Briggs e Burke (2006), tivemos a “era das ferrovias”, a “era da radiodifusão”, a “era da televisão” e a “era do cinema”. Mas, “em nenhuma das eras, mesmo naquelas que receberam a alcunha ‘de ouro’ – pelo menos em retrospecto -, nenhum meio eliminou o outro”. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.263). Vemos que o velho e o novo coexistiram e ainda coexistem. Temos o rádio - a *webrádio*, a televisão - a *smart TV*, o telefone - os *smartphone*.

A evolução das tecnologias, na Idade Contemporânea, é alarmante. Das décadas de 70 em diante, vemos uma aceleração no avanço das tecnologias digitais, deixando obsoleto rapidamente o que no momento é atual. Embora as tecnologias coexistam, com a obsolescência programada, as pessoas procuram atualizar-se ou substituir algo que estragou e para isso, estão trocando seus aparelhos eletrônicos por novos modelos que surgem a cada ano.

“A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque”. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.15) Essas mudanças podem ser notadas em cada novo produto, em cada aperfeiçoamento, em cada invenção que surge no mercado. Tornando um sistema contínuo.

Coll e Monereo (2010) afirmam que graças à interligação entre diferentes computadores digitais e a internet, chegamos à Sociedade da Informação, definida como:

Um novo estágio de desenvolvimento das sociedades humanas, caracterizado, do ponto de vista das TIC, pela capacidade de seus membros para obter e compartilhar qualquer quantidade de informação de maneira praticamente instantânea, a partir de qualquer lugar e na forma preferida, e com um custo muito baixo. (COLL; MONEREO, 2010, p.20).

Vemos pela história, que todas as sociedades foram e serão sociedades da informação e do conhecimento, podemos nomear essa sociedade como da Informação, pois, nunca se teve tanto acesso como nos dias atuais. Hoje temos toda a informação de uma biblioteca ao nosso alcance através da internet. Entretanto a informação não garante o conhecimento. “A maioria das pessoas que vive no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação; isso não significa que disponha de habilidade e do saber necessário para convertê-los em conhecimento”. (SANCHO et al., 2006, p.18).

A abundância de informação e a facilidade de acesso a ela não garante que as pessoas estejam mais ou melhores formadas.

A ausência de critérios para selecioná-la e confirmar sua veracidade, a abundância de informação, que responde, além disso, aos interesses e finalidades daqueles que têm poder, os meios e a capacidade para fazê-la circular, transformam-se facilmente, para muitos cidadãos e cidadãs, em excesso, caos e ruído. (COLL; MONEREO, 2010, p.22).

Esse é o grande desafio da Sociedade da Informação e também da escola: levar as pessoas a transformarem as informações em conhecimento. Para Valente conhecimento “é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação”. (2005, p.24).

Sabemos que cada pessoa deve desenvolver autonomia para escolher, selecionar e incorporar as informações, transformando-as em conhecimento. Isso “envolve informação interiorizada e adequadamente integrada nas estruturas cognitivas do indivíduo”. (ADELL, 1997 apud COLL; MONEREO, 2010, p.22).

Para adquirir conhecimento é preciso sistematizar. Devemos organizar as diversas informações que recebemos em sistemas, de modo que nosso cérebro os armazene e processe. Assim, o que era informação, passa a ser um conhecimento interiorizado. Esse é o desafio do professor, levar o aluno a sistematizar a informação e transformá-la em conhecimento individual. Pois, para que haja transformação de uma pessoa ou de um país, não basta ter acesso a muitas informações, é preciso que se construa o conhecimento a partir delas.

A Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, levantamento sobre os hábitos de informação dos brasileiros, realizada pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), revelou que a televisão continua como o meio de comunicação predominante, seguida pela internet e pelo rádio. (BRASIL, 2016).

Mais da metade dos brasileiros, 58%, utilizam a internet. (BRASIL, 2016), o que representa 102 milhões de internautas. Os fatores que impulsionaram a frequência e a intensidade do uso da internet no Brasil foram a escolaridade e a idade dos entrevistados. A internet é mais utilizada que a televisão nas faixas etárias de 16 a 24 anos. (BRASIL, 2016).

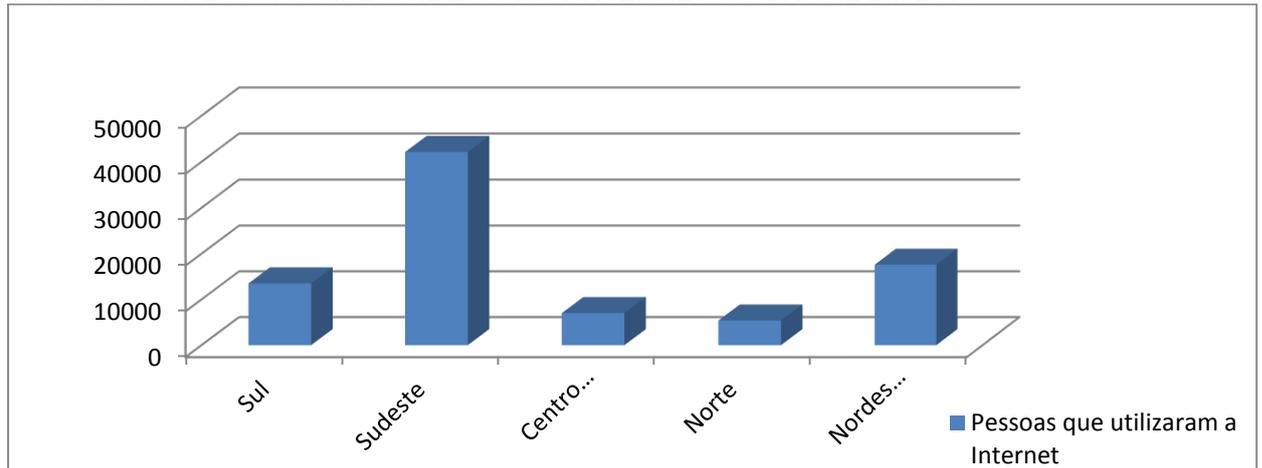
O uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet (89%) já ultrapassou os computadores de mesa (40%) e *notebooks* ou computadores portáteis (39%). (BRASIL, 2016).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), o acesso de pessoas com 10 anos de idade ou mais, em seus domicílios chegou a 85,572 milhões, o equivalente a 49,4% da população brasileira. A pesquisa considerou o acesso de pessoas pelo menos uma vez durante os 90 dias anteriores às entrevistas. Sendo a primeira vez que se considerou o acesso por outros aparelhos que não fossem computadores e *notebooks*. A pesquisa também mostra que 4,1%

das pessoas se conectaram a internet apenas por meio de outros dispositivos, como celular, *tablet* ou *smart TV*.

Podemos ver o acesso de pessoas de 10 anos ou mais de idade, que utilizam a internet, nas regiões do Brasil (GRAFICO 1):

GRÁFICO 1 – PESSOAS QUE UTILIZARAM A INTERNET NO BRASIL EM 2013



FONTE: A pesquisadora (2016), com base nos dados do IBGE (2013).

Em pesquisa, o Brasil é um dos dez países do mundo com maior número de pessoas desconectadas, de acordo com um estudo encomendado pela Internet.org, iniciativa do *Facebook*, para levar conexão de internet à população de baixa renda. No total, 70,5 milhões de brasileiros estão *off-line*. Não possuem acesso à internet, seja por meio de banda larga fixa ou móvel. (*FACEBOOK*, 2015).

Nesse mesmo estudo mostra que 4 bilhões de pessoas, mais da metade da população global, não tem nenhuma forma de acesso à internet. A porcentagem varia conforme o continente, sendo 20% de desconectados na Europa e 75% na África, que não tem qualquer acesso à *web*. Apesar desses números, o Brasil está em 18º lugar no ranking de internet inclusiva, entre os 75 países pesquisados. Entre os fatores positivos estão: a abundância de conteúdo em português disponibilizados na *web*, o que estimula o uso da internet e a competição entre as operadoras de telecomunicações. O estudo também aponta a importância da educação no Brasil, para a internet inclusiva:

A conscientização é maior no Brasil do que nos outros países pesquisados: pode ser porque o sistema educacional é melhor desenvolvido, com a frequência escolar significativamente acima de quase todos os outros países pesquisados. Isto comprova a ideia de que a educação atua como um portal através do qual as crianças e os pais podem obter um melhor entendimento do que é a internet. (FACEBOOK, 2015, p. 34).⁴

Esses dados são importantes, pois nos mostram que quase metade da população brasileira já tem acesso à internet, seja por computador, *notebook*, celular ou outras ferramentas. Também, percebemos a importância da escola atender a outra parcela da população que não possui o acesso, para que possa diminuir as desigualdades sociais.

Outra questão a se refletir é que mesmo tendo a metade da população brasileira com acesso à internet, isso não significa que esteja construindo conhecimento. Como já abordamos anteriormente, somente acessar as informações não faz com que a pessoa aprenda e incorpore essa informação. Surge aí mais um desafio da escola no século XXI: ensinar os alunos a lidar com as informações e transforma-las em conhecimento.

Logo, a escola deve levar as informações por meio das tecnologias à população sem acesso e também, ensinar os alunos a sistematizarem as informações, transformando-as em conhecimento individual.

Embora a internet e a mobilidade tecnológica trazida pelos celulares tenham proporcionado um grande avanço, ainda nos deparamos com pessoas excluídas digitalmente, que mesmo diante de tanta tecnologia, ainda não tem acesso a elas. Morin (2011) fala desse contraste dizendo que “enquanto o europeu está nesse circuito planetário de conforto, grande número de africanos, asiáticos e sul-americanos acha-se em um circuito planetário de miséria”. (MORIN, 2011, p.59).

É preciso ter clareza que “[...] não são as tecnologias que mudam a sociedade, mas a sua utilização dentro do modo de produção capitalista, que busca o lucro, a expansão, a internacionalização de tudo o que tem valor econômico”. (MORAN, 1995, p. 24).

Assim, percebemos que o diferencial não está só nos recursos tecnológicos, mas, também na maneira que são usados, na finalidade para a qual estamos direcionando essa tecnologia. Muitas são as informações contidas na internet, mas (por isso) é preciso saber selecioná-las. O próprio uso da internet pode refletir para o

⁴ Citação traduzida pela pesquisadora.

bem ou para o mal. Muitas pessoas aproveitam essa tecnologia para cometer crimes, aliciar menores, praticar a pedofilia. Por outro lado, a mesma internet traz informações capazes de salvar vidas.

Moran (1995) também diz que: “As tecnologias de comunicação não mudam necessariamente a relação pedagógica. As tecnologias tanto servem para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão progressista”. (1995, p.25)

O Parlamento Europeu em 2006 definiu oito competências-chave para a aprendizagem ao longo da vida, são elas:

Comunicação na língua materna, comunicação em língua estrangeira, competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia, competência digital, aprender a aprender, competências sociais e cívicas, espírito de iniciativa e espírito empresarial e sensibilidade e expressão culturais. (PARLAMENTO EUROPEU e CONSELHO, 2006 apud DIGCOMP, 2016, p.1).

A competência digital é transversal a todas as outras competências-chave e essencial para uma inclusão social satisfatória. Hoje, ser competente digitalmente depende mais de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes, do que simplesmente ter acesso às tecnologias e saber utilizá-las. (DIGCOMP, 2016).

Por competência entendemos como:

Uma combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes adequadas ao contexto [...] capacidade comprovada de utilizar o conhecimento, as habilidades e destrezas pessoais, sociais e/ou metodológicas, em situações de trabalho ou de estudo e no desenvolvimento profissional e pessoal [...] No contexto do DIGCOMP é entendida como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. (PARLAMENTO EUROPEU e CONSELHO, 2006, apud DIGCOMP, 2016, p.29).

O quadro 11 demonstra os aspectos da competência digital de acordo com suas dimensões.

QUADRO 11 – DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA DIGITAL

Áreas de competência	Competências
1. Informação	Identificar, localizar, recuperar, armazenar, organizar e analisar a informação digital, avaliando a sua relevância e finalidade.
2. Comunicação	Comunicar em ambientes digitais, partilhar recursos através de ferramentas online, conectar-se com outros e colaborar através de ferramentas digitais, interagir e participar em comunidades e redes, ter consciência intercultural.
3. Criação de conteúdo	Criar e editar novos conteúdos (textos, imagens, vídeo...), integrar e reelaborar conteúdos e conhecimento prévio, produzir expressões criativas, conteúdos multimídia e de programação, lidar com e aplicar direitos de propriedade intelectual e de licenças de utilização.
4. Segurança	Proteção pessoal, proteção de dados, proteção de identidade digital, medidas de segurança, utilização segura e sustentável.
5. Resolução de problemas	Identificar necessidades e recursos digitais, tomar decisões sobre as ferramentas digitais mais apropriadas de acordo com as finalidades/necessidades de utilização, resolver problemas conceituais através de meios digitais, resolver problemas técnicos, utilizar tecnologias de forma criativa, atualizar as suas competências digitais e a dos outros.

FONTE: A pesquisadora (2016), com base na DIGCOMP, 2016.

A competência digital já é considerada uma das competências necessárias para a aprendizagem ao longo da vida. É necessário que professores, alunos, pais e comunidade tenham conhecimento dessa competência e procurem adquiri-la.

Para Fidalgo, Oliveira e Fidalgo (2009):

Tendo em vista as novas exigências do processo de globalização e/ou mundialização da economia, as profissões docentes, assim como as demais profissões, veem-se compelidas a promover a adequação e a incorporação de habilidades e competências no que tange ao manuseio das tecnologias da informação e da comunicação. (2009, p.153).

O desafio de saber as ferramentas digitais mais apropriadas para cada finalidade e necessidade, ser criativo ao utilizar as tecnologias e resolver problemas através dos meios digitais, são competências que precisamos aprender. Pois, somente aprendendo é que poderemos utilizá-las na prática pedagógica com objetivos claros, tornando seu uso significativo no processo de aprendizagem.

Para compreendermos o uso das tecnologias pelo professor corregente, que temos por objetivo desta pesquisa, precisamos esclarecer e nos aprofundar em alguns conceitos e potencialidades da tecnologia, conforme veremos a seguir.

2.3 TECNOLOGIA: CONCEITOS E POTENCIALIDADES

“As tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferentes tecnologias”. (KENSKI, 2012b, p.15). Para a autora, o uso do raciocínio humano deu origem aos equipamentos, instrumentos, recursos, processos, ferramentas, enfim, as tecnologias. (KENSKI, 2012b).

Brooks e Bell citados por Castells (2001) definem tecnologia como “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível”. (CASTELLS, 2001, p.49).

De acordo com Briggs e Burke, “tecnologia foi uma palavra introduzida nos Estados Unidos em 1828 – ao mesmo tempo que o termo ‘Revolução industrial’ estava sendo empregado pela primeira vez na França”. (2006, p.120).

Bueno apud Brito (2008), por sua vez, conceitua tecnologia como:

Um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos. (2008, p.32).

Sancho, citada por Brito (2006), classifica didaticamente as tecnologias em três grandes grupos: físicas, organizadoras e simbólicas. Nas tecnologias físicas estão os instrumentos, os equipamentos. As tecnologias organizadoras são as maneiras com que nos relacionamos com o mundo, como por exemplo, as técnicas de gestão pela qualidade total e as tecnologias simbólicas, que são a comunicação entre as pessoas, os símbolos de comunicação.

Temos também as tecnologias educacionais, que são as ferramentas utilizadas na educação e a tecnologia social – que leva a formação do cidadão, de forma a diminuir as desigualdades sociais. Sobre isso Kenyon (2003) apud BRITO (2006) conceitua a tecnologia social como:

O processo coletivo que visa questionar o que, como, por que e para quem a tecnologia se desenvolve, para que o cidadão se aproprie dos bens sociais e culturais numa ação conscientizadora de seu papel na sociedade democrática, que alia saber tácito das camadas populares ao saber científico gerado ao longo da história da ciência a fim de que esta contribua para a diminuição dos índices de desigualdade social entendendo a tecnologia como meio para a construção da sociedade democrática através de uma ação educativa que desmistifique a tecnologia às camadas populares para que busquem a humanização através de um trabalho participativo na comunidade e representando soluções concretas para a inclusão social. (2006, p.15).

Vieira Pinto (2005) nos traz quatro significados para o termo tecnologia. Para ele, tecnologia tem de ser “a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa”. (PINTO, 2005, p.219).

No segundo significado, tecnologia equivale pura e simplesmente a técnica. No terceiro, tecnologia é entendida como o conjunto de todas as técnicas de que dispões uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento. Encontramos o quarto sentido como aquele que para nós terá importância capital: a ideologização da técnica. A tecnologia pode ser compreendida como a “ciência da técnica”, pois pode tornar-se “objeto da indagação epistemológica. (PINTO, 2005, p.220).

Para esse autor, “só há saber novo com avanço técnico”. (PINTO, 2005, p.8). E o “domínio teórico da técnica pelo homem liberta-o da servidão prática à técnica, que vem sendo, crescentemente, o modo atual de vida pelo qual é definido e reconhecido”. (PINTO, 2005, p.223). Com essa superação, a práxis produtiva poderá ser estudada epistemologicamente, auxiliando na compreensão da sociedade.

Também para ele, se a letra e a gramática são recursos tecnológicos, o manuseio dessa tecnologia conduz a um lugar na graduação do analfabetismo. Colaborando com este olhar, Nickerson (2005) apud Coll e Monereo (2010) diz que “a tecnologia é produto da cognição e sua produção é um processo cíclico, que se autopropetua”. (2010, p.49).

Com base nesses autores consideramos que tecnologia é um processo, fruto da evolução humana, em que o homem, com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida, desenvolveu técnicas e ferramentas. Desde a pedra polida, à invenção da roda; do lápis ao computador, tudo é tecnologia. A ciência, os símbolos do nosso alfabeto, o sistema de escrita e comunicação, as maneiras de organização. Enfim, todo o

conhecimento humano em prol de melhorar a vida, é uma tecnologia. Temos também a tecnologia social, que visa atender as classes menos favorecidas, de maneira a diminuir as desigualdades sociais.

Notamos que muitos educadores apresentam uma visão incompleta sobre as tecnologias, pois a pensam somente como uma ferramenta tecnológica. Logo, faz-se necessário que se tenha bem claro o conceito de tecnologias, pois vai muito além de meros equipamentos que geralmente é aliado ao conceito reducionista de “inclusão digital”. O professor precisa ter claro que o quadro de giz, o lápis, a caneta, o livro e o caderno são tecnologias. A própria escrita é uma tecnologia. Logo, todos os alunos e professores utilizam as tecnologias na escola.

André Lemos (2013) diferencia técnica de tecnologia. Técnica vem do grego *tekhne*, que podemos traduzir por arte, como vemos:

A *tekhne* compreende as atividades práticas, desde a elaboração de leis e a habilidade para contar e medir, passando pela arte do artesão, do médico, ou da confecção do pão, até as artes plásticas ou belas artes, esta última consideradas a mais alta expressão da técnica humana [...]. *Tekhné* é um conceito filosófico que visa descrever as artes práticas, o saber fazer humano [...]. (LE MOS, 2013, p.26-27).

Para Kenski (2012b), a maneira, os jeitos ou habilidades de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, é o que se caracterizam como técnica.

Com as tecnologias eletrônicas, surgiram também as tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. As TIC são recursos tecnológicos integrados. A partir dessa tecnologia, podemos reunir uma série de informações a partir de um único dispositivo. Elas são tecnologias que servem para reunir, integrar e compartilhar informações. Funcionam ligadas a energia elétrica.

Para Belloni (2001), as TIC são o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. Ela associa o desenvolvimento acelerado das TIC a três fenômenos de ordem técnica, sendo eles: “a miniaturização, a digitalização e o surgimento e fantástica difusão das redes telemáticas”. (BELLONI, 2001, p.20).

Entendemos como TIC qualquer dispositivo, que opera em sistema binário, eletrônico, e integra a informação juntamente com a comunicação, através de um sistema de redes, como a internet. O sistema binário, ou seja, o sistema onde as informações são processadas e guardadas a partir de dois valores lógicos (0 e 1),

facilitou a propagação da informação. Quando as TIC operam em dispositivos digitais móveis, como veremos a seguir, são chamadas por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC.

De acordo com Coll e Monereo (2010), as TIC têm sido instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir os conhecimentos adquiridos para outras gerações. Para os autores, todas as TIC repousam sobre o mesmo princípio: “a possibilidade de utilizar sistemas de signos – linguagem oral, linguagem escrita, imagens estáticas, imagens em movimento, símbolos matemáticos, notações musicais, etc. para representar uma determinada informação e transmiti-la”. (COLL; MONEREO, 2010, p.17).

As TIC diminuem a distância entre os professores e alunos. Com essas ferramentas podemos ampliar o tempo de ensino. Elas podem ser associadas ao ensino-aprendizagem, ampliando as possibilidades pedagógicas. Pois, possibilitam o armazenamento, distribuição e acesso às informações independentemente do local onde estejam situados professor e aluno.

Vivemos em um mundo que, segundo Negroponte (1995) apud Castells (2001), se tornou digital. Os usos das tecnologias de telecomunicações nas duas últimas décadas passaram por três estágios distintos segundo Castells (2001): “a automação de tarefas, as experiências de usos e a reconfiguração das aplicações”.

Nos dois primeiros estágios o progresso se baseou em aprender usando. Já no terceiro estágio, os usuários aprenderam a tecnologia fazendo, o que resultou na reconfiguração das redes e na descoberta de novas aplicações. A mente humana é assim uma força direta de produção, como podemos constatar na fala de Castells (2001):

Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens. (CASTELLS, 2001, p.51).

Ainda para Castells (2001), as tecnologias digitais estão representadas pela convergência das tecnologias de informática, microeletrônica, telecomunicações, radiodifusão e engenharias.

Entendemos por tecnologia digital - os equipamentos eletrônicos que se fundamentam em uma lógica binária. A palavra digital deriva de dígito, que procede do latim *digitus*, significando dedo. As tecnologias digitais são conhecidas pela possibilidade de mobilidade, também chamada de “*mobile*”. São tecnologias móveis, como os *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, *netbooks*, etc., são dispositivos que não precisam estar ligados à energia elétrica para serem utilizados.

Outro termo que está sendo utilizado atualmente são as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC. São TIC utilizadas por dispositivos digitais móveis – *mobile*. Resumindo: as TIC funcionam ligadas a energia elétrica e as TDIC são dispositivos móveis, que não necessitam da eletricidade para funcionar.

Para Kenski (2013, p.27), as tecnologias digitais “introduzem uma nova dinâmica na compreensão das relações com o tempo e o espaço”. Como espaço, entendemos a delimitação de um determinado ambiente físico, um território. Por tempo consideramos um processo, um movimento que se define em categorias tais como presente, passado e futuro e em duração. Assim, estar ao mesmo tempo em muitos espaços e em muitos tempos “é a possibilidade que a tecnologia apresenta na atualidade”. (KENSKI, 2013, p.27).

Ainda de acordo com Kenski (2013), “a forma acelerada com que se vive na atualidade leva à indistinção entre os tempos e espaços vivenciais, entre os tempos e espaços de trabalho e lazer”. (2013, p.28). Essa é uma questão importante para ser analisada e observada na utilização dos professores corregentes, frente ao uso das tecnologias. Hoje, é muito difícil separar a utilização da internet do que é lazer e trabalho; está tudo integrado.

Segundo Tardif (2002):

[...] é necessário dizer que todo saber, mesmo o “novo”, se insere numa duração temporal que remete à história de sua formação e de sua aquisição. Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, [...] mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas. (TARDIF, 2002, p.35).

Como vimos, para Tardif (2002), quanto mais sistematizado é um saber, mais tempo se leva para seu aprendizado, mas o que vemos atualmente é o contrário. Com a flexibilidade do tempo, trazida pelas tecnologias digitais, estamos vivendo uma concepção de urgência. A urgência de usar melhor o nosso tempo. Nessa concepção,

o tempo não é mais linear e previsível, ao contrário, temos que usar o tempo de acordo com nossos critérios de necessidade. Passamos para um tempo seletivo de nossos deveres e obrigações. Kenski (2013) afirma que:

Mediados pelas mais inovadoras tecnologias, somos reféns da urgência e sentimo-nos intimidados pela ameaça concreta de obsolescência de nossas práticas. Não podemos perder um tempo que nem sabemos mais onde se encontra: no espaço, no futuro, no passado ou no presente que se transforma veloz a todo instante. (KENSKI, 2013, p.35).

Essa velocidade já se incorporou em nossa rotina, ao nosso ritmo de vida, e muitas vezes não a sentimos mais. Mas, com isso, corremos um grande perigo de não respeitar o ritmo pessoal do aluno e do seu processo de aprendizagem. Daí a necessidade de se repensar novas propostas pedagógicas adequadas a esses novos tempos. “Novos encaminhamentos e novas posturas nos orientam para a utilização de mecanismos de filtragem, seleção crítica, reflexão coletiva e dialogada sobre os focos de nossa atenção e busca de informação”. (KENSKI, 2013, p.87).

As tecnologias nos possibilitam não apenas a condição de ávidos consumidores de informação, mas a de leitores críticos e seletivos, de produtores e de sermos também coautores. Esse é o diferencial das tecnologias na educação: possibilitar a criatividade, a criação, aguçar a curiosidade, assim como nos diz Paulo Freire (2002): “Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar”. (2002, p.13).

A seguir, entenderemos os conceitos de ciberespaço e a cibercultura e seus desafios para a sociedade.

2.4 CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E SEUS DESAFIOS PARA A SOCIEDADE

Albert Einstein declarou em uma entrevista, nos anos 50, que três grandes bombas haviam explodido durante o século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações. (LÉVY, 2010). Hoje podemos viver com os resultados dessas bombas: 7,3 bilhões de habitantes em 2015, de acordo com o Jornal G1.

Se comparar que até 1900 eram mais de um bilhão e em 2015 já somos sete bilhões, percebemos que o planeta se encheu de pessoas. Junto com esse crescimento demográfico, temos o desenvolvimento das telecomunicações. São tantas informações, dados, imagens, que Lévy compara com um dilúvio:

É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos. (LÉVY, 2010, p.13).

Camas (2008) corrobora dizendo que “o ciberespaço se abre como um novo oceano a se conhecer, a se descobrir e explorar”. (2008, p.29).

Com esse novo crescimento tele comunicacional, surgem expressões como “ciberespaço” e “cibercultura”. O ciberespaço (também chamado de rede) “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. (LÉVY, 2010, p.17). O termo especifica, não apenas a infraestrutura material, mas também, o universo de informações e os seres humanos que navegam e desfrutam desse universo.

A cibercultura surge na metade dos anos 1970, como os impactos socioculturais da microinformática. De acordo com Lemos (2013), influenciada pela contracultura americana, o surgimento da microinformática acenava contra o poder tecnocrático, pois possibilitou o acesso dos computadores às pessoas. Para Lemos, a fase do computador pessoal (PC) é considerada como uma terceira fase no desenvolvimento tecnológico. Já o século XXI é a fase do computador conectado (CC).

Para Lévy o termo cibercultura significa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (2010, p.17).

André Lemos (2013) define cibercultura e ciberespaço como:

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (LEMO, 2013, p.88).

Martínez e Solano (2003) apud Coll e Monereo (2010) definem ciberespaço como: “o espaço virtual no qual ocorre a comunicação por redes. Na verdade, é um ‘não lugar’, um ‘espaço não físico’ diferente dos espaços pessoais em que os interlocutores se encontram fisicamente”. (2010, p.24).

O ciberespaço é uma dimensão nova, que traz desafios a serem descobertos. “Não persistem lógicas de navegabilidade que deem rumos necessários ainda àqueles que singram o ciberespaço”. (CAMAS, 2008, p.30).

As tecnologias não são neutras. As técnicas criam condições e ocasiões inesperadas para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, mas elas não determinam a luz ou as trevas de um ser humano. A descoberta radioativa serve tanto para o uso da medicina, quanto para uma bomba atômica. Logo, mesmo que as tecnologias não sejam neutras, é preciso ter o entendimento das finalidades quanto ao seu uso.

As tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se como instrumento da inteligência coletiva. Vemos surgir nas redes digitais interativas diversos tipos de novas formas:

- de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela);
- de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais);
- de dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede etc.);
- de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de localização de atividades no terceiro mundo);
- e mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”). (LÉVY, 2010, p.30).

Embora surjam novas formas resultantes das redes digitais, não podemos ignorar esse cenário. A chegada da internet em casas e escolas, pelo celular, acabou desencadeando um fenômeno cultural até então desconhecido pela humanidade: o nascimento da cibercultura. Quando nos conectamos na internet estamos num espaço denominado ciberespaço, que permite nos comunicar com outras pessoas em qualquer lugar do planeta.

Para Santos (2016) cibercultura é a cultura contemporânea mediada pelo digital em rede, na interface cidade ciberespaço. O celular, os dispositivos móveis são

mediadores da cultura contemporânea. Logo, quando a gente fala de tecnologia digital a gente está falando do instrumento cultural do nosso tempo, afirma Santos (2016).

O uso pedagógico deve estar junto com o uso cultural, pois os alunos já utilizam essas ferramentas, mas precisam saber aproveitar as potencialidades educacionais que essas ferramentas possibilitam.

Quando falamos de inclusão cibercultural, estamos falando em habitar as redes com autoria (SANTOS, 2016). A escola deve promover oportunidades de utilizar as tecnologias com autorias, seja do aluno ou do professor, não ser meros receptores de informações, mas agentes reflexivos, dispostos a discutir, argumentar e contribuir com os conteúdos dispostos em rede.

Percebemos que o ciberespaço já se tornou uma extensão da vida para muitas pessoas. Quantos de nós ao acordar primeiramente fomos ao celular para acessar mensagens de bom dia, ver a previsão do tempo ou alguma notícia, antes mesmo de escovar os dentes? Essa é a cibercultura. E pensando em cibercultura, traremos a seguir a tecnologia no contexto da educação.

3 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

*Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso, aprendemos sempre.
(Paulo Freire, 1989, p.31)*

Neste terceiro capítulo, abordaremos as políticas públicas Nacionais e Municipais sobre tecnologia no contexto educacional. Abordaremos sobre o tempo gestacional do professor frente ao uso das tecnologias e o que é usar pedagogicamente uma tecnologia, pois o simples ato de acessar a internet, não é sinônimo de uso pedagógico. Também traremos os conceitos de interação, interatividade, colaboração e cooperação na prática pedagógica. Trataremos sobre o papel do professor como mediador, a importância da formação docente para o uso das tecnologias e contextualizaremos a função do professor corregente em Curitiba.

3.1 TECNOLOGIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: POLÍTICAS E O CENÁRIO ATUAL

Quando pensamos em investimentos e melhorias no campo educacional, não podemos deixar de abordar as políticas públicas existentes, para que isso se torne uma ação. O Governo do Estado do Paraná define políticas públicas como sendo:

Conjuntos de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado seguimento social, cultural, étnico ou econômico. (PARANÁ, 2017).

Por exemplo, a educação é um direito universal no Brasil, instituída pela própria Constituição Federal, que diz em seus artigos 6º e 205º:

Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Assim, para assegurar o direito a educação e promovê-la, são instituídas políticas públicas. Essas políticas são constituídas por instrumentos de planejamento, execução, monitoramento e avaliação, podendo ser: planos, programas, ações e atividades. Os planos estabelecem diretrizes, prioridades e objetivos gerais a serem alcançados em períodos relativamente longos. Por exemplo, os planos decenais de educação, que traçam metas a serem alcançadas ao longo de dez anos. (PARANÁ, 2017).

Os programas estabelecem objetivos gerais e específicos focados em determinados temas. É isso que vemos nas políticas de incentivo às tecnologias, que abordaremos a seguir. As ações visam o alcance de determinado objetivo estabelecido pelo Programa, e a atividade, visa dar concretude à ação.

No Brasil, as políticas públicas nacionais sobre tecnologias na educação, surgiram na década de oitenta. Em 1981, a Universidade de Brasília realizou o I Seminário Nacional de Informática em Educação. O 2º seminário aconteceu no ano seguinte, organizado pela Universidade da Bahia. As discussões resultaram no EDUCOM, o primeiro projeto público a tratar da informática educacional, o que permitiu a formação de diversos pesquisadores das universidades, profissionais das escolas públicas e posteriormente a implantação dos CIED - Centro de Informática em Educação, em 1987. (BONILLA, 2010).

Em 1989, foi implantado pelo Ministério da Educação (MEC) o PRONINFE – Plano Nacional de Informática Educativa, que estabeleceu várias iniciativas de formação de professores das escolas técnicas e dos CIETS – Centro de Informática Educativa nas Escolas Técnicas Federais.

Em 1997, foi criado o ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação. É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. De acordo com o MEC:

O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. (BRASIL, 2017).

A partir do ProInfo foram criados os Núcleos de Tecnologia Educacional – NTES em todos os estados brasileiros. (VALENTE, 1999).

De acordo com Bonilla (2010), foi a partir do lançamento do livro Verde do Programa Sociedade da Informação no Brasil, em 2000, que o país incorpora em sua agenda política a universalização do acesso às tecnologias da informação e comunicação – TIC e a promoção da “alfabetização digital”. Foi nos debates em torno do livro Verde, que surgiu o termo “inclusão digital”. Em 2003, com a mudança de governo, o Programa Sociedade da Informação é deixado de lado e são incrementadas iniciativas governamentais para a inclusão digital.

Somente 10 anos após a implantação do ProInfo, em 2007, no contexto do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, foi que aconteceu a reformulação do ProInfo, através do Decreto n.6.300, de 12 de dezembro de 2007. O programa passou a chamar-se Programa Nacional de Tecnologia Educacional e dividiu-se em ProInfo Urbano e Rural, objetivando atender também as escolas situadas nas zonas rurais. Além da troca do nome e da abrangência de cobertura, o programa adotou a proposta de integração das mídias na educação e tem como objetivo “contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas”. (BRASIL, 2007 apud BONILLA, 2010).

Em 04 de abril de 2008, através do Decreto Presidencial n.6.424, foi lançado o Programa Banda Larga nas escolas, com a participação das operadoras de telefonia e da Agência Nacional de Telecomunicações. O programa visava conectar 56 mil escolas da rede pública urbana do país até 2010 e oferecer acesso gratuito, atualizando periodicamente a velocidade até 2025, quando vencem os atuais contratos de concessão das Teles. Em maio de 2010, através do Decreto n. 7.175, surge o Programa Nacional de Banda Larga – PNBL, com a meta de atingir 90 milhões de acessos à banda larga até 2014, atendendo 100% dos órgãos de Governo, incluindo as escolas públicas. (BONILLA, 2010).

Outro projeto criado em 04 de julho de 2008, mas implantado só no final de agosto de 2009, foi o Projeto Computador Portátil para professores. Com a participação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT, o previsto era que o projeto possibilitasse a cada professor a compra de um *notebook* pelo valor de até R\$1.400,00. Inicialmente abrangeu 64 municípios e depois todos os municípios brasileiros. No site dos correios, em 2010, Bonilla (2010) encontrou apenas uma

opção de computador para a venda e em 2017, a pesquisadora não encontrou nenhuma opção de venda.

O UCA – Um computador por aluno, é outro projeto vinculado ao MEC, sendo desenvolvido desde 2007. O projeto visava:

Criar e socializar novas formas de utilização das tecnologias digitais nas escolas públicas brasileiras, para ampliar o processo de inclusão digital escolar e promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação”. (UCA, 2009, p.1).

No final de 2007 o governo abriu licitação para aquisição de 150 mil *laptops* para a fase II do projeto, mas no início de 2008 cancelou o pregão, em virtude dos preços estarem acima do projetado. No final de 2008, nova licitação foi aberta, mas foi paralisado por ordem do Tribunal de Contas da União, em virtude de denúncias de irregularidades no edital. Em janeiro de 2010, o consórcio CCE/DIGIBRAS/METASYS foi vencedor do pregão para fornecimento de 150.000 *laptops* educacionais, cada um ao preço de R\$550,00, para as 300 escolas públicas selecionadas na próxima etapa do projeto.

A Lei n.12.249, de 14 de junho de 2010, instituiu o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA). O Prouca foi um registro de preços do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, para que os estados e municípios pudessem comprar com recursos próprios ou com o financiamento do BNDES. Tem por objetivo:

Promover a inclusão digital pedagógica e o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de alunos e professores das escolas públicas brasileiras, mediante a utilização de computadores portáteis denominados *laptops* educacionais. (FNDE, 2017).

O quadro 12 mostra o resumo das políticas públicas nacionais.

QUADRO 12- RESUMO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS

DÉCADAS	POLÍTICAS PÚBLICAS
DÉCADA DE 80	1981- I Seminário Nacional de Informática em Educação. EDUCOM – 1º projeto a tratar da informática educacional. 1987- CIEDS – Surge o Centro de Informática em Educação. 1989- PRONINFE- Plano Nacional de Informática Educativa.
DÉCADA DE 90	1997 – ProInfo – Programa Nacional de Informática na Educação. Criados os NTES – Núcleos de Tecnologia Educacional
DÉCADA 2000 em diante.	2000 – Programa Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde. 2007 – Reformulação do ProInfo, passou a chamar-se Programa Nacional de Tecnologia Educacional. ProInfo Urbano e Rural. 2007 - UCA – Um Computador por aluno. 2008 - Programa Banda Larga nas Escolas. 2008 – Projeto Computador Portátil para Professores. 2010 – PNBL Programa Nacional de Banda Larga. 2010 – PROUCA – Programa Um Computador por Aluno.

FONTE: Resumo feito pela pesquisadora (2017).

Notamos que as ações do MEC ainda são incipientes. Até o momento o ProInfo é o principal programa de governo e o mais longo, completando 20 anos de existência em 2017. É o único programa na área de tecnologia que consta atualmente, no ícone “Governo”, na página do MEC.

Quanto às políticas públicas para a ampliação do acesso às TIC nas escolas municipais de Curitiba, os documentos pesquisados por Mondini (2016), registram vinte e quatro anos de investimentos (1992-2016).

Os primeiros computadores adquiridos pela SME – Secretaria Municipal de Educação chegaram às escolas no ano de 1992. Em 1993 cria-se a TV Professor, para capacitação dos professores e em 1994 surge a Rádio Escola, um convênio com o MEC/FNDE.

Em 1997, surge o projeto Digitando o Futuro, que previa a implantação de laboratórios de informática em todas as escolas da rede. A segunda fase de implantação, em 1999, foi até 2004. Nesta fase, 2.031 computadores foram

destinados para 162 escolas, Faróis do Saber⁵ e Ruas da Cidadania⁶. Segundo Marchiori (2008) citado por Mondini (2016, p.75), Curitiba passou a ser a “primeira cidade brasileira a ter este tipo de acesso em todos os bairros”.

Em 2001, foi criado na SME um serviço intitulado de Tecnologias Educacionais, que passou a acompanhar a instalação dos novos ambientes de aprendizagem que utilizassem as TIC. Também, foi ampliada a TV Professor, com conteúdo 100% elaborado pela equipe da Secretaria de Educação. Surge também, o projeto Aprender Digital, destinado a atender jovens e adultos da EJA e da antiga 8ª série (hoje 9º ano), com aulas de informática nos finais de semana.

No ano de 2002, aconteceu entre os dias 15 a 26 de julho, o Programa Institucional para a TV Professor. Envolveu 200 profissionais para discutir a teoria construcionista⁷ de Seymour Papert, sendo o mesmo, convidado para realizar a videoconferência de abertura do evento. Curitiba foi escolhida como sede desse evento, pelos avanços tecnológicos. (MONDINI, 2016).

Foi criada, em 2003, a Gerência das Tecnologias Digitais, na qual se ampliou o Projeto Digitando o Futuro, inserindo o Jornal Extra-Extra e Lego nas escolas. Nesse ano, foi ofertado o curso Pensar e construir digital, que envolveu 50 professores, sendo o primeiro curso desenvolvido pela equipe da Gerência de Tecnologias Digitais, abordando o Lego, Logo e internet. Também surge o projeto Kidsmart, que destinava um computador na sala de aula de Educação Infantil.

Em 2004, foi lançado o Portal Aprender Curitiba. Hoje esse Portal se chama Cidade do Conhecimento⁸. Com ele, cada unidade pode criar sua página na internet.

De 2006 a 2008, aconteceu o projeto “Cri@tividade”, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. Atendeu a formação de 513

⁵ Faróis do Saber são bibliotecas espalhadas pelos bairros de Curitiba, que atendem a comunidade local.

⁶ Ruas da Cidadania funciona como um braço da prefeitura nos bairros, para descentralizar os serviços. Atualmente, Curitiba conta com 10 Ruas da Cidadania, sendo as regionais: Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, CIC, Matriz, Pinheirinho, Portão, Santa Felicidade e Tatuquara.

⁷ De acordo com Almeida (2004) o termo construcionismo foi criado por Seymour Papert para designar uma nova abordagem de uso educacional do computador, voltado para a aprendizagem do aluno, evoluindo a tecnologia, o professor e as inter-relações que se estabelecem. Nessa forma de conceber e utilizar a TIC, o computador funciona como um elemento de interação que propicia o desenvolvimento da autonomia do aluno, auxiliando-o na construção de conhecimentos de distintas áreas do saber, por meio de explorações, experimentações e descobertas.

⁸ Cidade do Conhecimento –

<http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/cidadedoconhecimento/>.

professores, e de acordo com as pesquisas de Mondini (2016), foi o projeto apontado pelos docentes, que melhor atendeu as demandas de formação continuada.

Entre 2009 e 2012, os cursos ofertados pela SME tiveram o propósito de avançar nas discussões da necessidade de interação entre o planejamento dos professores e as ferramentas digitais. Em 2010 foram adquiridas lousas digitais para as escolas de 6º ao 9º ano, totalizando 11 escolas.

Em 2012, cria-se o Programa Conexão Escola. Foram adquiridos 20.000 *netbooks*, a partir do Programa Um Computador por Aluno - PROUCA, do Governo Federal. As escolas passaram a receber gradativamente, em agosto de 2012, os armários para guardar e carregar os *netbooks*, que vinham com o sistema educacional “Aprimora”. Este sistema, desenvolvido pela empresa Positivo Informática, concentrava atividades interativas multimídias de Língua Portuguesa e Matemática, podendo ser acessado 30% *off-line* e 70% *on-line*.

No segundo semestre de 2012 e início de 2013, as escolas passaram a receber a instalação de antenas *wi-fi*. Também, o Projeto Kidsmart passou a chamar-se Canto Com: Conectando Linguagens/Kidsmart.

Ainda em 2013, surge o Programa Conexão Educacional (2013-2016), visando a inclusão digital e democratização das TIC na educação, com ações de trabalho nos laboratórios de informática, *netbooks* educacionais, lousas digitais, entre outros. Esse programa propunha-se a ser uma reconfiguração do Programa Conexão Escola.

De acordo com o caderno do Programa Conexão Educacional esse era o panorama de laboratórios de informática na RME em 2013:

A Prefeitura Municipal de Curitiba, por meio da Secretaria Municipal da Educação, dispõe de laboratórios fixos de informática do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), instalados em 42 unidades educacionais, e 181 escolas contam com laboratórios de informática adquiridos com recursos próprios do município, nos quais são utilizados o sistema operacional *Windows*. Sendo assim, 42 escolas contam com dois laboratórios fixos. (CURITIBA, 2013, p.05).

Na prática, a realidade não é bem assim. Na escola que a pesquisadora trabalha, os computadores do laboratório de informática, foram substituídos pelos computadores do ProInfo. Os computadores antigos, muitos já não funcionavam mais, e os poucos que ainda funcionavam, foram relocados para a sala dos professores,

para uso dos docentes, por não ter outra sala disponível para dois laboratórios de informática.

Em dezembro de 2014 aconteceu o I Seminário de Tecnologias na RME, para troca de experiências sobre o uso de TIC na educação, com 11 exposições orais e 7 pôsteres.

O Projeto Tecnologia, Educação, Interatividade e Arte (TEIA), surge em 2015, promovendo ambiente colaborativo na *web* para compartilhamento de sequências didáticas, relatos de experiências, planos de aula, materiais audiovisuais, para domínio público, conhecidos com REA – recursos educacionais abertos.

Em 2015, foram adquiridos 3,9 mil *tablets* educacionais que seriam distribuídos para os 199 Centros Municipais da Educação Infantil de Curitiba. Também foi disponibilizado acesso à internet *wireless* em todas as unidades da Educação, possibilitando que a comunidade tenha acesso, por meio do Projeto *Wi-fi* Curitiba. Esse projeto disponibiliza internet gratuita em um raio de 200 metros em torno da escola. (CURITIBA, 2013).

O quadro 13 mostra o resumo das políticas públicas relacionadas a implantação das TIC na educação de Curitiba.

QUADRO 13 – POLÍTICAS PÚBLICAS RELACIONADAS A IMPLANTAÇÃO DAS TIC NA RME

Período	Políticas Públicas Educacionais relacionadas às TIC implantadas na RME de Curitiba.
Década de 1990	Projeto “Digitando o Futuro”.
Década de 2000	Ampliação das ações do projeto “Digitando o Futuro”: Projetos LEGO, LOGO, Robótica, Jornal Eletrônico Extra-Extra e Kidsmart. Projeto Criatividade. Formação continuada integrada às áreas do conhecimento.
Período de 2010 a 2016	Aquisição de lousas digitais e Projeto Conexão Escola. Projeto Conexão Educacional (Edutecnologia, TEIA e Wi-Fi Curitiba).

FONTE: MONDINI (2016, p.69).

Freire (1989) em entrevista para a TV Cultura de São Paulo, falando sobre políticas educacionais na área de alfabetização de adultos, discute três itens que devem ser pensados e planejados ao implantar políticas públicas: o primeiro deles é o dinheiro. É preciso pensar no financiamento do programa, pois educação não “se faz na base da boa-vontade”, disse ele. Segundo, é preciso ter competência científica

por parte de quem faz o projeto. E terceiro, a sociedade deve estar envolvida, respeitar a vontade popular.

A seguir, abordaremos o tempo gestacional que o professor leva para utilizar as tecnologias e o que é o uso pedagógico.

3.2 O TEMPO GESTACIONAL⁹ DO PROFESSOR, O USO PEDAGÓGICO DAS TECNOLOGIAS E SEUS PRINCÍPIOS.

Quando falamos em utilizar as tecnologias, sabemos que é preciso um tempo para que o professor se aproprie dela, no seu uso pessoal, para depois a utilizar em sua prática pedagógica. Esse tempo, chamamos aqui de “gestação”. Assim como uma mãe, precisa esperar nove meses para parir o filho, o professor também precisa de um tempo para incorporar a tecnologia a sua prática de vida, para posteriormente, pensá-la no processo educacional.

As horas dedicadas ao estudo, à pesquisa, ao planejamento pedagógico, ao preparo das aulas, à produção de materiais didáticos e as correções de atividades dos alunos, normalmente, segundo Kenski (2013), não são computadas na jornada semanal de dedicação do docente, mas podemos chamá-las de práticas pedagógicas.

Segundo Camas (2016), “quando o professor utiliza a internet para preparar suas aulas, está utilizando a tecnologia na sua ação pedagógica”. Como por exemplo, ao assistir um vídeo que ensina a preparar materiais didáticos, quando faz pesquisas, ao utilizar uma ferramenta de transcrição, está utilizando as tecnologias. Esse é o primeiro passo para que o professor possa utilizar as tecnologias digitais também com os alunos, em sala de aula.

A cultura tecnológica exige a mudança radical de comportamentos e práticas pedagógicas que não são contemplados apenas com a incorporação das mídias digitais ao ensino. Pelo contrário, há um grande abismo entre o ensino mediado pelas TIC praticado em muitas das escolas, universidades e faculdades e os processos dinâmicos que podem acontecer nas relações entre professores e alunos on-line. (KENSKI, 2013, p.68).

O uso das tecnologias digitais em sala de aula está intrinsecamente ligado a novas metodologias. Não basta incorporar as TIC as mesmas práticas pedagógicas, dizendo que a escola está atualizada pelo simples fato de ter as tecnologias digitais

⁹ Termo baseado em Kenski (2013).

em sala, é preciso aliá-las a práticas de cooperação, colaboração, interações, na qual veremos no capítulo três.

Quando pensamos na prática do professor universitário, “o que espanta é que essas mesmas tecnologias são utilizadas plenamente pelos mesmos professores e pesquisadores fora das salas de aula e em suas pesquisas”. (KENSKI, 2013, p.70). Nessa afirmação da autora, podemos ver o tempo gestacional que leva do uso pessoal da tecnologia, por parte dos professores, para mudanças de sua metodologia em sala. Esse é o grande desafio deste século!

Para que o professor entenda o uso das tecnologias, é preciso que ele compreenda seu papel na escola. Somente quando esse professor romper com o paradigma tradicional, que traz o docente como o detentor do saber e que deve transmitir seus conhecimentos aos alunos, é que conseguiremos pensar em um uso significativo de tecnologias na educação. Pois, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2002, p.12).

Paulo Freire critica esse depositar de informações para o aluno, chamando de educação bancária. Nessa concepção, o professor irá “depositar” os conteúdos na cabeça dos alunos, daí a ideia de “bancária”. A educação bancária perpetua e reforça uma relação vertical e autoritária. Não é permitido realizar críticas, assim como não se pode questionar ou duvidar do professor, que detém o conhecimento. Nesse caso, a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo”. (FREIRE, 2000, p.101).

Rubem Alves (2011) em entrevista concedida ao Portal Brasil, nos traz uma reflexão sobre o papel do professor na atualidade, afirmando:

Eu estou pensando há muito tempo em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada, ele é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. Para mim esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar [...]. (ALVES, 2011).

Para que esse professor possa causar “espantos”, ele precisa se atualizar, não pode ficar parado no tempo, utilizando as mesmas metodologias do passado, com alunos inseridos no presente século.

A dicotomia entre educação e tecnologia não tem mais motivos para existir, sejam quais forem os aspectos preponderantes que dificultaram a integração das tecnologias na educação. Hoje, não podemos negar as potencialidades do uso educativo de tecnologias. Mas o que é usar pedagogicamente uma tecnologia?

Almeida e Prado (2008) dizem que este uso só traz contribuições significativas à aprendizagem quando: “acontece integrado a um projeto curricular com clareza da intencionalidade pedagógica voltada ao desenvolvimento da capacidade de pensar e aprender com tecnologias”. (2008, p.1). Assim, podemos dizer que o uso de uma tecnologia em si não quer dizer que está sendo utilizada pedagogicamente. O simples ato de utilizar não garante um uso significativo.

Valente (2005) nos diz que “o domínio do técnico e do pedagógico devem acontecer juntos, simultaneamente, um demandando novas ideias do outro”. (2005, p. 23). Para ele, o domínio das técnicas e do uso das tecnologias é determinado pelas necessidades e exigências do pedagógico.

Logo, “o educador deve conhecer o que cada uma dessas facilidades tecnológicas tem a oferecer e como pode ser explorada em diferentes situações educacionais”. (VALENTE, 2005, p.23).

Para Freire (2001b), as mudanças na história precisam ter uma continuidade, não podem sofrer uma ruptura para algo absolutamente inédito. (2001b, p.213). Logo é papel da escola e do professor estar sempre se atualizando, dando continuidade ao seu processo de formação, para que as mudanças não sejam bruscas, radicais, vindas de uma classe dominante (de cima para baixo), mas que parta das vivências e necessidades do dia a dia do professor.

Faz-se necessário refletir sobre a intencionalidade dessa tecnologia, refletir seu uso. É preciso assumir uma postura crítica sobre as informações fornecidas pela internet.

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de que e de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação. (FREIRE, 2001a, p.98).

Não basta apenas incorporar as tecnologias às aulas, é preciso ter claro o objetivo que se quer atingir, a finalidade a ser alcançada. Estar ciente que as tecnologias podem ser usadas para o bem ou para o mal. Concordamos com Paulo

Freire (2001b) quando diz que a prática pedagógica deve ser reflexiva e transformadora.

O uso das tecnologias não requer apenas o domínio da técnica ou da tecnologia, ele pressupõe novas formas de se relacionar com o conhecimento, requer uma perspectiva colaborativa. Também é preciso que o conteúdo da aula faça sentido para o discente, que promova o diálogo, o trabalho coletivo. É preciso identificar as características intrínsecas das tecnologias e explorá-las em atividades pedagógicas havendo intenções e objetivos claramente especificados. Pois a questão determinante não é a tecnologia, mas a forma de trabalhar com ela.

O design educacional do currículo que se desenvolve com a mediatização das tecnologias abarca as dimensões tecnológicas, pedagógicas, sócio-históricas, cognitivas e afetivas e considera a importância de integrar diferentes tecnologias das mais convencionais à tecnologia digital, de acordo com os objetivos pedagógicos da atividade, as características das tecnologias disponíveis e as condições contextuais. (ALMEIDA; PRADO, 2008, p.2).

Camas (2012), baseada nas experiências dos pesquisadores Dwyer, Sandholtz e Ringstaff (1997), nos diz que para formar o docente para o uso das tecnologias é preciso expor o professor às tecnologias de sua época, para que aprenda a usar. Assim ele passa a conhecer e ter a opção de adotar a tecnologia que melhor convém às habilidades e às necessidades de seus objetivos de aula. Após o uso inicial é feita a transição do adaptar, que é entendido como a ação de melhorar algo com as tecnologias adotadas, tendo o propósito de fazer melhor aquilo que já se fazia sem as tecnologias. Caminhamos assim, para apropriá-lo das tecnologias, de modo que tenha autonomia de uso a ponto de integrar as tecnologias adotadas, ou escolhidas, para uma determinada finalidade de ensino e aprendizagem.

Quando já houve apropriação das tecnologias, acontece a instauração do senso crítico de uso significativo. Permitindo assim, a autonomia da escolha da melhor ferramenta para um melhor processo educacional, gerando o inovar: “que é a perspectiva final da inserção das tecnologias na escola, na transformação e mudança na prática pedagógica”. (CAMAS, 2012, p.55).

Há dessa forma um ciclo de apropriação de Dwyer, Sandholtz e Ringstaff citado por Camas (2012): entendida pela exposição, adaptação, adoção, apropriação e inovação, visando à integração curricular do uso das tecnologias na formação de professores.

Para Brito e Purificação (2008), a comunidade escolar depara-se com três caminhos sobre o uso das novas tecnologias:

Repelir as tecnologias e tentar ficar fora do processo; apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo; ou apropriar-se dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o controle das tecnologias e de seus efeitos. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p.25-26).

O apropriar-se dos processos é o que melhor viabiliza uma prática pedagógica significativa. O professor precisa refletir sobre sua ação, elaborando projetos educacionais com a inserção da tecnologia, não apenas para o simples uso, mas que possa ter um objetivo. Assim a tecnologia não será usada apenas por status ou para dizer que esse professor é atualizado, mas esse uso terá significado. A tecnologia passa a ser um suporte para atingir um objetivo educacional.

Assim, uma visão aberta de mundo e um trabalho que promova diversas experiências são essenciais para a diversidade de situações pedagógicas, como afirmam as autoras:

Consideramos que a escola, em relação às NTIC¹⁰, precisa estar inserida num projeto de reflexão e ação, utilizando-as de forma significativa, tendo uma visão aberta do mundo contemporâneo, bem como realizando um trabalho de incentivo às mais diversas experiências, pois a diversidade de situações pedagógicas permite a reelaboração e a reconstrução do processo ensino-aprendizagem. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p.26).

A mera transmissão do conhecimento pelo professor ao aluno já é histórica e teoricamente comprovada por Freire (2002) como sem êxito. Para que o docente consiga elaborar um plano de aula que integre as tecnologias, não bastará apenas saber os conceitos e a teoria de forma fragmentada ou simplesmente substituir uma tecnologia por outra, como o quadro negro pelo *datashow* ou pela lousa digital, a leitura de um livro pela leitura em um *tablet*. É preciso interligar os conhecimentos científicos, históricos, filosóficos e tecnológicos.

Como vimos no ciclo de apropriação, trazido por Camas (2012), é preciso que o professor possa inovar sua prática, que tenha em mente o aprender do aluno, de forma a planejar aulas com objetivos claros e que utilize a tecnologia para atingir o que sem ela não seria possível. É trazer significado para esse uso!

¹⁰ Sigla utilizada pelas autoras que significa: NTIC – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Para Drucker (1999), a tecnologia será importante porque “irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas”. (1999, p.189).

Lucena e Fuks (2000) nos dizem que:

Quando a tecnologia está amadurecida e consolidada, ela parece desaparecer e se tornar invisível, já que se incorpora à dinâmica do cotidiano (o qual ela também modificou), e a maneira de utilizá-la e o resultado da sua ação tendem a ganhar destaque sobre a tecnologia propriamente dita, que passa a ser parte do ambiente. (2000, p.21).

É importante ressaltar que, quando falamos em processo de ensino-aprendizagem, devemos ter em mente três dimensões: o Aluno, o Professor e o Saber. Um olhar mais profundo sobre esse triângulo didático em tempos como o nosso, marcado pelas tecnologias digitais em rede, nos permite uma estratégia de análise de grande pertinência.

No que diz respeito ao Aluno, é evidente que as crianças e jovens de nossas escolas mudaram profundamente seus interesses, suas solicitações, seus estilos de vida e valores culturais. Se precisamos levar em conta o interesse e contexto social dos alunos, temos que ter claro quem são esses alunos, o que eles pensam, o que fazem, o que gostam, o que atraí seus interesses.

Quanto aos professores, precisam lidar com um contexto social e profissional diferentes de sua época ou formação. Assim, “concluir o magistério ou a licenciatura é apenas uma das etapas do longo processo de capacitação que não pode ser interrompido enquanto houver jovens querendo aprender”. (NÓVOA, 2001, não p.).

Castells (2001, p.55) nos diz que: “As elites aprendem fazendo e com isso modificam as aplicações da tecnologia, enquanto a maior parte das pessoas aprendem usando e, assim, permanecem dentro dos limites do pacote da tecnologia”.

Quando negamos ao aluno o acesso ao uso dessas tecnologias, estamos contribuindo mais ainda com uma desigualdade social que já existe ao longo da história. Vieira Pinto (2005, p.18) afirma que “convém ao pobre usar a tecnologia tanto quanto convém ao rico”.

Sobre o computador e a Internet, Lucena e Fuks (2000) afirmam que as tecnologias:

Entraram a tal ponto no trabalho e na vida cotidiana de uma grande parcela da população, e ganharam a tal ponto repercussão na mídia que se incorporaram à prática educativa dos estudantes e professores por fora da escola... Hoje, o computador é usado como editor de texto, como planilha eletrônica, como instrumento de edição e publicação de pequenos trabalhos, como agenda, como meio de comunicação e pesquisa, como entretenimento, por uma grande parte do que se poderia chamar a comunidade educativa, mesmo que não de maneira intensiva. (2000, p.24).

Se os professores e alunos já utilizam em suas vidas cotidianas as tecnologias, para que também as utilizem na prática pedagógica, é preciso repensar as metodologias.

Quando um professor faz uso de páginas e aplicativos da internet para preparar suas aulas, já está utilizando as tecnologias. Pois, está tendo uma intenção pedagógica para esse uso. Muitas vezes, o utilizar pedagogicamente as tecnologias, não diz respeito apenas a uma sala de aula, mas pode envolver outros momentos que também fazem parte da educação.

Assim, vimos no decorrer desse capítulo que é preciso que o professor compreenda seu papel na escola, utilize as tecnologias como uma ferramenta para novas metodologias e não para fazer o que já se fazia sem elas. Também lembramos o que diz Valente (2005) de que o pedagógico deve estar junto com o domínio da tecnologia.

Quando falamos no uso pedagógico das tecnologias, nos deparamos com práticas pedagógicas de interação, interatividade, colaboração e cooperação. Procuraremos diferenciar cada uma delas a seguir.

Interação, de acordo com Abbagnano (1998) é ação recíproca, transação. No dicionário de psicologia temos que é: “Uma situação em que uma coisa reciprocamente afeta a outra, de modo que ocorre uma troca. O termo é empregado particularmente em referência à interação social”. (STRATTON, HAYES, 1994, p.132).

Logo, podemos interagir com pessoas, coisas e situações que surgem. Não precisa haver tecnologia para que haja interação. Lemos (2013) chama de interatividade social ou simplesmente interação. Mas, não podemos descartar que o uso de tecnologias pode propiciar uma aula interativa e estimular ainda mais esse ambiente de interações.

Piaget já nos dizia que a criança aprende na interação com o objeto da apreensão, ao passo que, para Vygotsky a interação com a realidade resulta em conhecimento. Vemos que tanto no campo do interacionismo sócio-histórico de

Vygotsky, de base dialética, quanto no interacionismo de Jean Piaget, o aprender não é um processo de transmissão ofertado por outros, mas uma construção, na qual a interação desempenha um papel determinante. Fidalgo, Oliveira e Fidalgo (2009) apontam que tanto Piaget como Vygotsky “salientam a necessidade da presença de um mediador que deve facilitar a apreensão da realidade (professor e/ou colega), valorizando, dessa forma, a construção do conhecimento. (2009, p.149).

Lemos (2013), traz a concepção de que com os novos media digitais¹¹, acontece uma nova qualidade de interação, ou o que chamamos hoje de interatividade digital, que supera o paradigma analógico-mecânico. Para o autor, interatividade digital é um tipo de relação tecnossocial e, nesse sentido:

Um equipamento ou um programa é dito interativo quando seu utilizador pode modificar o comportamento ou o desenrolar. A tecnologia digital possibilita ao usuário interagir, não mais apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas com a informação, isto é, com o conteúdo. (LEMOS, 2013, p.113).

A interatividade digital caminha para a superação das barreiras físicas entre homens e máquinas e para uma interação cada vez maior do usuário com as informações e não apenas com os objetos. A interatividade permite as pessoas interferirem sobre as informações, sobre o conteúdo que está sendo exposto. “Isso pressupõe delimitar a interatividade como uma ação dialógica entre o homem e os objetos tecnológicos”. (LEMOS, 2013, p.111).

As tecnologias digitais que possibilitam a interatividade deixam de ser tecnologias de massa para tornarem-se tecnologias pós-massivas. (LEMOS 2013). Temos redes interativas como a internet, jogos eletrônicos interativos, televisões interativas ou *Smart Tv*, *rádioweb* interativa. As TIC digitais são recursos considerados pós-massivo, pois além de trazerem a informação, permitem a comunicação entre as pessoas, a participação e a interatividade entre elas. Kenski (2013) afirma que “a cultura contemporânea está ligada à ideia da interatividade, da interconexão e da inter-relação entre as pessoas, e entre essas e os mais diversos espaços virtuais de produção e disponibilização das informações”. (2013, p. 62).

A web começou por ser sobretudo texto com hiperligações, a que se vieram a associar imagens, som e mais tarde vídeo. “Com a web democratizou-se a publicação online e o acesso à informação”. (CARVALHO, 2008, p.7).

¹¹ Como Lemos chama as novas tecnologias digitais.

Os conceitos de interatividade se aprofundaram com o desenvolvimento da *Web 2.0*. Esse termo surgiu em meados de 2004. (Moura 2008). Foi proposto por Tim O, Reilly e o *Media Live International*. Chegou a se popularizar através das ferramentas: *Wikipédia, YouTube, Flickr, WordPress, Blogger, My Space, Facebook*, entre outras ferramentas capazes de facilmente tornar qualquer utilizador num produtor de conteúdos. Atualmente já está incorporada nos dispositivos móveis. “Se alguma coisa pode ser dita, é que a Internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação.” (CASTELLS, 2003, p.102).

Na primeira geração da *web*, chamada de *Web 1.0*, os sites eram trabalhados como unidades isoladas. Passando por uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo. A *Web 2.0*¹² é caracterizada por ampliar as formas de produção cooperada e compartilhamento de informações online.

A *Web 2.0* é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. [...] tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática. (PRIMO, 2007, p. 1).

Para Moura “as ferramentas *Web 2.0* estão a tornar a *web* numa plataforma de produção poderosa e a sua inclusão nos dispositivos móveis estão em expansão”. (2008, p.125).

Por aprendizagem colaborativa e aprendizagem cooperativa, trazemos os conceitos de Coll e Monereo (2010). A aprendizagem colaborativa para os autores:

É uma forma de organização social da sala de aula e dos processos de ensino e aprendizagem baseada na interdependência positiva de objetos e recursos entre os participantes. Também espera-se que os alunos se comprometam em um esforço coordenado e contínuo de construção conjunta do conhecimento e é enfatizada a necessidade de compartilhar objetivos e responsabilidades e de alcançar, manter e desenvolver uma representação negociada do problema que deve ser resolvido, a tarefa a ser realizada e/ou do conteúdo a ser aprendido. (COLL; MONEREO, 2010, p.224).

¹² Não queremos neste trabalho consolidar termos, pois a cada dia surgem novas terminologias que buscam explicar a constante evolução das tecnologias.

Podemos entender que na aprendizagem colaborativa, há coordenação de papéis, mas a construção de ideias e de produção do trabalho é conjunta. Acontece grande conexão entre os alunos e profundidade nas trocas comunicacionais.

Por aprendizagem cooperativa temos:

Tal como a aprendizagem colaborativa, é uma forma de organização social da sala de aula e dos processos de ensino e aprendizagem baseada na interdependências positiva de objetivos e recursos entre os participantes. Contudo, e diferentemente da proposta anterior, apoia-se essencialmente em um processo de divisão do trabalho, no qual os participantes concordam em ajudar-se uns aos outros em determinadas atividades, mas frequentemente limitam sua coordenação ao momento em que são reunidos os resultados parciais dos diferentes membros do grupo. (COLL; MONEREO, 2010, p.224).

Isso significa que na aprendizagem cooperativa, as conexões e trocas comunicacionais entre os participantes são variáveis, em função de até que ponto haver discussão, planejamento conjunto e troca de papéis. Nessa atividade, o grupo pode interagir fazendo trocas e compartilhando experiências; como pode apenas dividir as tarefas e cada um fazer a sua parte individualmente, sem trocas e interações, reunindo apenas no final as suas partes.

Assim, temos na atividade colaborativa um trabalho em conjunto, onde as ideias e a produção acontecem por todos do grupo. No trabalho de cooperação, o trabalho é dividido entre os participantes e cada um faz o que lhe foi designado. O produto final é a junção de todas as partes.

A reflexão do que o professor faz, pode permitir reconstruir o que pode ser feito, confrontando esses docentes com seu contexto social e político, daí a importância da aprendizagem colaborativa.

Para Valente (2005), mesmo tratando da Educação a Distância, ao abordar o ponto de vista de construção de conhecimento, define que:

A cooperação que acontece entre pessoas de um determinado grupo é uma das maneiras mais interessantes de uso das facilidades de comunicação do computador, constituindo uma das abordagens de educação a distância. Essa abordagem tem sido denominada de "estar junto virtual". (VALENTE, 2005, p.28).

Essa cooperação envolve o acompanhamento e o assessoramento dos membros do grupo, entendendo o que cada um faz, para ser capaz de propor desafios e auxiliá-los a atribuírem significados ao que estão realizando. O "estar junto virtual",

pode ser trazido aqui como a possibilidade da interatividade e da construção do conhecimento.

Concordamos com Pischetola (2013) que o maior desafio hoje nas instituições de ensino “é usar mídia e tecnologia de forma inteligente e eficiente na produção do conhecimento, não só utilizando a tecnologia como uma ferramenta a mais, mas gerando processos de aprendizagem efetivos”. (2013, p.387).

Logo, retomamos as reflexões que abordamos anteriormente sobre o uso das tecnologias na escola. A tecnologia deve estar aliada a uma metodologia, que garanta ao aluno, transformar as informações em conhecimento. Para isso, é preciso mudar o contexto de um professor detentor do saber, para um professor mediador, como veremos a seguir.

3.3 PROFESSOR MEDIADOR

“É de um professor assim, flexível, competente, humano e compreensivo, que o ensino em tempos de mudança precisa”. (KENSKI, 2013, p.107). Trazemos aqui a citação de Kenski para começar a refletir acerca do professor mediador, que precisará ser flexível, competente, humano e compreensivo na sua função.

O escopo dessa pesquisa está em investigar como os professores corregentes utilizam as tecnologias em suas práticas pedagógicas. Surgiu pelo fato desses professores trabalharem especificamente com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Como vimos anteriormente, o uso das tecnologias muda o papel de professor transmissor para o de professor mediador. O professor corregente, deve ter claro essa concepção de mediação do conhecimento, para ajudar esses alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem. Pois, para Kenski (2013):

A mediação tecnológica facilita que novos projetos pedagógicos sejam criados, respeitando o ritmo de aprendizagem dos alunos de todas as idades e níveis de ensino, os espaços em que eles se encontram e os tempos disponíveis para estudar e trabalhar. (KENSKI, 2013, p.54).

Lev Vygotsky (1995) incorporou a cultura como um elemento fundamental na formação da mente. Essa perspectiva iniciada nos anos de 1920 recebe o nome de enfoque histórico-cultural ou sociocultural. “Um dos conceitos fundamentais desta

teoria é o de mediação cognitiva. O signo (linguístico ou não-linguístico), como elemento possuidor de significado, é o eixo sobre o qual circulam os processos de mediação”. (PABLOS, 2006, p.76).

Foi com as contribuições de Vygotsky e com o estudo da natureza da linguagem e sua forma dinâmica de produção que se abriram caminhos para pesquisadores, como Feuersteins que desenvolveram uma metodologia sobre a mediação.

Feuerstein citado por Zanatta Da Ros (2002) é um autor que defende a mediação na pedagogia. Para ele “o processo de desenvolvimento e aprendizagem compreende necessariamente a presença do outro como representante da cultura e mediador de sua apropriação”. (2002, p.20).

A teoria da Aprendizagem Mediada deriva da prática profissional de Reuven Feuerstein, nos anos de 1940 e 1950 em Israel. Ele estudou em sua tese 18 crianças rotuladas incapazes, em exames psicológicos tradicionais. Para ele, há modificabilidade pelas interações mediadoras do desenvolvimento humano. Afirmava que “em situações psicológicas, sociais e culturais desfavoráveis, as crianças não podem apropriar-se do saber, e isso não quer dizer incapacidade.” (ZANATTA DA ROS, 2002, p.23).

A modificabilidade, ou o aprender a aprender, em suas palavras, implica a possibilidade de modificar-se sempre, independentemente da idade ou das limitações. Todos podem aprender, evoluir, modificar-se. A mediação é um meio que possibilita esse aprender. A mediação “coloca à disposição da pessoa novos significados e sentidos culturais”. (ZANATTA DA ROS, 2002, p.25).

Na sociedade contemporânea, o professor não é mais o detentor do saber, aquele que repassava os conhecimentos para os alunos. Com as informações disponíveis a todos, o papel do professor muda para um professor mediador, ele media a interação dos alunos com a quantidade e qualidade de informações, possibilitando, talvez, a construção do conhecimento.

Para Lucena e Fuks:

Quanto aos professores, eles devem ser preparados para trabalhar como facilitadores, tutores e até mesmo provocadores de participação. O professor não tem mais a missão de transmitir conhecimento e, sim, de orientar o aluno e ajudá-lo na busca do conhecimento. (2000, p.72).

Para Freitas (2009) da aprendizagem procede o desenvolvimento, é um processo de construção compartilhada pela construção social. Nessa concepção “o professor atua nesse processo como um mediador servindo com o seu trabalho no desenvolvimento potencial do aluno”. (FREITAS, 2009, p.65).

No processo de colaboração, o professor é o mediador, deixando de ser e dominar o conhecimento. Como mediador, seu papel é articular, colaborar e coordenar as atividades desenvolvidas. Levar o aluno a refletir sobre as diversas informações disponíveis, avaliar as fontes e a veracidade dessas informações.

É preciso “considerar o aluno sujeito ativo e protagonista, ao lado do professor, que será o mediador do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem”. (PENSIN; NIKOLAI, 2013, p.35). Esse é um processo de ruptura, de mudanças de paradigmas¹³, pois o professor deixa de ser o centro da ação educacional. Essas são mudanças de visão, seja da escola, do professor, do aluno e das famílias, que foram criadas em outro contexto histórico.

Assim, para que a educação consiga atingir os seus objetivos,

É preciso dar ênfase ao papel do professor como agente de mudança e mediador entre a informação e o conhecimento nos processos de ensino e aprendizagem, e que ele possa dispor de recursos dos mais diversos e de um aparato tecnológico atualizado. (ROSADO; BOHADANA; FERREIRA, 2013, p.63).

As formas de aprender hoje são muito diferentes do passado. As crianças assistem TV, ouvem música, estão conectados, interagindo com as redes sociais, tudo ao mesmo tempo. Algo que nas décadas atrás não era comum. Conforme Jordão (2009) relata:

As tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações, as formas de acesso randômico, repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da internet, por exemplo, estão muito mais próximos da forma como o aluno pensa e aprende. (JORDÃO, 2009, p.10).

¹³ O conceito paradigma procede do grego paradigma, que significa “exemplo” ou “modelo”. Entende-se por paradigmas, de acordo com Moraes (1997) todos os modelos e padrões compartilhados por grupos sociais que permitem explicações de certos aspectos da realidade.

Antes tínhamos o professor como transmissor do conhecimento. Os acessos às informações eram limitados às enciclopédias, dicionários e livros e não eram todas as escolas que possuíam bibliotecas e as tecnologias eram poucas.

Hoje temos o professor como mediador, que estimula, incentiva o aluno na aprendizagem. As tecnologias digitais estão próximas dos alunos e de como eles pensam e aprendem.

O professor, neste contexto de mudança deve saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como trata-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador a autopromoção e conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupo reunido por áreas de interesses. (MERCADO, 2002, p.12).

Neste sentido, é necessário formar o professor para um novo modelo de escola, em que o ensino não esteja centrado nele. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2002, p.12). Assim, o professor mediador, aprende e ensina ao mesmo tempo.

O papel docente continua sendo essencial para que os alunos possam adquirir conhecimento, mas é preciso que esse professor tenha formação, tanto inicial como continuada. O próximo tópico tentará trazer essa discussão, sobre a formação do professor para o uso das tecnologias.

3.4 FORMAÇÃO DOCENTE PARA O USO DAS TECNOLOGIAS

As novas tecnologias digitais de comunicação e informação produzem novos padrões de comportamentos e relacionamentos pessoais e sociais que refletem diretamente na necessidade de adoção de novos tipos de formação e escolarização. Essa escolarização se estende para toda a vida, com ações específicas para aprendizes de diferentes idades e formações. (KENSKI, 2013, p.91).

Lucena e Fuks (2000) dizem que parte das dificuldades que os professores enfrentam para utilizarem os recursos de informática na educação está ligada à própria história de implantação da informática nas escolas do Brasil. Assim, qualquer atividade com computador remete a sua política de implantação tecnicista:

Em primeiro lugar, porque para o educador, qualquer atividade que envolva computadores aparece como herdeira e continuadora da política de “Tecnologia Educacional” impulsionada a partir do final da década de 1960, quando se procurou levar a escola a um “funcionamento racional de formação de mão de obra” [...] é a supervalorização da Tecnologia Educacional – o tecnicismo educacional – como solução apresentada para os problemas da educação brasileira. (LUCENA; FUKS, 2000, p.15).

As tecnologias educativas eram vistas como propulsoras de um aumento de produtividade, em um caráter racionalizador. Lembrava o sistema fabril, na qual os instrumentos se destacavam em detrimento dos sujeitos do processo. Logo, a supervalorização instrumental da época da implantação das tecnologias, na qual não alcançava a raiz dos problemas que a educação vivia, terminou apenas por tornar operativo o mesmo modelo tradicional vigente, criando em muitos educadores um sentimento de descrédito em relação à introdução de tecnologias no processo educativo. (LUCENA; FUKS, 2000).

Na década de 1980 o uso das tecnologias educacionais voltou a ser revalorizado, agora com o computador. Mas assim como aconteceu em 1960, essa iniciativa partiu dos altos escalões do governo brasileiro. Como os autores nos lembram, “nos anos de 1981 e 1982, foram realizados o I e II Seminário Nacional de Informática na Educação envolvendo, pela primeira vez, pessoas ligadas diretamente ao processo educacional”. (LUCENA; FUKS, 2000, p.15).

Os participantes de ambos os seminários declararam-se favoráveis que o governo viabilizasse recursos para pesquisas do uso de computadores na educação. Surge então o Projeto Cied (Centros de Informática e Educação). Em 1987, ocorreu a descentralização do MEC para as Secretarias Municipais e Estaduais que passaram a participar da construção dos Laboratórios.

Mas de acordo com Lucena e Fuks, as experiências dos anos seguintes foram frustrantes.

A descontinuidade dos recursos, a ausência de suporte, a falta de preparação das equipes constituídas, a ausência de discussão e de participação mais ampla de professores e estudantes [...] terminaram por paralisar e isolar os Laboratórios no interior da Escola [...] pois além das dificuldades próprias de uma prática sem tradição, a obsolescência extremamente rápida da informática e a falta de manutenção podem paralisar as atividades. (2000, p. 17).

A obsolescência programada dos recursos tecnológicos não era um problema só dos anos de 1980. Um computador ou um celular hoje perde seu valor competitivo e atualizado em menos de uma década, para ser otimista. Essa é uma questão a se refletir. Não basta apenas equipar as escolas, é preciso haver manutenção e com o passar dos anos a troca desses produtos.

Outra dificuldade da implantação dos recursos tecnológicos nessa época foi:

O fato de professores, alunos e funcionários que até aqui haviam sido marginalizados do processo de elaboração e decisão sobre estas políticas verem, agora, seu papel reduzido a mero aplicadores de decisão preestabelecidas, cobrados por uma política e iniciativas das quais não tinham sido constituintes. (LUCENA; FUKS, 2000, p.17).

Existe uma associação errônea em achar que tecnologia é somente o moderno, as máquinas ou os computadores. A tecnologia, como já vimos, anteriormente, existe em qualquer atividade humana. A escola sempre utilizou recursos tecnológicos como instrumento de trabalho: o quadro-negro, giz, livros, apostilas, cadernos, mimeógrafos, retroprojetores, etc. e a própria escrita, é um elemento constituinte de significados.

Então, o que precisamos ter claro é que ao se pensar em formação continuada de professores, não se pode desvincular a tecnologia da metodologia. “Tanto faz o quadro de giz ou a *Web*, a tecnologia usada há de ser referendada para poder fazer sentido. A técnica, por si só, não forma nem o professor nem o aluno”. (LUCENA; FUKS, 2000, p.20).

O artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases Da Educação, nº 9.394/96, ao definir os princípios da educação nacional, prevê a valorização do profissional da educação escolar, trazendo a noção de que valorizar o profissional da educação é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética e ambiental:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
 I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
 IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 VII - valorização do profissional da educação escolar;
 VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
 IX - garantia de padrão de qualidade;
 X - valorização da experiência extraescolar;
 XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
 XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (BRASIL, 1996).

Para a formação inicial e continuada dos docentes, é central levar em conta a relevância dos domínios indispensáveis ao exercício da docência, conforme disposto na Resolução CNE/CP nº1/2006, citado nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013, p.58), que assim expressa:

I- o conhecimento da escola com organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;
 II- a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
 III- a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino.

Além desses domínios, o professor precisa saber orientar, avaliar e elaborar propostas que devem transpor os saberes específicos de suas áreas de conhecimento e das relações entre essas áreas. Conhecer e compreender as etapas de desenvolvimento dos estudantes com os quais está lidando.

Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica:

A formação inicial e continuada do professor tem de ser assumida como compromisso integrante do projeto social, político e ético, local e nacional, que contribui para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e capaz de promover a emancipação dos indivíduos e grupos sociais. (2013, p.58).

Hoje, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com as crianças nascidas neste século. Além disso, é lhe exigida de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais,

como pré-requisito para o exercício da docência, “a capacidade de trabalhar cooperativamente em equipe, e de compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa”. (BRASIL, 2013, p.59).

O professor deve entender e usar as novas mídias, para o seu próprio aprendizado. Para Lévy (2014), “se os professores não forem, eles mesmos, muito bons em usar essas ferramentas, no sentido de usar para aprender, para explorar, colaborar e tudo mais, não vai ser válido” (2014, não p.). Como vimos anteriormente em Camas (2012), Valente (2005), Almeida e Prado (2008), Lucena e Fuks (2000), entre outros, o professor precisa compreender a tecnologia, para que a utilize com consciência e finalidade, apenas a adoção da tecnologia não basta para desenvolver um trabalho significativo.

Só a ferramenta não faz o trabalho sozinha, é importante que os professores usem as mídias para aprender, para explorar. Ainda para Lévy, “não há conhecimento sem esforço”. (2014, não p.). Assim, é preciso iniciativa dos docentes em se atualizar, em utilizar os recursos tecnológicos primeiramente para seu uso pessoal e conseqüentemente para o trabalho pedagógico.

Nas práticas docentes catalisadoras, o professor revela compreensão e assimilação sobre as necessidades dos alunos da escola atual, decorrentes das transformações culturais, científicas e humano sociais identificadas.

Nesta perspectiva, nas mediações de suas práticas, os professores constroem constantemente seus conhecimentos e procedimentos pedagógicos e os amalgamam a outros tipos de temas e contextos, dando origem a outros e/ou novos conhecimentos e compreensões. (HAGEMEYER; GABARDO, 2014, p.56).

A evolução tecnológica desencadeou um grande impacto nos interesses e valores de crianças, jovens e adolescentes. A escola contemporânea precisa lidar com a cultura das mídias digitais, para isso é preciso investir em uma formação continuada que promova aos docentes “transitar entre as novas formas de ser, estar e se relacionar dos estudantes no âmbito escolar e procurem rever concepções, atitudes e estratégias no trato de suas identidades e valores”. (HAGEMEYER; GABARDO, 2014, p.53).

De acordo com um estudo feito pelo biólogo Scott Freeman, da Universidade de Washington e divulgado por Caldas (2014), universitários submetidos as aulas

tradicionais, em formato de palestras, são mais propensos à reprovação do que alunos em contato com métodos de aprendizado mais ativos e estimulantes.

Para Kenski (2012b):

[...] vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde, anteriormente, predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. Para que as TICS possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. (2012b, p.46).

Esse é o desafio da contemporaneidade: promover na formação continuada a reflexão dos métodos de ensino, de acordo com a nova cultura das mídias e dos estudantes, um autoexame de sua prática. Morin (2011) corrobora dizendo que: “A prática mental do autoexame permanente é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro”. (2011, p.87).

Freitas (2009) nos diz que percebeu que a internet esta possibilitando que os adolescentes escrevam mais. Para ela, temos um novo gênero discursivo. A escola e os textos utilizados pelos professores, encontram-se distantes dos interesses desses adolescentes: “[...] há desconhecimento e até mesmo a presença de certos preconceitos linguísticos, sociais e culturais em relação às práticas de leitura-escrita possibilitadas pela internet.” (FREITAS, 2009, p.58).

Esse contexto contemporâneo mostra a necessidade de estudos do professor com as novas práticas de leitura-escrita digital. A velocidade com as quais as informações circulam, as novas concepções e relações de trabalho, cidadania e aprendizagem, refletem o impacto das tecnologias e a urgência nessa capacitação, tanto inicial quanto continuada.

Essa formação deve contemplar a compreensão dos processos de ensino, as novas formas de aprendizagem e metodologias de ensino.

O cerne da questão está em uma formação que desenvolva no professorado a compreensão do processo de ensino e o desenvolvimento do aluno, entendendo quais os fatores sociais, econômicos e políticos que permeiam sua prática educativa. (FREITAS, 2009, p.63).

Ainda para Freitas, “os cursos de Pedagogia do Brasil não têm incluído em seus currículos o uso crítico e criterioso do computador e da internet, nem habilitam o futuro professor para sua inclusão no trabalho pedagógico”. (2009, p.68). Devemos

ressaltar que não basta apenas inserir o uso das tecnologias nas graduações, como nos diz Freitas, mas fazer com que seu uso tenha significado, que atenda a um propósito aliado a uma metodologia. Para Kenski (2013):

Há que se mudar a lógica de formação e ação em todas as disciplinas dos currículos dos cursos de formação de professores. Só assim os futuros professores poderão construir posturas profissionais mais condizentes com a realidade atual de pleno uso da informática em todos os segmentos profissionais, sociais e pessoais. (2013, p.96).

Nos estudos de Freitas (2009), os professores ainda se mostram tímidos e inseguros, reconhecem as tecnologias somente como um recurso à sua disposição, não reconhecem neles suas reais potencialidades de serem incluídos como instrumentos de aprendizagem que revolucionem a prática pedagógica. Mas, complementando as colocações de Freitas, as tecnologias só terão potencialidade na aprendizagem, se estiverem atreladas a uma metodologia. Somente a tecnologia, sem uma metodologia, não trará acréscimos ao sistema de ensino-aprendizagem.

Essa situação revela que não basta equipar as escolas com laboratórios de informática e oferecer aos professores cursos de iniciação a esses instrumentos. Isso só não é suficiente se não há discussão maior sobre o que se altera na aprendizagem do uso dessas tecnologias. Aspectos como interatividade, aprendizagem compartilhada, novas formas de avaliação, a partir da inclusão do computador e da internet na sala de aula, não são discutidos. (FREITAS, 2009, p.71-72).

A maior parte das escolas tem procurado inserir computadores para não ficar à margem da sociedade, ou seja, por marketing de qualidade ou por se mostrarem atualizadas, ou até mesmo pelas políticas públicas, mas não sabem muito bem por que, para que e como. Não compreendem os efeitos de seu uso na aprendizagem, no currículo e na organização da instituição. Sobre isso Kenski (2013) ressalta que:

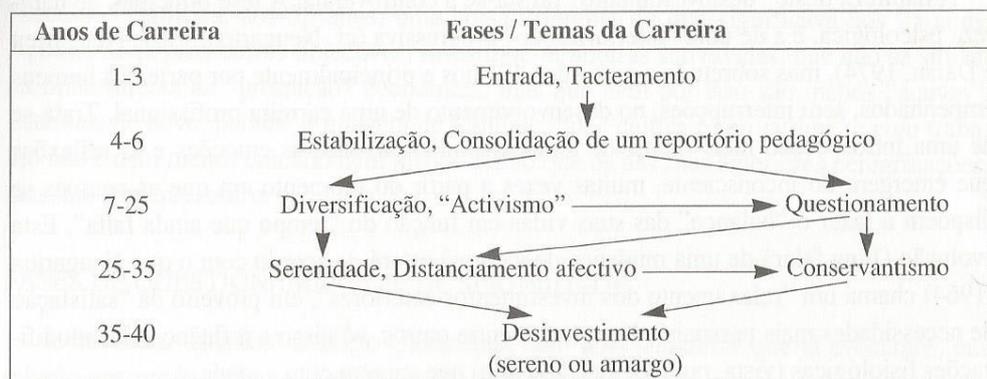
É necessário operar mudanças radicais na formação docente. Utilizar uma tecnologia em sala de aula não é sinônimo de inovação nem de mudança significativa nas práticas tradicionais de ensino. Um bom exemplo disso são as apresentações expositivas clássicas e enfadonhas feitas com slides produzidos no PowerPoint. (KENSKI, 2013, p.96).

Portanto, não é o uso das tecnologias que vai definir a transformação necessária na formação dos docentes. Mesmo utilizando tecnologias consideradas de

última geração, se não considerarmos as potencialidades pedagógicas de participação, interação, movimento, ação dessa tecnologia; de nada vai adiantar.

Huberman (1995), ao estudar a carreira do professor, propõe fases de vida em situações de sala de aula, na qual chama de “ciclo de vida”. Os dois ou três primeiros anos de ensino do professor é chamado pelo autor de entrada na carreira. Depois vem a fase de estabilização que pode envolver a diversificação ou o questionamento, a serenidade ou distanciamento afetivo; o conservantismo e termina com a fase do desinvestimento, que pode ser sereno ou amargo. (FIGURA 1).

FIGURA 1 – CICLO DA CARREIRA DE PROFESSOR



FONTE: HUBERMAN (1995, p.47).

Ao pensar na formação continuada, devemos ter em mente esse ciclo de vida, para que possamos propor reflexões sobre cada fase, de forma a superar as “crises” e chegar a um fim de carreira sereno.

É necessário que haja um trabalho coletivo no uso das tecnologias. Que toda a organização escolar repense o uso do computador e da internet. Não basta algumas práticas isoladas de professores, para que as tecnologias possam ser contempladas. Logo, é preciso que seja também incluído no Projeto Político Pedagógico da instituição. “[...] mais do que seu uso isolado por esse ou aquele professor ou turma, é preciso que haja sua inclusão no projeto político pedagógico da escola”. (FREITAS, 2009, p.72).

Outro fator é a imersão e apropriação por parte dos docentes dos instrumentos e de sua internalização. É através da experiência direta que os professores perceberão as possibilidades reais de uso da própria prática e na de seus companheiros.

Como parte desse processo, deve-se possibilitar que o professor em formação também tenha acesso aos recursos tecnológicos e possa vivenciar situações em que as TIC's sejam utilizadas como recursos educacionais, a fim de poder compreender o significado da aprendizagem por meios desse aparato tecnológico, qual é o seu papel enquanto educador nessa situação e que metodologia é mais adequada a sua prática de ensino. (ROSADO; BOHADANA; FERREIRA, 2013, p.64).

Entretanto, para Barreto (2012),

A ausência das TIC tem servido de argumento para explicar o fracasso na “pedagogia dos resultados” e de justificativa para o fornecimento de kits tecnológicos acompanhados de manuais de uso. É a redução de professores e alunos a usuários/consumidores. (BARRETO, 2012, p. 997-998).

Concordamos com Barreto (2012), pois, não podemos colocar as frustrações da baixa qualidade da educação na falta de tecnologia. A tecnologia não é a “tábua de salvação”, é um suporte, que precisa estar aliado a uma boa metodologia. “Muitas das experiências que vivemos fracassam ao tentar reproduzir a mesma prática anterior utilizando as novas tecnologias”. (LUCENA; FUKS, 2000, p.26).

Inserir tecnologias nas salas de aula, sem resgatar os sentidos da formação e do trabalho docente, é mascarar a real necessidade educacional.

A formação para o uso das tecnologias deve iniciar na graduação e na formação continuada dos professores:

Para nós, o processo deve ser iniciado dentro da universidade, integrando o currículo da pedagogia e das licenciaturas ao uso das novas tecnologias na forma de aprender e de ensinar e, paralelo a isso, os profissionais que já atuam nas escolas devem ser incentivados a participarem de projetos de formação continuada para as novas tecnologias. (ROSADO; BOHADANA; FERREIRA, 2013, p.65).

A prática pedagógica requer do professor criatividade, inovação, novas competências. Hetkowski (2014) afirma que “as práticas pedagógicas são centelhas condutoras de sentidos e significados aos fazeres humanos, os quais se realizam no tempo e nos espaços, mediadas por/entre sujeitos”. (2014, p.431).

Ainda para Hetkowski, as práticas pedagógicas dos professores são constituídas:

Pelas práticas sociais, religiosas, culturais, filosóficas, políticas, artísticas, produtivas e pelos pressupostos teóricos-metodológicos de sua formação, as quais contemplam o caráter histórico de suas experiências nas formas de ensinar e aprender; nos modelos tradicionais ou inovadores vivenciados; nos saberes científicos e populares apregoados aos processos formativos à reorganização dos conceitos, didáticos, metodologias, mediações, afeto e relacionamento em seus alunos dentro e fora dos espaços da escola. (HETKOWSKI, 2014, p. 436).

Para Nóvoa (1995a), a prática do professor está aliada a sua vida pessoal, pois “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. (NÓVOA, 1995a, p.15).

Logo, podemos atrelar a criatividade a processos individuais e a inovação a processos coletivos. A inovação é mobilizada pelos modos de pensar, refletir, construir, agir, mediar, planejar, programar, implementar e desenvolver situações que envolvam mecanismos cognitivos e motores, ou seja, efetivem uma atividade prática. (HETKOWSKI, 2014).

“A prática pedagógica inovadora se caracteriza por uma ação pedagógica intencional que ocorre a partir da ruptura com os paradigmas vigentes”. (PENSIN; NIKOLAI, 2013, p.41).

Os paradigmas vigentes são os modelos de ensino-aprendizagem da maioria das escolas. É preciso romper com a concepção de que o conhecimento encontra-se somente no espaço escolar e, como já vimos, repensar o papel do professor como mediador das informações e levar o aluno a selecionar, sistematizar a informação para que se torne conhecimento.

Eu quero professores que não se limitem a imitar outros professores, mas que se comprometam e reflitam na educação das crianças numa nova sociedade; professores que fazem parte de um sistema que os valoriza e lhes fornece os recursos e os apoios necessários à sua formação e desenvolvimento; professores que não são apenas técnicos, mas também criadores. (LAWN, 1991 apud NÓVOA, 1995b, p.26).

Assim, ao querer inovar, o professor não deve assumir o novo porque é diferente, mas assumir sua dimensão histórica, rompendo com práticas tradicionais ou tecnicistas de ensino, que não possibilitam a reflexão crítica sobre os diversos fatores que implica o trabalho educativo. Também não devem apenas imitar outros professores, mas pensar sua prática, para que possam ser criadores e não apenas reproduzirem o que está pronto.

É preciso que a formação pedagógica leve o professor a repensar a sua aula. “A aula como espaço de pesquisa, como espaço de construção de conhecimento interdisciplinar, como espaço de desenvolvimento de aprendizagem e com espaço e tempo de uso das tecnologias de informação e comunicação”. (MASETTO, 2011, p.597). Nóvoa (1995b) corrobora com Masetto sobre a importância do professor pensar seu trabalho:

[...] contrariamente a outras organizações, as escolas dedicam muito pouca atenção ao trabalho de pensar o trabalho, isto é, às tarefas de concepção, análise, inovação, controle e adaptação. A explicação deste facto reside em primeira linha na lógica burocrática do sistema de ensino, mas tem como consequência uma organização individual do trabalho docente e uma redução do potencial dos professores e das escolas. (NÓVOA, 1995b, p.24).

Freire (2002) também nos afirma que na formação permanente dos professores, “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (2002, p.22).

“A prática pedagógica diz respeito a uma ação intencional do educador em direção ao processo de ensino-aprendizagem”. (PENSIN; NIKOLAI, 2013, p.38). Por isso, ao utilizar as tecnologias, o professor precisa ter um objetivo claro, uma intenção para esse uso, que vise levar o aluno a aprendizagem. Os recursos não substituem as aulas e nem o domínio do conhecimento. O professor precisa ter clareza sobre o que é ensino e aprendizagem e deve aliar as metodologias para esse fim.

Nóvoa (2014) nos diz que para haver um equilíbrio entre a teoria e a prática na formação do docente, deve-se inserir um terceiro termo, que é a cultura profissional do professor, ou seja, o conhecimento profissional docente, que deve permear esse equilíbrio. Para o autor, deve-se “partir do conhecimento profissional docente, não com conhecimentos práticos, mas com conhecimento profissional, junto com a teoria e a prática”. (2014, não p.).

Para Fidalgo, Oliveira e Fidalgo (2009), o mercado de trabalho tem cobrado novas competências dos professores:

A construção e a reconstrução de competências no trabalho, por parte dos professores, são exigências que pesam sobre seus ombros, pois é preciso estar qualificado para as mudanças, que são elementos estratégicos na composição do mosaico da nova profissionalidade docente [...] A continuidade no emprego passou a não mais depender da qualidade do trabalho executado por anos a fio, mas da capacidade de adaptação às novas demandas. (2009, p.136).

Queremos ressaltar, que as mudanças se fazem necessárias, não para atender a um capitalismo e um mercado consumidor, mas porque a escola deve acompanhar as demandas de seu tempo, como já mencionamos no início dessa dissertação e bem nos lembrou Paulo Freire. E porque “o processo de formação docente é contínuo, não se esgota”. (KENSKI, 2013, p.145).

No próximo tópico, contextualizaremos a função do professor corregente no Município de Curitiba. Pois, o escopo desta pesquisa está centrado nesse professor. Por não haver estudos que abordem e contextualizem essa função, achamos necessário compreender o que é a corregência e quem é esse professor corregente.

3.5 A FUNÇÃO DO PROFESSOR CORREGENTE EM CURITIBA

Como foi mostrado nos estudos de revisão de literatura, no segundo capítulo, não encontramos nenhuma pesquisa que abordasse a função do professor corregente. Mesmo essa função surgindo na Prefeitura de Curitiba, não se encontrou nesse município pesquisas ou estudos que elucidem essa função.

Então fez-se necessário pesquisar sobre a função do professor corregente na RME, para entender o que a compreende. Pois, para entender o uso das tecnologias nas práticas pedagógicas, primeiramente, foi preciso compreender como acontece a corregência no contexto escolar.

Num processo de busca entre os professores mais antigos da Rede Municipal de Curitiba, conseguimos encontrar uma única cópia do primeiro documento que falava acerca da função da corregência. Também, encontramos em uma das escolas o documento que traz o processo de Implantação dos Ciclos de Aprendizagem na Rede. Vemos que mesmo em dezesseis anos da implantação da corregência, não se tem documentos que norteiem o trabalho dos professores que assumem essa função. Encontrou-se apenas no Caderno Pedagógico de subsídio das pedagogas, uma menção sobre a função do corregente.

Em 1999, o Município de Curitiba implantou na Rede, o sistema de Ciclos de aprendizagem. A maioria das escolas mudaram seus sistemas de seriação para o de ciclos, a partir desse projeto. (CURITIBA, 1999).

Atualmente, esse sistema de ciclos se configura da seguinte maneira:

- CICLO I – Contempla o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Com capacidade de 30 alunos por sala;
- CICLO II – Contempla o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Com capacidade de 35 alunos por sala;
- CICLO III- Contempla 6º e 7º anos da Segunda Etapa do Ensino Fundamental. Com 35 alunos por sala e,
- CICLO IV – Contempla 8º e 9º anos da Segunda Etapa do Ensino Fundamental, também com 35 alunos por sala.

Nesse sistema de ciclos, o aluno só pode ser reprovado no final de cada etapa, que varia de dois a três anos. Não sendo permitida mais de uma reprovação por competência no mesmo ciclo.

Surge nesse contexto, a função do corregente, que vem contribuir para a efetividade da ação didática. (CURITIBA, [2000?]). A palavra Corregente, no Dicionário Léxico (2016, s.p.), é a: "Pessoa, que é regente com outrem". Neste sentido, entendemos que esse professor é responsável, tanto quanto o regente, pela aprendizagem dos alunos e seu papel é essencial; pois é ele quem trabalha diretamente ao lado do discente, auxiliando em suas necessidades específicas.

O documento de implantação dessa função nos diz que:

Corregência¹⁴ supõe, como o próprio termo indica, ação conjunta com o regente. Não constitui atividade de recuperação paralela de estudos. É, antes, um processo concomitante e articulado as atividades da regência da classe. Implica, pois, na busca permanente do corregente por auxiliar individualmente o aluno a compreender e acompanhar as atividades de seu grupo. Esse processo é facilitado quando o corregente atua individualmente com os alunos que mais precisam de auxílio durante as atividades corriqueiras de sala de aula. (CURITIBA, [2000?], p.5.).

Esse trabalho individualizado, com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, remete-nos a importância do professor corregente atuar como o mediador do conhecimento. Ele precisará observar o “erro” desse aluno, para entender como se processa o seu pensamento para então intervir. “O ‘erro’ pode

¹⁴ Optamos por trazer essa palavra de acordo com os novos padrões ortográficos, vigentes atualmente.

indicar alternativas de ação para o professor e desafios a serem superados pelo aluno”. (CURITIBA, [2000?], p.5).

“A tarefa essencial do corregente consiste, pois, em orientar personalizadas os alunos em situações de aprendizagem, explicitando-lhes o sentido, indicando procedimentos e apontando caminhos”. (CURITIBA, [2000?], p.6). Assim, como no sistema de Ciclos de Aprendizagem só há retenções no final de cada ciclo, a função do corregente surge para atender os alunos com dificuldades de aprendizagem, no contexto de sala de aula, de forma personalizada e individualizada.

A Portaria nº 45, publicada no Diário Oficial do Município de Curitiba, no dia 11 de novembro de 2013, resultou em mudança do papel do professor corregente, que não participava do planejamento feito pelos professores regentes de turma.

Desde o ano de 2014, professores regentes e corregentes passaram a fazer permanência ao mesmo tempo e trabalham juntos nos planos de aulas, acompanhados pela pedagoga da escola.

Outra mudança foi que a cada duas turmas, há um corregente para atendê-las e esse professor assume também a regência da disciplina de Ciências. Garantindo com as aulas de Ciências a Hora Atividade do professor regente.

De acordo com a Prefeitura de Curitiba (2013, não p.):

Cada grupo de três profissionais será responsável pelo planejamento de duas turmas. Ou seja, passa a atuar nas escolas um professor que, além da corregência nessas turmas, assumirá também, como regente, as aulas do componente Curricular de Ciências.

O professor corregente é o regente de Ciências e corregente das duas turmas, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

De acordo com o Caderno Pedagógico de subsídios à organização do trabalho pedagógico nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, o trabalho da corregência consiste em:

Corregência: esse tipo de atendimento deve ocorrer dentro de sala, em horário regular de aula, articulado às atividades da regente de turma, auxiliando individualmente o estudante a compreender e acompanhar as atividades de seu grupo e, principalmente, atuar com intervenções didático-pedagógicas apropriadas e necessárias, para que não ocorram lacunas ou bloqueios e defasagens em aprendizagens posteriores. (CURITIBA, 2012, p.29).

As intervenções didático-pedagógicas apropriadas à necessidade de cada aluno requerem do professor corregente, uma metodologia diferenciada. Se o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem com a metodologia do regente, a função do corregente é inovar.

Como vimos no decorrer de toda a dissertação, as tecnologias podem, e os alunos querem, que elas sirvam de suporte para o processo de ensino-aprendizagem, num uso didático por parte desse professor, que se torna um mediador do ensino.

Ao longo de todo o capítulo 3, abordamos a tecnologia no contexto da educação, falando sobre as políticas públicas no contexto educacional, o tempo gestacional do professor, o uso pedagógico das tecnologias e seus princípios; o papel do professor como mediador; a formação docente para o uso das tecnologias e a função do professor corregente em Curitiba. Traremos no próximo capítulo os encaminhamentos metodológicos da pesquisa.

4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina”.*
(Trecho do poema *Exaltação de Aninha - O professor
de Coroa Coralina, 2007*).

Para Demo (2004), a pesquisa é um caminho dos mais profícuos para se chegar ao “aprender a aprender”. A pesquisa introduz a face metodológica e teórica da produção do conhecimento e constitui-se em expediente formativo por cultivar a autonomia, o saber pensar crítico e criativo. O autor defende a importância de todas as pessoas estudarem, pesquisarem, principalmente o professor: “... o professor precisa voltar a estudar, pesquisar, elaborar”. (DEMO, 2004, p.48).

Entendendo a importância da pesquisa para o “aprender a aprender”, defendida por Demo (2004), ao longo desse capítulo apresentaremos os objetivos e natureza da pesquisa, o contexto e sujeitos, os instrumentos utilizados, a organização e análise dos dados.

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

Paulo Freire (2002) afirma que: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Pesquisa para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (2002, p.16). A palavra pesquisa se tornou popular, seja na escola ou em outras instâncias da vida social. De acordo com Lüdke e André (2015), para se realizar uma pesquisa é preciso:

Promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (2015, p.1 e 2).

Para Gil (1999, p.42), o objetivo fundamental da pesquisa “é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Assim, retomamos nosso problema de pesquisa: como os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas?

Buscando responder à problemática, desenvolvemos esta pesquisa que tem uma abordagem qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1994); (FLICK, 2004); (LÜDKE, ANDRÉ, 2015); (CHIZZOTTI, 2010); do tipo exploratória (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006); (GIL, 1999) e como procedimento a pesquisa de campo (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009); (MARCONI; LAKATOS, 2010).

As pesquisas exploratórias de acordo com Gil (1999), são desenvolvidas com o objetivo de:

Proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 1999, p.43).

Sampieri, Collado e Lucio (2006) falam que os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um problema, um tema pouco estudado ou pouco abordado antes: “Investigação exploratória se realiza quando o objetivo consiste em examinar um tema pouco estudado”. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p.101).¹⁵

Optamos por esse tipo de pesquisa, pela falta de estudos abordando e elucidando a função do professor corregente na SME. Então, como primeira etapa da pesquisa, buscamos fazer levantamento bibliográfico e documental dessa função, para entender o que é o professor corregente, para posteriormente buscar responder o problema de pesquisa.

Segundo Fonseca (2002) citado por Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa científica é:

O resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Investiga-se uma pessoa ou grupo capacitado (sujeito da investigação), abordando um aspecto da realidade (objeto da investigação), no sentido de comprovar experimentalmente hipóteses (investigação experimental), ou para descrevê-la (investigação descritiva), ou para explorá-la (investigação exploratória). (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.36).

Para essas autoras, de acordo com as características da pesquisa, poderão ser escolhidas diferentes modalidades, sendo possível aliar o qualitativo ao quantitativo. Embora tenhamos optado pela abordagem qualitativa, apresentaremos números

¹⁵ Tradução feita pela pesquisadora.

quantitativos nos gráficos dos questionários. Para Chizzotti (2010, p.84): “algumas pesquisas qualitativas não descartam a coleta de dados quantitativos, principalmente na etapa exploratória de campo ou nas etapas em que estes dados podem mostrar uma relação mais extensa entre fenômenos particulares”.

Quanto aos procedimentos optamos pela pesquisa de campo.

“A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa”. (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.37). Foi o que realizamos nesse estudo, coletando dados junto aos professores corregentes.

Para Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa de campo é “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema...” (2010, p.169), está voltada para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades e outros campos, visando à compreensão de aspectos da sociedade. As autoras definem como vantagens desse procedimento de pesquisa:

- a) Acúmulo de informações sobre determinado fenômeno, que também podem ser analisadas por outros pesquisadores, com objetivos diferentes.
- b) Facilidade na obtenção de uma amostragem de indivíduos, sobre determinada população ou classe de fenômenos. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.172).

Esse procedimento de pesquisa se difere de uma simples coleta de dados, pois, conta com controles adequados e objetivos preestabelecidos que discriminam o que deve ser coletado. As fases da pesquisa de campo são: 1º - realização de pesquisa bibliográfica que estabeleça um modelo teórico inicial de referência; 2º - determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra; e 3º estabelecer as técnicas de registro dos dados e as técnicas utilizadas em sua análise posterior. (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Nesta pesquisa realizamos como etapa inicial o levantamento bibliográfico e documental da função do corregente e o que seria usar as tecnologias nas práticas pedagógicas. Determinamos as técnicas de coletas de dados (questionários e entrevistas), bem como a amostragem (questionários para todos os professores corregentes que atuam no 3º ano e entrevista com um corregente de cada regional da cidade de Curitiba); estabelecemos as técnicas para o registro dos dados e para as

análises, que serão descritas posteriormente, atendendo aos requisitos de procedimento de uma pesquisa de campo, exploratória, de abordagem qualitativa.

Sobre a abordagem qualitativa, de acordo com Lüdke e André (2015) “é cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas”. (2015, p.12).

“A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31). Esse tipo de pesquisa contraria um único modelo de pesquisa para todas as ciências. Na abordagem qualitativa,

Todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. (CHIZZOTTI, 2010, p.84).

Para Flick (2004), os métodos qualitativos “consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia”. (FLICK, 2004, p.22). Assim como Flick, entendemos que as subjetividades do pesquisador e dos que estão sendo estudados, são parte do processo de pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994), discutem o conceito de pesquisa qualitativa e apresentam cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo:

- 1- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...]
- 2- A investigação qualitativa é descritiva [...]
- 3- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...]
- 4- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva [...]
- 5- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa [...]
(BODGAN; BIKLEN, 1994, p.47-50).

Optamos pela abordagem qualitativa por acreditar que em educação, não se tem um único padrão a ser observado, trabalhamos com fonte de dados do ambiente natural e descrevemos todo o processo. A pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo das relações humanas, e o contexto escolar reflete essas relações. A finalidade de uma pesquisa qualitativa “é intervir em uma situação insatisfatória,

mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa”. (CHIZZOTTI, 2010, p.89). A maioria das pesquisas em educação, tem o objetivo de mudar as condições percebidas, buscando qualidade no sistema educacional.

A seguir, descreveremos os sujeitos da pesquisa e o contexto pesquisado.

4.2 CONTEXTO E SUJEITOS

O contexto desta pesquisa foi compreender o que é a função do professor corregente, para em seguida, analisar o uso que esse corregente faz das tecnologias. Para isso, realizamos pesquisa bibliográfica e documental e em seguida, fizemos as coletas de dados com os professores corregentes.

Delimitamos os corregentes que atuam nas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental, da RME, conforme justificamos na introdução desta dissertação.

Em Curitiba temos 185 escolas municipais de Ensino Fundamental. De acordo com Lei de Acesso à Informação (Protocolo nº74-000143/2017), tivemos em 2016, 646 turmas de 3º ano e em 2017, 632 turmas desse mesmo ano. Sabendo que a cada duas turmas se tem um corregente para atendê-las, podemos concluir que em 2016, tivemos 323 professores atuando na corregência das turmas de 3º ano; e em 2017, temos 316 professores corregentes nessa função.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram 18 professores corregentes de 3º ano, em 2016, que responderam ao questionário.

E em 2017, coletamos os dados com 10 professores corregentes, através de entrevista. A seguir, descreveremos cada uma dessas etapas.

4.3 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Utilizamos como instrumentos para a coleta de dados o questionário e a entrevista semiestruturada, todos eles validados antes da aplicação. Descreveremos cada um deles a seguir.

4.3.1 O Questionário

Na Coleta de dados, um dos instrumentos utilizados foi o questionário (APÊNDICE 2), composto por questões abertas e fechadas. Para Chizzotti (2010):

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada. (CHIZZOTTI, 2010, p.55).

Gerhardt e Silveira (2009) definem o questionário como:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.69).

Primeiramente foi preciso obter a autorização da SME para que o questionário fosse enviado às escolas. Após o envio do projeto de pesquisa, o termo de consentimento (APÊNDICE 1) e o questionário (APÊNDICE 2), a Secretaria Municipal de Educação, liberou a autorização para a aplicação do questionário (ANEXO 1).

Enviamos questionário online, pelo *Google Drive* – GD, para as 185 escolas da Rede Municipal de Curitiba, via *e-mail* das escolas, solicitando o preenchimento pelos professores corregentes do 3º ano.

O questionário foi dividido em 3 seções: a primeira continha o termo de consentimento e esclarecimento da pesquisa, a segunda, objetivava colher os dados pessoais do profissional e a terceira seção tratava da concepção tecnológica do professor corregente. Ao todo foram 18 perguntas estruturadas, sendo 5 abertas e as demais de múltipla escolha. Foi perguntado sobre o perfil do professor quanto à idade, formação, tempo na função; sua relação pessoal e profissional com o uso das tecnologias.

Primeiramente enviamos o questionário por *email* para as escolas e pedimos que fossem repassados aos professores. Dos 185 *emails* enviados, voltaram 8 *emails* com algum erro no envio. Para essas oito escolas, enviamos novamente a solicitação. Uma semana depois, obtivemos apenas 3 questionários respondidos.

Enviamos novamente *emails* para as escolas, com exceção das escolas que já haviam respondido, pedindo que enviassem a pesquisa para seus professores corretores de 3º ano. Como resposta, obtivemos – 18 questionários respondidos de uma média de 323 corretores no Município.

Outro instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, que apresentaremos a seguir.

4.3.2 A Entrevista Semiestruturada

Em um segundo momento da pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada, com o objetivo de aprofundar os pontos levantados no questionário. A entrevista é “uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.38).

Para as autoras a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que:

Ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.39).

A entrevista é tratada por Ribeiro (2008) como: “a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento...” (RIBEIRO, 2008, p.141).

Chizzotti (2010) afirma que “as informações colhidas sobre fatos e opiniões devem constituir-se em indicadores de variáveis que se pretende explicar. É, pois, um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho”. (2010, p.57). Optamos pela entrevista semiestruturada porque “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.40).

Como há mudanças de funções de um ano para o outro nas escolas, tivemos que escolher novas escolas para a aplicação da entrevista em 2017, não nos limitando às escolas que obtivemos respostas no questionário em 2016.

A escolha das escolas para a entrevista foi por processo randômico. Sorteamos uma escola de cada regional de Curitiba, totalizando 10 escolas. Participaram do sorteio alguns colegas da turma de mestrado da pesquisadora, sendo eles: Jerry, Michele, Ceres, Eliane, Pamela, Ariella, Mônica, Letícia e Karin.

Após o sorteio das escolas, entramos em contato com a SME para obter autorização da entrevista. Foi enviado à secretaria o nome das escolas escolhidas no processo randômico, o termo de consentimento (APÊNDICE 3) e o roteiro da entrevista (APÊNDICE 4). Após três semanas de espera, conseguimos a autorização da secretaria para realização das entrevistas (ANEXO 2).

Ligamos para cada escola e conversamos com a pedagoga, para que a mesma pudesse ver algum professor corregente, de terceiro ano, que aceitasse realizar a entrevista, explicando também os objetivos da pesquisa. Após obter o retorno dessas ligações, agendamos um dia e horário em cada escola, para que efetivássemos a entrevista.

Ligamos novamente para as escolas para confirmação da data e horário. Na instituição, os entrevistados escolheram um local tranquilo, para que pudesse ser gravada a entrevista. Antes da gravação da mesma, a pesquisadora explicou seus objetivos de pesquisa, leu quais seriam as perguntas a serem realizadas e pediu para que assinassem o termo de consentimento, conforme explica Júnior e Júnior (2011): “A introdução da entrevista é outro ponto primordial para a sua aplicação. É extremamente importante que o entrevistado fique sabendo o que pretende o entrevistador e porque está fazendo a entrevista”. (JÚNIOR; JÚNIOR, 2011, p.245).

Todas as entrevistas foram gravadas pelo celular e transcritas (APÊNDICE 5) no mesmo dia, pela própria pesquisadora, como aconselha Duarte (2004):

Há alguns procedimentos importantes a serem adotados na preparação de entrevistas para a análise. O primeiro deles diz respeito à transcrição: entrevistas devem ser transcritas, logo depois de encerradas, de preferência por quem as realiza. (DUARTE, 2004, p.220).

Realizamos 10 entrevistas no total, abrangendo um professor de cada regional, conforme mostra a figura 2.

FIGURA 2 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS



FONTE: Mapa copiado do *Google Imagens* e editado pela pesquisadora (2017).

Para realizar a desgravação, procuramos transcrever todo o conteúdo do áudio, incluindo os silêncios, risadas e erros gramaticais da linguagem oral. No final, respeitamos a conferência de fidedignidade, em que ouvimos a gravação tendo o texto transcrito em mãos, como aconselha Duarte (2004). A descrição apresentada no apêndice 5, traz uma sequênciãção com linhas longas e utiliza letras maiúsculas no início dos turnos, para facilitar a leitura e reduzir a extensão do espaço nessa

dissertação, mas, para a análise dos dados, procuramos respeitar as dicas de Marcushi (1986) citado por Manzini (2012), na qual recomenda:

- 1- Evitar as maiúsculas em início de turno;
- 2- Utilizar uma sequenciação com linhas não muito longas para melhorar a visualização do conjunto;
- 3- Indicar os falantes com siglas ou letras do nome ou alfabeto;
- 4- Não cortar palavras na passagem de uma linha para outra. (MARCUSHI, 1986 apud MANZINI, 2012, p.167).

A seguir, mostraremos como se deu a organização e análise dos dados coletados.

4.4 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, lemos e relemos todo o material, buscando destacar os principais achados da pesquisa, assim como destaca Michelat (1980) citado por Lüdke e André: “é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de ‘impregnação’ do seu conteúdo”. (MICHELAT, 1980 apud LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.57).

Com as leituras realizadas, dividimos todo o material coletado em cinco dispositivos analíticos, gerados pelo marco teórico, são eles:

- a) A função da corregência;
- b) Concepção de tecnologia na escola;
- c) Formação continuada em tecnologia;
- d) Tecnologias utilizadas na prática pedagógica;
- e) Potencialidades e desafios no uso das tecnologias na corregência.

Concordamos com Lüdke e André quando falam que é importante considerar tanto o conteúdo manifesto quanto o conteúdo latente do material. Para as autoras, “é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.57). Com essa concepção, optamos por fazer uma Análise de Discurso (AD), nas entrevistas, de acordo com Orlandi (2007).

Para a autora, o discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem. Quando estudamos o discurso, observamos o homem falando. A AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. (ORLANDI, 2007).

“Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2007, p.15). A AD relaciona a linguagem à sua exterioridade, trabalha a relação língua – discurso – ideologia. Pêcheux (1975) citado por Orlandi (2007) diz que: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (2007, p.17).

Entendemos que a AD permitiu ao analisar as entrevistas, trazer o dito em relação ao não dito, como fala Orlandi: “procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras”. (ORLANDI, 2007, p.59).

Por uma questão didática e de organização da pesquisadora, traremos os dados coletados nos questionários e nas entrevistas divididos pelos dispositivos analíticos.

Em cada dispositivo analítico, traremos a descrição dos dados dos questionários, com base no referencial teórico e a AD nas entrevistas. Procuramos fragmentar a fala dos entrevistados em unidades de significação, como diz Duarte (2004):

Uma maneira de analisar é fragmentar o todo e reorganizar os fragmentos a partir de novos pressupostos. Trata-se, nesse caso, de segmentar a fala dos entrevistados em unidades de significação – o mínimo de texto necessário à compreensão do significado por parte de quem analisa [...] (DUARTE, 2004, p.221).

Na AD, também dialogamos com as teorias, como defende Orlandi (2007): “Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para ‘reger’ a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação”. (ORLANDI, 2007, p.64).

As análises dos dados serão apresentadas no capítulo a seguir.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Penso que a habilidade das habilidades é “saber pensar”, no plano teórico e pragmático (pensar e intervir), assinalando-se a politicidade da autoconstrução. (Pedro Demo, 2012, p.6).

Apresentaremos a seguir a análise dos dados revelados pelo questionário e pela entrevista semiestruturada. Por organização da pesquisadora, apresentaremos os dados da entrevista e do questionário juntos, divididos em cinco dispositivos analíticos, como apresentado anteriormente na organização e análise dos dados. São eles:

- 1- A função da corregência;
- 2- Concepção de tecnologia na escola;
- 3- Formação continuada em tecnologia;
- 4- Tecnologias utilizadas na prática pedagógica;
- 5- Potencialidades e desafios no uso das tecnologias na corregência.

Os dispositivos analíticos foram elencados do marco teórico desta pesquisa, após leituras cruzadas entre os autores. Traremos cada dispositivo e sua análise a seguir, descrevendo os dados do questionário e fazendo a AD nas entrevistas.

5.1 A FUNÇÃO DA CORREGÊNCIA

Das 185 escolas da Rede Municipal de Curitiba, obtivemos 18 questionários respondidos, mas algumas questões não foram respondidas por todos. Optamos por utilizar as siglas PQ1 ao PQ18, para nos referirmos aos professores que responderam o questionário e as siglas PE1 ao PE10, para nos referirmos às professoras que responderam as entrevistas.

O QUADRO 14 apresenta o perfil dos professores que responderam o questionário.

QUADRO 14 – PERFIL DOS PROFESSORES CORREGENTES

Professor	Faixa etária	Tempo que leciona	Tempo que leciona na SME	Tempo na função de corregente	Formação Acadêmica
PQ1	41 a 50 anos	Entre 11 e 20 anos	10 anos.	3 anos	Especialização
PQ2	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	15 anos	3 anos	Especialização
PQ3	31 a 40 anos	Menos de 5 anos	7 anos	2 anos	Especialização
PQ4	41 a 50 anos	Mais de 21 anos	23 anos	6 anos	Especialização
PQ5	41 a 50 anos	Mais de 21 anos	Não respondeu	4 anos	Especialização
PQ6	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	15 anos	2 anos	Especialização
PQ7	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	5 anos	- de 1 ano	Especialização
PQ8	31 a 40 anos	Mais de 21 anos	7 anos	1 ano	Especialização
PQ9	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	11 anos	2 anos	Especialização
PQ10	18 a 30 anos	Menos de 5 anos	4 anos e meio	1 ano e meio	Ensino Superior
PQ11	41 a 50 anos	Mais de 21 anos	24 anos e 9 meses	6 anos	Ensino Superior
PQ12	18 a 30 anos	Entre 6 e 10 anos	5 anos	5 anos	Especialização
PQ13	18 a 30 anos	Entre 6 e 10 anos	6 anos	3 anos	Especialização
PQ14	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	10 anos	2 anos	Especialização
PQ15	31 a 40 anos	Entre 6 e 10 anos	4 Anos	1 ano	Especialização
PQ16	31 a 40 anos	Entre 11 e 20 anos	12 anos	3 anos	Ensino Superior
PQ17	31 a 40 anos	Menos de 5 anos	2 anos e meio	1 ano e meio	Ensino Superior

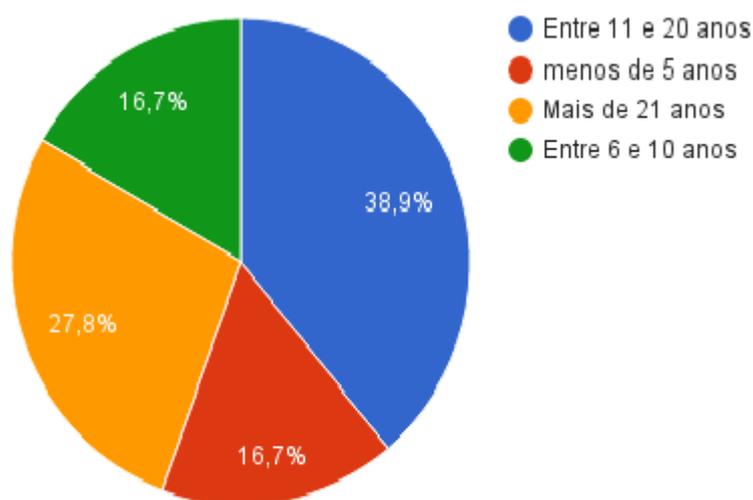
PQ18	41 a 50 anos	Mais de 21 anos	10 anos	4 anos	Especialização
------	--------------	-----------------	---------	--------	----------------

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Sobre a faixa etária desses professores podemos observar que mais da metade deles encontram-se com idade de 31 a 40 anos e apenas 16,7% estão na faixa de idade entre 18 a 30 anos.

No gráfico 2 podemos observar o tempo de docência desses professores.

GRÁFICO 2 – TEMPO DE DOCÊNCIA



FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Quanto ao tempo de docência, percebemos que a maioria dos professores já possuem mais de 5 anos de exercício, já passando da fase de inicial na carreira, descrita por Huberman (1995). Vinte e sete por cento dos professores possuem mais de 21 anos de carreira, podendo estar na fase de diversificação ou de questionamentos, descrita pelo autor. Esses dados nos mostram que os professores corregentes de Curitiba, já são experientes na profissão docente e como diz Nóvoa (1995b), já possuem o saber docente, uma identidade profissional.

Para Nóvoa (Idem), “é preciso contrariar a lógica de uma ‘passagem pelo ensino’, à espera de encontrar uma coisa melhor”. (1995b, p.25). Pelo tempo de docência desses professores, notamos que optaram pela profissão docente.

Quanto à formação acadêmica, todos os professores possuem nível superior, sendo um licenciado em Artes visuais e pedagogia, um com formação superior de professor, um formado em Letras – Português e 15 formados em Pedagogia.

Sobre a escolha de função em 2016, 11 professores escolheram a função de corregente para trabalhar e 7 não optaram por essa função. Sobre os motivos de escolher ou não essa função para trabalhar podemos observar no quadro 15.

QUADRO 15 – ESCOLHA DA FUNÇÃO DE CORREGENTE EM 2016

(11) SIM - Motivos	(7) NÃO – Motivos
<ul style="list-style-type: none"> • Por acreditar que o trabalho com apoio pedagógico fortalece o vínculo afetivo e de confiança entre o estudante e o professor. • Por gostar de lecionar Ciências e desenvolver um trabalho de recuperação com os alunos. • Por gostar da função (3 respostas). • Por gostar de alfabetizar e interagir com crianças que tenham dificuldades. • Por ter afinidade com alunos com dificuldades de aprendizagem (2 respostas). • Por ser uma função menos desgastante que a do regente. • Para não ficar sobrecarregada com planejamentos. • Por se identificar com a proposta de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Na escola todos são em algum momento corregentes. • Está substituindo uma professora de licença prêmio. • Gostar de ser regente. • Está substituindo uma professora de laudo. • Retornou de licença no meio do ano. • Por ser RIT (dobra de padrão temporariamente). • Por estar iniciando na rede.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Quanto aos que escolheram trabalhar na função de corregente, além de trabalhar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, os professores destacam o fato de ser menos desgastante que a função de regente e por não ter a sobrecarga de planejamentos. Esse é um dado a ser questionado, pois o professor corregente não faz planejamentos? Qual é a demanda do corregente, que o torna uma função menos desgastante que o regente?

Nas respostas negativas observamos que a rotatividade de professores nas escolas, por licenças e laudos, são exercidas pelos corregentes. Também a equipe pedagógica de uma escola, colocou nessa função professor novo na carreira.

Os dados apresentados nas entrevistas mostram que em 2017, das dez professoras entrevistadas, sete escolheram essa função. As justificativas dessas escolhas foram:

Por gostarem de trabalhar com crianças que apresentam dificuldades e pelo facto de trabalharem com um número menor de alunos:

*[...] para trabalhar também com essas **crianças com mais dificuldades**¹⁶... trabalho diferenciado. (PE2).*

*[...] questão de você trabalhar com um **número menor de alunos**... e você dar aquela atenção especial. (PE4).*

*[...] eu gosto de trabalhar com **aluno específico com dificuldade**. (PE6).*

*[...] é que eu trabalhei muitos anos em turma, daí já tava meio **cansada**. (PE8).*

*[...] ter duas turmas pra mim ia **ficar meio pesado**. (PE10).*

Nesses discursos percebemos que os professores entendem essa função como menos cansativa que a função do professor regente, mesmo trabalhando com crianças que apresentam dificuldades. A resposta para o trabalho ser menos desgastante pode ser vista no discurso da entrevistada 4 (PE4), na qual esclarece que o número menor de alunos facilita o trabalho. Também podemos notar que professores que ficam um tempo fora de sala, escolhem essa função, como apresenta a entrevistada 9 (PE9):

*[...] eu fiquei 15 anos **fora de sala**... estou bem **satisfeita** com essa escolha. (PE9).*

Outros factores que apareceram na escolha e na não escolha, foi gostar de lecionar Ciências:

*[...] também devido a **questão de Ciências**, que acho uma disciplina muito legal para ser trabalhada. (PE6).*

*[...] **Não, escolhi Ciências**... seria certo... professor de Ciências e professor de corregências. (PE5).*

A entrevistada 5 (PE5) traz em seu discurso o desejo de que as aulas de Ciências sejam desvinculadas da corregência. Mostra que ela gosta de lecionar Ciências, mas não gostaria de atuar como corregente.

A entrevistada 7 (PE7) traz a escolha de funções nas escolas como formas de poder, ela associa que algumas funções são específicas de determinadas professoras, sobrando a corregência:

¹⁶ Os negritos foram colocados propositalmente pela pesquisadora para destacar as palavras.

[...] professoras novas que chegam nas escolas, elas não tem muita opção... algumas funções que a gente já sabe que são **específicas de algumas professoras**, porque não tem critérios nas escolas pra esse tipo de escolhas. (PE7).

Vemos que as escolhas de funções na RME, respondem a interesses de poder, assim como são as tecnologias, que de acordo com Garcia-Vera “respondem aos interesses dos grupos de poder”. (2000, p.169).

Bourdieu (1974) citado por Orlandi (1983) corrobora dizendo:

[...] a escola é a sede da reprodução cultural e o sistema de ensino é a solução mais dissimulada para o problema da transmissão de poder, pois contribui para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando, sob a aparência da neutralidade, o cumprimento dessa função”. (ORLANDI, 1983, p.16).

Concordamos com Orlandi (1983) e Garcia-Vera (2000) que não há nada neutro, os discursos produzidos na escola, refletem uma ideologia e estão relacionados às relações de poder.

Quanto ao entendimentos da função da corregência por parte desses professores, os dados apresentados no questionário revelam (QUADRO 16):

QUADRO 16 – FUNÇÃO DO CORREGENTE NA ESCOLA

PQ1	Trabalhar com os estudantes que apresentam alguma defasagem na aprendizagem , proporcionando maneiras e utilizando métodos que façam com que esse estudante adquira autonomia e segurança em seu aprendizado.
PQ2	Auxiliar o professor regente na realização das atividades orientando, tirando dúvidas e auxiliando na reescrita de textos. Processo inicial de alfabetização com materiais concretos.
PQ3	Auxiliar o professor regente com os alunos com dificuldades de aprendizagem.
PQ4	Auxiliar os alunos com dificuldades , caminhar junto com a regente.
PQ5	Auxiliar o professor em sala principalmente com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem .
PQ6	Sanar as dificuldades de aprendizagem .
PQ7	Dar suporte à professora regente, auxiliando os alunos com mais dificuldade de aprendizado .
PQ8	Regente de turma.

PQ9	Atuar juntamente com o professor regente nas atividades propostas, auxiliando, principalmente, os alunos com mais dificuldades , adaptando as atividades planejadas, realizando reescritas individuais, enfim, o próprio nome já diz: corregente.
PQ10	Dar apoio ao professor (a) regente em sua prática e planejamento, dar apoio aos alunos em sala de aula, principalmente aos que tem mais dificuldade na aprendizagem , planejar e ministrar as aulas da disciplina de Ciências.
PQ11	Responsável pelas aulas de ciências, apoio aos alunos que apresentam dificuldade, auxiliam a regente em sala e substitui em caso de faltas.
PQ12	Auxiliar o professor regente no atendimento aos alunos da turma, principalmente os alunos com dificuldades de aprendizagem .
PQ13	Intervir no processo de ensino aprendizagem, facilitando, auxiliando, adaptando e adequando o planejamento para atender as necessidades de aprendizagem dos estudantes.
PQ14	Auxiliar os alunos com dificuldade de aprendizagem .
PQ15	Auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem .
PQ16	Auxiliar as regentes e trabalhar na disciplina de Ciências.
PQ17	Auxiliar alunos com mais dificuldade adequando os conteúdos para que possam ser atendidos em suas necessidades e contemplar uma aprendizagem mais satisfatória.
PQ18	Auxílio as professoras regentes dos terceiros anos com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e leciono Ciências.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Notamos que a maioria dos professores entende a função do corregente e a associam ao trabalho com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. As respostas também trazem o trabalho com Ciências e o auxílio à professora regente.

O documento de implantação traz a função da corregência como: “[...] ação conjunta com o regente... Implica, pois, na busca permanente do corregente por auxiliar individualmente o aluno a compreender e acompanhar as atividade...” (CURITIBA, [2000?], p.5). O trabalho com a disciplina de Ciências aparece em 2013, com a Portaria nº45, que determina: “... passa atuar nas escolas um professor que além da corregência nessas turmas, assumirá também, como regente, as aulas do componente Curricular de Ciências”. (CURITIBA, 2013, não p.).

Sobre as principais dificuldades encontradas pelos docentes no trabalho com a corregência, os discursos trazidos nas entrevistas revelam seis fatores principais, são eles: trabalho específico com as dificuldades, tempo de trabalho, espaço físico,

substituição de faltas, trabalho em equipe e alunos desmotivados e necessidade de avaliação psicoeducacional. O quadro 17 apresentará os seis fatores de dificuldades e os discursos dos entrevistados.

QUADRO 17 – DIFICULDADES NO TRABALHO DA CORREGÊNCIA

FATORES DE DIFICULDADES	DISCURSO DOS ENTREVISTADOS
Trabalho específico com as dificuldades	<p><i>[...] é atender as crianças que realmente necessitam... pautar que dificuldades são essas. (PE1).</i></p> <p><i>[...] precisavam de um trabalho bem específico... reforço no contra turno. (PE2).</i></p> <p><i>[...] mais trabalhos específicos com aluno com dificuldade... defasagem de aprendizagem. (PE6).</i></p> <p><i>[...] quantidade de aluno que tem com muita dificuldade. (PE8).</i></p> <p><i>[...] eles estão vindo cada vez mais com dificuldades... um trabalho diferenciado a gente tem que estar fazendo e isso realmente é um desafio... a gente dá conta de poucos... a demanda de trabalho é mais eu acredito. (PE10).</i></p>
Tempo de trabalho	<p><i>[...] pouco tempo pra atender os alunos na sua dificuldade. (PE2).</i></p> <p><i>[...] é com relação ao tempo de permanência que a gente fica na sala. (PE3).</i></p> <p><i>[...] demanda um tempo do lado do aluno e se você não consegue entrar na sala pra fazer um momento de correção você está perdendo tempo e investimento no seu aluno. (PE6).</i></p>
Espaço físico	<p><i>[...]a questão da organização do tempo e do espaço... o nosso espaço é pequeno. (PE2).</i></p> <p><i>[...] local né, não se tem um local pra correção. (PE5).</i></p> <p><i>[...] não há espaço físico se eu quiser tirar a criança pra fazer algum trabalho individualizado... eu gostaria de repente de ter um espaço onde eu tivesse materiais, eu tivesse jogos... não tem esse espaço. (PE7).</i></p>
Substituição de faltas	<p><i>[...] a falta de professores no dia-a-dia faz com que a gente substitua. (PE1).</i></p> <p><i>[...] o professor corrigente que deve ir para as salas quando existe as faltas. (PE3).</i></p> <p><i>[...] ver a corrigente como uma substituta aí não tem como não. (PE4).</i></p> <p><i>[...] substituição né, a gente vem pra escola preparado pra pegar determinado aluno, aí falta professor a gente tem que substituir. (PE5).</i></p> <p><i>[...] a falta de funcionários... quem acaba saindo da sala é o corrigente. (PE6).</i></p> <p><i>[...] é ter que substituir os professores que faltam. (PE8).</i></p>
Trabalho em equipe	<p><i>[...] trabalho em equipe... é difícil você encontrar parceria que queira dividir o seu espaço. (PE4).</i></p> <p><i>[...] contato da professora regente com a corrigente... aberta pra diálogo. (PE6).</i></p>

Alunos desmotivados e necessidade de avaliação psicoeducacional	[...] <i>aluno sem interesse... não tem vontade de fazer, ele não procura se esforçar... desmotivados... a necessidade de uma avaliação... terceiro ano essa criança ainda não foi avaliada... a avaliação é muito demorada. (PE7).</i>
---	---

FONTE: Dados coletados nas entrevistas e organizados pela pesquisadora (2017).

Essas dificuldades salientam que embora o corregente deva trabalhar em sala de aula, como diz o documento de implantação, “durante as atividades corriqueiras de sala de aula”. (CURITIBA, [2000?], p.5) e o caderno das pedagogas: “Corregência: esse tipo de atendimento deve ocorrer dentro de sala, em horário regular de aula...”. (CURITIBA, 2012, p.29); os professores sentem a necessidade de um espaço para desenvolver essa função.

As dificuldades apresentadas nos discursos revelam como está sendo desenvolvida a função na prática e apontam caminhos que precisam de reflexão, como diz Freire: “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 2002, p.22).

Sobre o sistema atual de corregência, a maioria dos professores dizem que não dá conta de atender os alunos com dificuldades de aprendizagem. Que ajuda, mas, precisa melhorar. Os discursos trazem fatores como: muitas crianças com dificuldades, pouco tempo em sala de aula, falta de entendimento da tríade:

[...] muitas crianças com muitas dificuldades... corregente ele não fica o tempo todo em sala de aula... (PE1).

[...] em função do tempo, em função da organização do espaço né... (PE2).

[...] na tríade, se a corregente conseguisse fechar as 4 aulas semanais sim... algumas pessoas que não conseguem entender a tríade. (PE6).

Tardif (2002) afirma que: “Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, [...] mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem [...]”. (TARDIF, 2002, p.35). Para o autor, quanto mais sistematizado é um saber, mais tempo se leva para seu aprendizado. Vemos a importância do tempo na aprendizagem dos alunos, nos discursos desses docentes.

Também nos discursos analisados, os professores trazem como sugestões para melhorar esse sistema da corregência, que a gestão e secretaria passe a ouvir

o professor. Também pedem para que seja propiciado um atendimento separado dos alunos com dificuldades, em outro ambiente, que seja alfabetizador, sugerindo o trabalho no contraturno:

*[...] agora **atender no individual separado**, seria outra questão, talvez a criança se concentraria mais. (PE1).*

*[...] poderia atender alunos no **contraturno**, facilitaria bastante. (PE2).*

*[...] tem que **ouvir primeiro o professor...** é ele quem sabe se está dando certo... eu acho que deveria ter uma sala, um **ambiente alfabetizador**. (PE5).*

Para Rosado, Bohadana e Ferreira (2013):

Para que a educação consiga atingir os seus objetivos, é preciso dar ênfase ao papel do professor como agente de mudança e mediador entre a informação e o conhecimento nos processos de ensino e aprendizagem, e que ele possa dispor de recursos dos mais diversos e de um aparato tecnológico atualizado. (ROSADO; BOHADANA; FERREIRA, 2013, p.63).

Se o professor é o agente de mudança, as secretarias e núcleos deveriam ouvi-los, verem suas necessidades, partindo suas ações das reflexões levantadas por aqueles que atuam diretamente com a educação, que são os professores.

As duas entrevistadas que dizem que o sistema dá conta de atender as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, trabalham em escolas estruturadas, com poucas faltas. Orlandi (2007) diz que a AD concebe a linguagem como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. (ORLANDI, 2007, p.15). Assim, para entender esses discursos, a pesquisadora precisou conhecer a realidade social das entrevistadas, entender a história e o contexto das escolas.

Logo, com um sistema estruturado, como no discurso da entrevistada 9 (PE9), que conta que eles conseguiram deixar um professor corregente exclusivo para cada turma, vemos que o sistema avança, comparado com as demais escolas que não tem essa estrutura.

[...] com certeza... nós temos uma corregente para cada turma, então a gente permanece o tempo todo com a regente, então dá efeito sim... o ideal é como está aqui, um corregente por sala. (PE9).

A seguir veremos qual a concepção de tecnologia por parte desses professores.

5.2 CONCEPÇÃO DE TECNOLOGIA NA ESCOLA

Quanto a 3ª seção do questionário, sobre a concepção tecnológica dos professores corregentes, perguntamos a eles o que entendiam por tecnologia. As respostas na íntegra estão relatadas no Quadro 18.

QUADRO 18 – O QUE É TECNOLOGIA PARA OS PROFESSORES CORREGENTES

9 - Para você, o que é tecnologia? Explique.	
PQ1	Métodos inovadores que proporcionam melhor aquisição de conhecimento, como uma ferramenta facilitadora de aprendizagem.
PQ2	Todo material que possa ser utilizado como ferramenta.
PQ3	Tudo aquilo que me auxilia além do papel em meu planejamento e aplicação das minhas aulas.
PQ4	Todo equipamento eletrônico que dá suporte a aprendizagem.
PQ5	Meios de acesso a cultura, entretenimento, informações, resolução de problemas...
PQ6	Interação.
PQ7	Técnicas, métodos, ferramentas que podemos utilizar para a resolução de um problema, não apenas instrumentos como computadores e afins.
PQ8	Razão e a capacidade do homem em resolver problemas na qual ele utiliza-se de meios por eles criado para facilitar a resolução dos mesmos...
PQ9	Tecnologia é todo o desenvolvimento de aparelhos que facilitam a vida das pessoas de modo geral, distribuindo informações de forma cada vez mais veloz.
PQ10	São novas técnicas, métodos e instrumentos que são criados e utilizados para realizar determinadas atividades, com a finalidade de aprimorá-las, torná-las mais efetivas, ou tornar sua realização mais fácil.
PQ11	É a modernidade, computador, tv, notebook, pen drive data show.
PQ12	Qualquer instrumento criado para facilitar ou desenvolver alguma atividade, de talheres à computadores de última geração.
PQ13	É a forma, o meio ou instrumento para realizar determinada atividade.
PQ14	Tecnologia é tudo aquilo que vem facilitar a vida do ser humano, satisfazer e suas necessidades, é o conhecimento que permite fabricar objetos e modificar o meio ambiente.
PQ15	Aparelhos eletrônicos, que usamos no dia a dia, para facilitar nossa vida.
PQ16	(Não respondeu)

PQ17	Ferramentas que ajudam a resolver problemas
PQ18	Desenvolvimento de ferramentas que auxiliam o conhecimento.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Essas respostas atendem um dos nossos objetivos específicos, que era identificar a concepção de tecnologia pelos professores corregentes. Nas respostas, verificamos que cinco professores associam as tecnologias a “ferramentas”:

Métodos inovadores que proporcionam melhor aquisição de conhecimento, como uma ferramenta facilitadora de aprendizagem. (PQ1)

Todo material que possa ser utilizado como ferramenta. (PQ2)

Técnicas, métodos, ferramentas que podemos utilizar para a resolução de um problema, não apenas instrumentos como computadores e afins. (PQ7).

Ferramentas que ajudam a resolver problemas. (PQ17).

Desenvolvimento de ferramentas que auxiliam o conhecimento. (PQ18).

Temos um professor (PQ6) que associou tecnologia com a palavra “interação”. Como vimos no capítulo 3, a interação pode ser proporcionada pela tecnologia ou não. Pode-se ter interação entre pessoas e entre pessoas e objetos.

Seis desses professores entendem as tecnologias como equipamentos eletrônicos, ou instrumentos. Para Sancho, citada por Brito (2006), esses professores entendem o conceito de tecnologias como sendo físicas. Assim como os professores que a associaram as tecnologias as ferramentas, como citados acima.

Tudo aquilo que me auxilia além do papel em meu planejamento e aplicação das minhas aulas. (PQ3).

Todo equipamento eletrônico que dá suporte a aprendizagem. (PQ4).

É a modernidade, computador, TV, notebook, pen drive data show. (PQ11).

Qualquer instrumento criado para facilitar ou desenvolver alguma atividade, de talheres à computadores de última geração. (PQ12).

É a forma, o meio ou instrumento para realizar determinada atividade. (PQ13).

Aparelhos eletrônicos, que usamos no dia a dia, para facilitar nossa vida. (PQ15).

Cinco professores trazem o conceito de tecnologia como um meio de facilitar a vida e resolver os problemas:

Meios de acesso a cultura, entretenimento, informações, resolução de problemas... (PQ5).

Técnicas, métodos, ferramentas que podemos utilizar para a resolução de um problema, não apenas instrumentos como computadores e afins. (PQ7).

Razão e a capacidade do homem em resolver problemas na qual ele utiliza-se de meios por eles criado para facilitar a resolução dos mesmos... (PQ8).

Tecnologia é todo o desenvolvimento de aparelhos que facilitam a vida das pessoas de modo geral, distribuindo informações de forma cada vez mais veloz. (PQ9).

Tecnologia é tudo aquilo que vem facilitar a vida do ser humano, satisfazer e suas necessidades, é o conhecimento que permite fabricar objetos e modificar o meio ambiente. (PQ14).

Temos dois professores que abordaram as tecnologias para uso no contexto escolar:

Tudo aquilo que me auxilia além do papel em meu planejamento e aplicação das minhas aulas. (PQ3).

Todo equipamento eletrônico que dá suporte a aprendizagem. (PQ4).

Um professor abordou o conceito de tecnologia de maneira mais ampla, entendendo-a como técnicas, métodos e instrumentos: “São novas técnicas, métodos e instrumentos que são criados e utilizados para realizar determinadas atividades, com a finalidade de aprimorá-las, torná-las mais efetivas, ou tornar sua realização mais fácil”. (PQ10). E, um professor (PQ16) não respondeu essa questão.

Nos discursos trazidos nas entrevistas, vemos que quatro entendem que a tecnologia são todas as coisas criadas pelo homem para melhorar sua vida, elas citam lápis, caneta, papel, jornal, como tecnologia:

[...] são todos os instrumentos que a humanidade se utiliza pra trabalhar... o livro, o caderno, o lápis... (PE1).

*[...] todas as coisas, os objetos, os meios que o homem cria pra melhorar o seu dia a dia, pro seu conforto, pro seu bem estar, por exemplo a invenção da **caneta**. (PE2).*

*[...] é todo um processo que ajuda o aluno, a pessoa no seu desenvolvimento na sociedade, uma caneta é uma tecnologia, um **papel**, um computador... (PE3).*

*[...] tudo aqui que transforma né, tudo aquilo de novo... desde um **jornal**... a mídia, o computador, a internet, tudo isso que os nossos alunos também tão tendo contato... (PE10).*

Para Kenski (2012), o uso do raciocínio humano deu origem aos equipamentos, instrumentos, recursos, processos, ferramentas, enfim, as tecnologias. Entendemos que na escola, o giz, o papel, o lápis são tecnologias utilizadas a favor da educação.

As demais entrevistadas trazem o conceito das novas tecnologias ou TDIC, pois trazem nos discursos apenas os computadores, a internet, os celulares, televisão como tecnologias na escola. Trago três discursos para exemplificar:

[...] a modernidade que vem ajudar a gente em sala de aula... os netbooks... (PE5).

[...] é tudo que é ligado as mídias... computação, a televisão, os computadores, os celulares. (PE7).

[...] o uso de computador, o uso de vídeos né, da televisão... (PE9).

Em um discurso, a entrevistada levanta a falta de neutralidade das tecnologias, defendida por Garcia-Vera (2000), dizendo que:

[...] tem a tecnologia pro bem e a tecnologia pro mal... (PE6).

Acreditamos que a tecnologia não é neutra e pode ser utilizada na educação com uma finalidade, uma intenção pedagógica.

No discurso da entrevistada 4, podemos entender que para utilizar as tecnologias é preciso fazer cursos específicos:

[...] faz algum tempo que eu não faço nenhum curso assim específico né... a tecnologia está aí a nosso favor... (PE4).

Embora a entrevistada diga que a tecnologia está aí a nosso favor, ela se contradiz ao dizer que não fez nenhum curso específico. Nesse discurso, a professora nos leva a entender que não utiliza as tecnologias pois não fez curso específico. Discordamos da professora, pois entendemos que é papel do professor se atualizar, pesquisar, buscar autonomia no seu processo de aprender. Também é papel da gestão e da equipe pedagógica, incentivar esta busca. Escolbar (2013) mostra em sua

pesquisa que há insuficiências no conhecimento dos professores para utilizar as tecnologias de informação como suporte nos meios de ensino.

Para Lévy, “não há conhecimento sem esforço”. (2014, não p.). Concordamos com o autor quando diz que os professores devem usar as tecnologias para aprender, para explorar, colaborar. Se não houver iniciativa por parte do docente, continuaremos com essa defasagem da escola comparada a contemporaneidade.

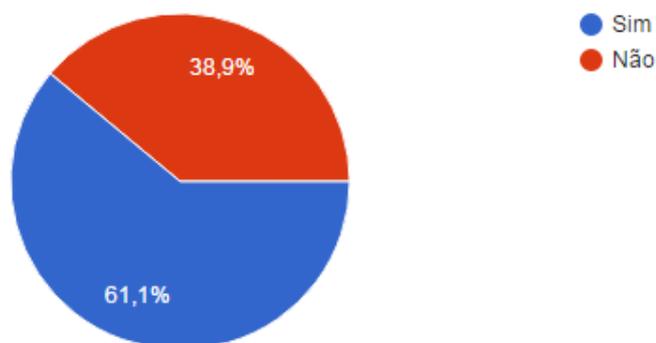
A seguir, veremos os dados coletados sobre a formação continuada em tecnologia.

5.3 FORMAÇÃO CONTINUADA EM TECNOLOGIA

Podemos observar no gráfico 3 que mais da metade dos professores que responderam o questionário, já fizeram algum curso para o uso das tecnologias.

GRÁFICO 3 – FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O USO DAS TECNOLOGIAS

15 - Você já fez algum curso de formação continuada para o uso das tecnologias?
(18 respostas)



FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Perguntamos aos professores o que deveria ser contemplado num programa de formação continuada por parte da mantenedora, para o uso das tecnologias pelos corregentes. O quadro 19, nos mostra as respostas:

QUADRO 19 – PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

PROFESSORES	RESPOSTAS DOS PROFESSORES
PQ1	Que houvesse mais aparelhos de uso comum, pois é escasso o número de computadores, impressoras, televisão e notebooks.
PQ2	Materiais para uso efetivo com o aluno, já com sugestões de atividades.
PQ3	Como essas tecnologias podem fazer parte das aulas de forma prática.
PQ4	Sim, seria muito bom.
PQ5	Contribuições das tecnologias na aprendizagem, sugestões de sites e programas.
PQ6	Editor de texto.
PQ7	Não sei dizer no momento.
PQ8	O funcionamento dos equipamentos, temos equipamentos bons, porém em pouco estado de uso, ou seja, estão sempre queimados, desatualizados e com problemas. A internet nem sempre funciona e quando funciona é lenta.
PQ9	Em suma, deveria ocorrer mais programas de formação continuada que abrangesse todos os horários, para que realmente pudéssemos participar, tendo em vista, o cenário atual em que vivemos. Pois, cada dia nos deparamos com uma sobrecarga cada vez maior de trabalho e pouca formação.
PQ10	<p>Primeiramente a garantia ao aparato tecnológico para o exercício do trabalho, e por conseguinte, a própria ideia de que se pode utilizar materiais alternativos como o computador, a internet, o rádio por exemplo, também nos momentos de correção, não só os materiais concretos habituais. Tendo isso garantido, deveria ser disponibilizado o conhecimento de como o material tecnológico pode ser utilizado pelo correto (em que situações, de que maneira, conselhos e dicas de ordem prática que envolvam o planejamento e os conteúdos disciplinares necessários a serem trabalhados em sala).</p> <p>Com relação em especial a meios tecnológicos mais modernos, geralmente os computadores destinados para uso dos alunos estão sendo utilizados por crianças de outras turmas nos momentos em que se exerce a correção. Isso faz parte da própria dinâmica dentro da escola. Por, exemplo: não é comum lembrarem que no trabalho de correção a utilização de softwares pode ser útil, sendo assim, também não é comum destinarem o material tecnológico (notebook ou computador) para ser utilizado pelo profissional que exerce esta função no seu período de trabalho com os educandos. Na escola em que trabalho tem laboratório de informática, mas este sempre está ocupado pelas crianças de outras turmas em seu período de aula na maior parte das vezes. Acho que a ideia do uso de tecnologias (do tipo notebook, tv...) por parte do professor correto ainda é pouco lembrada e pensada nas escolas. Na maior parte das vezes a ideia que se tem é que este profissional necessita de materiais concretos como jogos, material dourado, alfabeto móvel, etc. Não é comum ao próprio profissional que exerce esta função lembrar que pode utilizar estes meios em sua aula. Mas, se caso vem a lembrar, muitas vezes se depara com a dificuldade em conseguir o material tecnológico disponível na escola naquele momento (sem que precise usar o seu).</p>
PQ11	Como fazer uso dos sites apropriados para a matéria de ciências.

PQ12	Aplicabilidade prática e sugestões de atividades relacionadas às dificuldades e desenvolvimento da aprendizagem.
PQ13	Utilização de softwares educacionais.
PQ14	Formação quanto a metodologia para esse uso.
PQ15	Sim.
PQ16	Capacitação dos profissionais e continuidade dos projetos escola/prefeitura, pois já participei de cursos de formação e em seguida o projeto de trabalho com os <i>netbooks</i> foi cancelado. E este rompimento gerou frustrações tanto para alunos como professores.
PQ17	Curso com sugestões de práticas com o aluno com dificuldade.
PQ18	(Não respondeu).

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Esses dados são importantes pois corroboram com o que diz Almeida (2004) que diz que “quando os protagonistas são os professores em formação continuada, é preciso observar sua atuação como aprendizes para identificar seus conflitos e o momento apropriado de intervir”. (ALMEIDA, 2004, p.58). Refletindo nas sugestões trazidas pelos docentes, podemos pensar as formações continuadas, pois “o processo de formação docente é contínuo, não se esgota”. (KENSKI, 2013).

Notamos que os professores corregentes gostariam de cursos que aliassem a metodologia e o uso das tecnologias, num trabalho prático, com sugestões pedagógicas, como nos traz as respostas dos professores 2, 3, 5, 12, 13, 14, 17.

Também nos relatos, percebemos que é preciso fazer a manutenção dos equipamentos: “O funcionamento dos equipamentos, temos equipamentos bons, porém em pouco estado de uso, ou seja, estão sempre queimados, desatualizados e com problemas. A internet nem sempre funciona e quando funciona é lenta.” (PQ8).

Outro fator a se destacar é para que a gestão e equipe pedagógica lembre que o corregente também pode e deve ter o direito de utilizar essas tecnologias:

Por, exemplo: não é comum lembrarem que no trabalho de corregência a utilização de softwares pode ser útil, sendo assim, também não é comum destinarem o material tecnológico (*notebook* ou computador) para ser utilizado pelo profissional que exerce esta função no seu período de trabalho com os educandos... (PQ10).

Foi pedido pela professora 9 que as formações continuadas tenham horários mais abrangentes, para contemplar a todos em horário de trabalho. A professora 1 sugere que a mantenedora invista em mais aparelhos: “Que houvesse mais aparelhos de uso comum, pois é escasso o número de computadores, impressoras, televisão e *notebooks*”.

A professora 16 sugere que se tenha continuidade nos projetos de formação. A professora 6 gostaria de ter formação em editor de texto e a professora 11, formação para o ensino de Ciências.

Nos discursos trazidos nas entrevistas, vemos que a prefeitura tem oferecido cursos e palestras sobre o tema:

[...] alguns ofertados pela rede municipal... (PE1).

[...] cursos da prefeitura mesmo, voltados pra tecnologia em sala de aula... (PE2).

[...] jornal Extra-Extra. (PE3).

[...] já assisti uma palestra na SEP... (PE4).

[...] vários cursos... quando foi implantado os laboratórios de informática nas escolas... os professores eram obrigados a participar dessa capacitação... netbooks também tivemos capacitação pra trabalharmos com isso... curso de movie maker... (PE7).

Entre os cursos ofertados, os professores trazem nos discursos o Jornal Extra-Extra, o Digitando o Futuro e o curso de *Movie Maker*. Percebemos que o curso Digitando o Futuro deixou marcas nos participantes.

[...] digitando o Futuro, que foi um curso que demorou, foi o ano todo e era pra usar mesmo o computador, os softwares educativos com os alunos. (PE8).

Mondini (2016) fala que o projeto Digitando o Futuro surgiu na década de 90 e foi ampliado no ano 2000. E o Jornal Extra-Extra foi o curso de maior duração na RME, sendo criado em 2000 com o projeto Digitando o Futuro e continua até o presente momento (2017). Nesses discursos percebemos a importância da continuidade de Políticas Públicas na educação. Os cursos que continuam, mesmo na troca de prefeitos, são os mais significativos para os professores.

Boeno (2013) confirma em sua pesquisa, dizendo que os escalões superiores interessam-se em ofertar formação continuada e os professores demonstram interesse em participar de cursos. Na RME vemos que isso também é uma realidade.

Por outro lado, vemos que não existem cursos voltados especificamente ao professor corregente, no trabalho com alunos com dificuldades de aprendizagem. Há qualificação apenas para o ensino de Ciências.

[...] o que a prefeitura oferece na minha área de Ciências... corregência é aquela coisa, é uma reunião que você tem no ano e a escola que se vire né. (PE5).

Perguntando aos docentes o que foi mais significativo nos cursos de formação, os discursos apontam: os conteúdos relacionados com os componentes curriculares, os materiais de fácil acesso que os alunos possuem, a renovação do professor e as sugestões de trabalho, de metodologia:

[...] os conteúdos que tem... a gente pode relacionar com os componentes curriculares... (PE1).

[...] são materiais de fácil acesso, que os alunos tem, a maioria das famílias tem... e muitas vezes os professores acabam deixando de lado. (PE2).

[...] já participei de palestras que falavam justamente que a gente tem que tar se renovando... a nossa formação foi uma e ano após ano, os alunos vem de uma maneira diferente e a gente precisa estar se especializando a cada dia. (PE6).

[...] as sugestões dadas... sugestões de trabalho... essa metodologia a ser usada é muito importante... (PE9).

A entrevistada 6 (PE6) levantou um ponto essencial quando pensamos em formação continuada. As tecnologias produziram novos padrões de comportamentos e relacionamentos. Os alunos mudaram e a escola também precisa entender essas mudanças e se ressignificar. Temos essa base teórica em Kenski, que diz:

As novas tecnologias digitais de comunicação e informação produzem novos padrões de comportamentos e relacionamentos pessoais e sociais que refletem diretamente na necessidade de adoção de novos tipos de formação e escolarização. (KENSKI, 2013, p.91).

Quando pensamos em utilizar as tecnologias na escola vemos que não basta equipá-las com laboratórios de informática e oferecer aos professores cursos de iniciação a esses instrumentos. Freitas (2009) diz que só isso não é suficiente se não houver discussão maior sobre o que se altera na aprendizagem do uso dessas tecnologias.

A seguir veremos como os professores corregentes utilizam as tecnologias na prática pedagógica.

5.4 TECNOLOGIAS UTILIZADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Primeiramente queremos reforçar que por prática pedagógica entendemos não apenas o trabalho com os alunos em sala de aula, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Por isso, a importância de entender o uso das tecnologias não apenas em sala de aula, mas em toda a prática pedagógica do professor.

O questionário nos permitiu identificar as tecnologias disponíveis nas escolas e na casa dos corregentes.

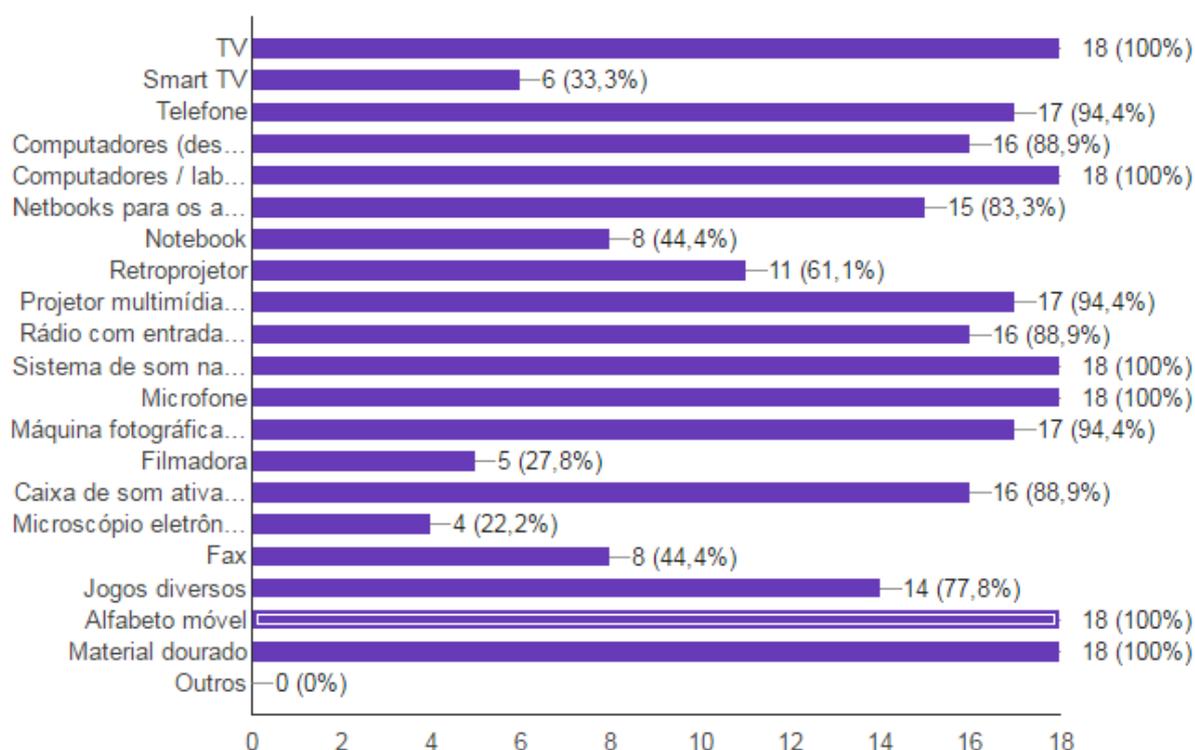
Quanto às tecnologias que as escolas possuem, observamos no gráfico 4, que todas as 18 escolas possuem TV, Computadores, Laboratório de Informática, sistema de som nas salas (para avisos), microfone, alfabeto móvel¹⁷ e material dourado¹⁸ 94% possuem computadores *desktop* nas salas dos professores, máquina fotográfica digital e projetor multimídia e 83% das escolas contam com *netbooks* para os alunos. Esses são números expressivos e mostram que essas escolas estão equipadas tecnologicamente. Mas como vimos, equipamentos nas escolas não são garantia de uso por parte dos professores.

¹⁷ Alfabeto móvel são letras avulsas do alfabeto (como peças), para que as crianças montem palavras.

¹⁸ Material dourado são peças em madeira, no formato de cubos e barras. Serve para auxiliar em matemática, no trabalho com unidades, dezenas e centenas.

GRÁFICO 4 – TECNOLOGIAS DAS ESCOLAS

10 - Quais dessas tecnologias sua Escola dispõe? (18 respostas)

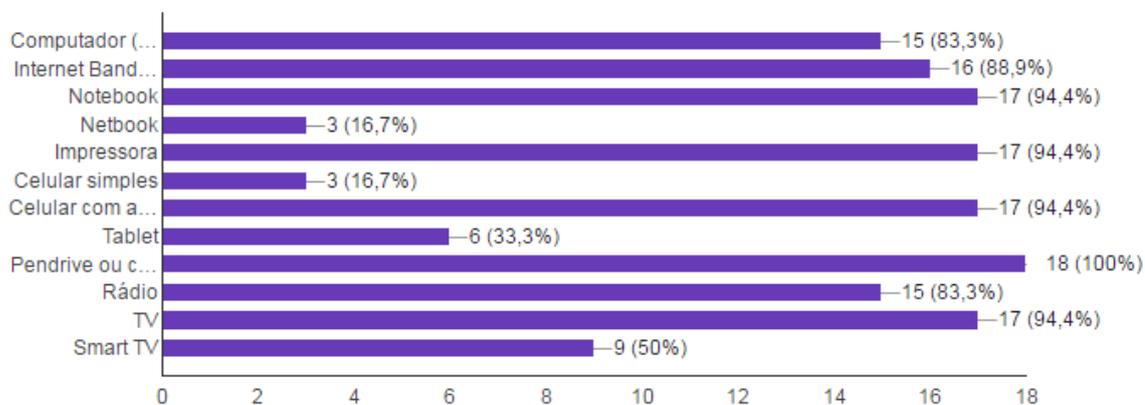


FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Quanto às tecnologias que os professores possuem em casa, observamos que 94% possuem *notebook*, 83% tem computador desktop e 88% tem acesso à internet banda larga. Todos os professores possuem *pendrive* ou cartão de memória e rádio em suas residências (GRÁFICO 5). O celular também é utilizado, pois muitos professores acessam a internet por ele. Observamos que os professores corregentes de Curitiba tem acesso às tecnologias digitais e a internet em suas casas.

GRÁFICO 5 – TECNOLOGIAS QUE POSSUEM OS PROFESSORES

11 - Quais dessas tecnologias você possui em casa? (18 respostas)

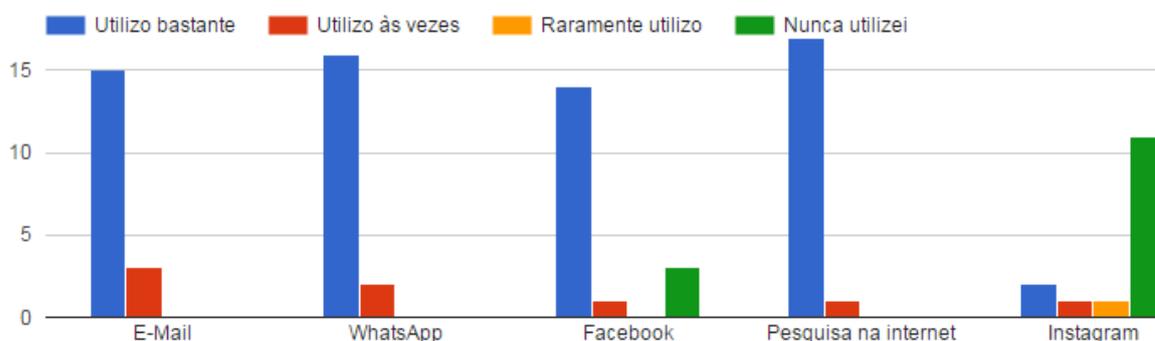


FONTE: Dados colhidos pela pesquisadora (2016).

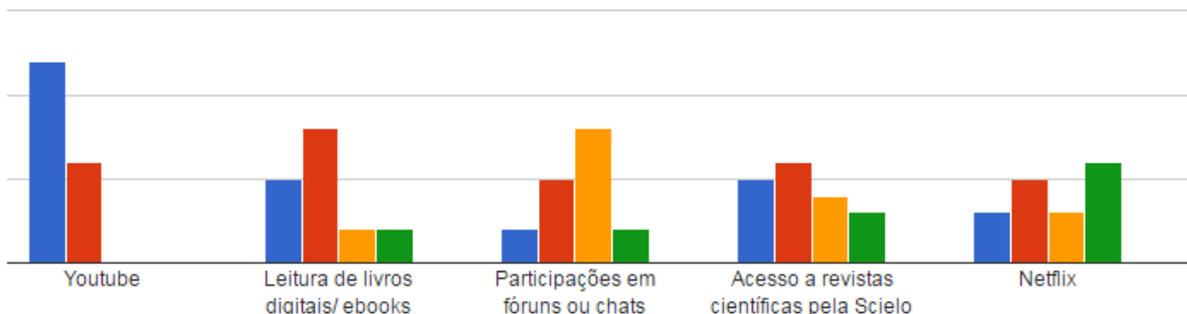
Quanto à utilização de *softwares* e aplicativos pelos professores corregentes, no seu uso pessoal, podemos ver 17 professores fazem pesquisa pela internet, 16 professores utilizam o *WhatsApp* e 15 deles utilizam *e-mail*. Sobre as ferramentas que nunca foram utilizadas pelos professores temos 11 deles que nunca utilizaram o *Instagram*, 6 o *Netflix*, 3 nunca utilizaram o *Facebook*, e nunca acessaram revistas científicas; 2 nunca utilizaram editores de som, fóruns e chats, leitura de livros digitais/*ebooks* e um professor nunca utilizou editor de vídeo. (GRÁFICO 6).

GRÁFICO 6 – SOFTWARES E APLICATIVOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES NO USO PESSOAL.

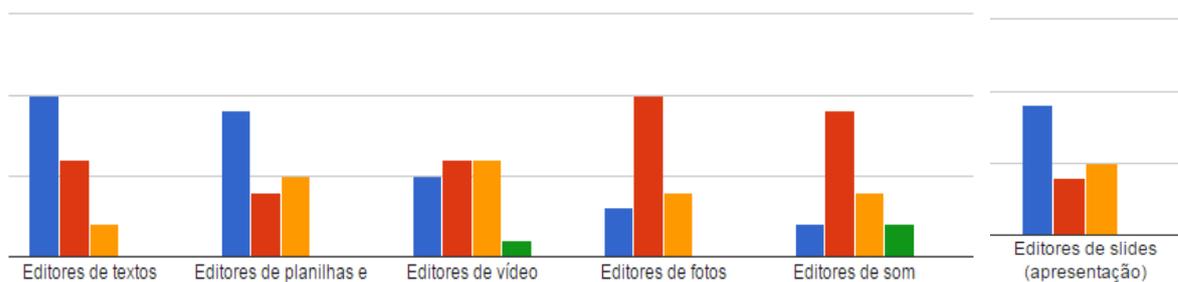
12 - Assinale quais softwares e aplicativos você utiliza no seu uso pessoal:



12 - Assinale quais softwares e aplicativos você utiliza no seu uso pessoal:



12 - Assinale quais softwares e aplicativos você utiliza no seu uso pessoal:



FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Nas entrevistas, o uso de computadores, *notebook* e da internet prevaleceu em todos os discursos, mostrando que esse professor utiliza essa tecnologia para pesquisas, para acesso a *sites*, preparar aula e atividades, separar imagens, vídeos e até para realizar cursos online.

[...] o computador... o notebook em casa, pra pesquisa, pra gente tá separando imagens, vídeos... (PE7).

[...] o computador... pesquisa de atividades, pesquisa de material e até cursos online mesmo... (PE8).

[...] o computador, os sites que trazem atividades... (PE9).

Segundo Camas (2016), “quando o professor utiliza a internet para preparar suas aulas, está utilizando a tecnologia na sua ação pedagógica”.

Para Pensin e Nikolai (2013), “a prática pedagógica diz respeito a uma ação intencional do educador em direção ao processo de ensino-aprendizagem”. (PENSIN;

NIKOLAI, 2013, p.38). Então, quando o professor está em sua casa, utilizando o computador e a internet, com uma intenção pedagógica, ele está exercendo uma prática.

As horas dedicadas ao estudo, à pesquisa, ao planejamento pedagógico, ao preparo das aulas, à produção de materiais didáticos e as correções de atividades dos alunos, normalmente, não são computadas na jornada semanal de dedicação do docente, mas, de acordo com Kenski (2013), podemos chamá-las de práticas pedagógicas.

Sobre o computador e a internet, Lucena e Fuks (2000) afirmam que:

Entraram a tal ponto no trabalho e na vida cotidiana de uma grande parcela da população, e ganharam a tal ponto repercussão na mídia que se incorporaram à prática educativa dos estudantes e professores por fora da escola... Hoje, o computador é usado como editor de texto, como planilha... como entretenimento, por uma grande parte do que se poderia chamar a comunidade educativa, mesmo que não de maneira intensiva. (LUCENA; FUKS, 2000, p.24).

Mesmo esses professores corregentes utilizando as tecnologias na prática pedagógica, não garante que haja mudanças na relação pedagógica. Moran (1995) diz que “as tecnologias tanto serve para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão progressista”. (MORAN, 1995, p.25).

A seguir, veremos o uso das tecnologias no trabalho da corregência, destacando as potencialidades e desafios para esse uso.

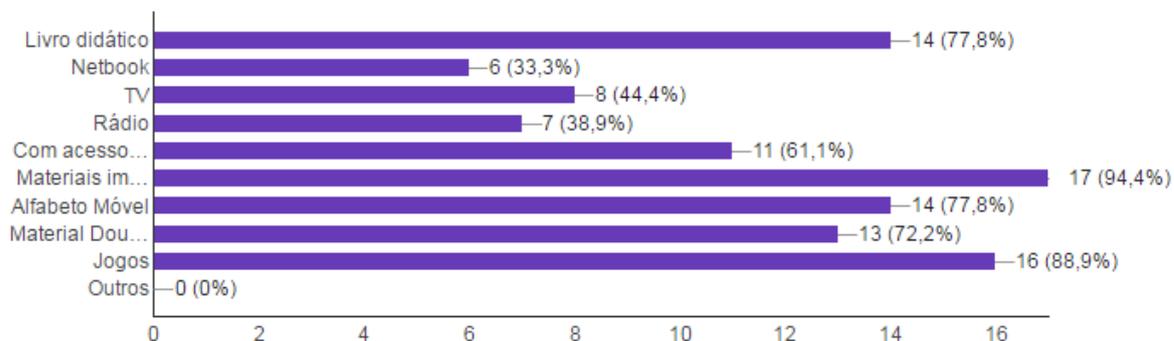
5.5 POTENCIALIDADES E DESAFIOS NO USO DAS TECNOLOGIAS NA CORREGÊNCIA

Quanto às tecnologias que os professores utilizam na sua função de corregente, podemos ver no questionário, que materiais impressos são os mais utilizados, com 94%, seguidos de jogos, com 88%; livro didático e alfabeto móvel, ambos com 77%. Tecnologias com acesso à internet, como computadores, *tablet*, *netbook*, *smartphone*, são utilizados por 61% dos professores. (GRÁFICO 7).

GRÁFICO 7 – TECNOLOGIAS UTILIZADAS NA FUNÇÃO DE CORREGENTE

13 - Quais tecnologias você costuma utilizar no trabalho como corregente?

(18 respostas)



FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Dos jogos utilizados pelos professores corregentes, 16 professores responderam que utilizam jogos na função, são eles:

- Relacionados ao conteúdo trabalhado, tanto no computador quanto em tabuleiros. (PQ2).
- Quebra-cabeças e jogos da memória, confeccionado junto com os alunos. (PQ3).
- Materiais feitos por mim e jogos diversos que auxiliem na alfabetização. (PQ4).
- Jogos de tabuleiro, jogos do projeto Trilhas, dominó, xadrez... (PQ5).
- Raciocínio lógico matemático. (PQ6).
- Depende muito da dificuldade do aluno. (PQ7).
- Nunca dez, memória, dominó, trilha, dama, etc. (PQ8).
- Jogos envolvendo os conteúdos propostos. (PQ9).
- Jogos como quebra-cabeças, memória, atividades lúdicas com materiais concretos... (PQ10).
- Jogos sistematizados em sala (relacionados à escrita, principalmente) e jogos de alfabetização da internet. (PQ12).
- Jogos de alfabetização, Projeto Trilhas. (PQ13).
- Jogos da memória, cruzadinha, jogos on-line, entre outros. (PQ14).
- Jogos para alfabetização. (PQ15).
- De números para composição e decomposição, bingos e outros. (PQ16).
- Jogos do PNAIC. (PQ17).
- Jogos para alfabetização em níveis diferenciados que contemplam letras, sílabas, palavras, frases e textos; assim como matemática (bingo, tiro ao alvo, caixa do PNAIC-10 jogos, Nunca dez, fichas, jogo da velha, acerte o alvo). (PQ18).

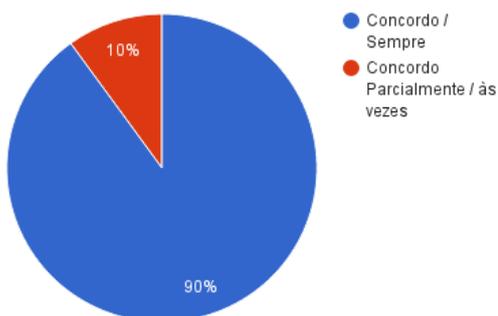
Observamos que os jogos disponibilizados através dos programas de formação continuada como do Projeto Trilhas e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), são utilizados pelos professores corregentes.

No questionário, 4 professores disseram que existe uma pessoa responsável por preparar o ambiente para o uso das tecnologias, sendo em duas escolas a inspetora, em uma a vice-direção e em outra uma professora. Nas outras 14 escolas, ou seja, 77,8%, não possuem ninguém para esse trabalho, exigindo que o próprio professor seja responsável por arrumar o ambiente e instalar as tecnologias que irá utilizar.

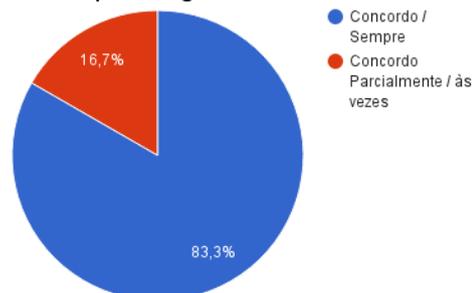
Os próximos gráficos (GRÁFICOS 8) trarão as respostas e opiniões dos professores corregentes sobre as tecnologias na educação e o uso das tecnologias por parte desses professores.

GRÁFICOS 8 - DIVERSOS

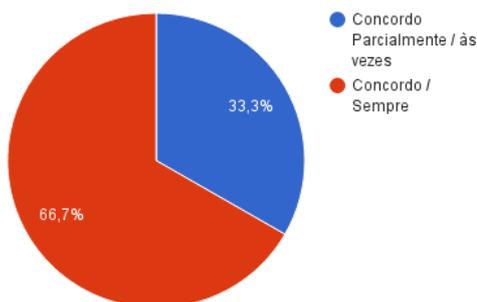
As tecnologias contribuem para a aprendizagem do aluno



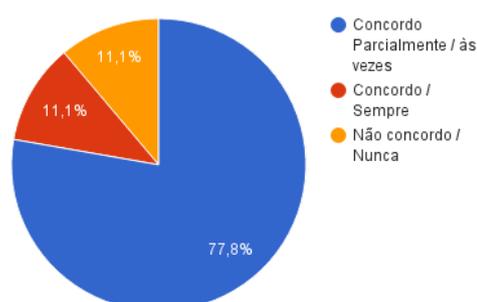
O uso das tecnologias contribui para a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.



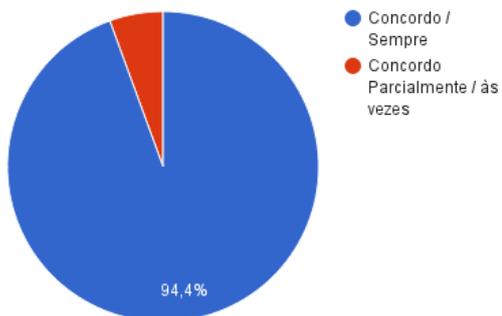
As tecnologias disponíveis na escola favorecem a aplicabilidade dos cursos realizados.



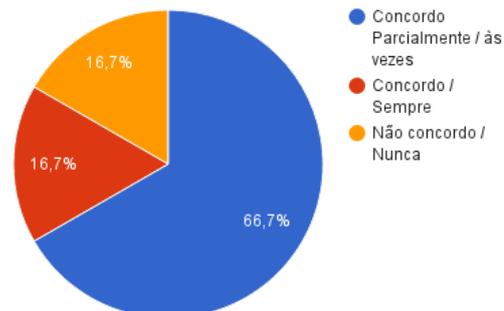
Minhas aulas preveem o uso dos netbooks pelos alunos



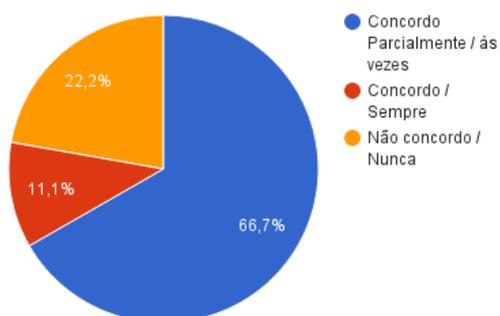
Planejo aulas utilizando sugestões ou pesquisando na internet.



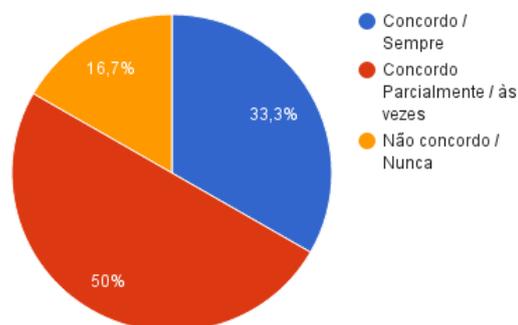
Prefiro utilizar os livros didáticos às tecnologias digitais.



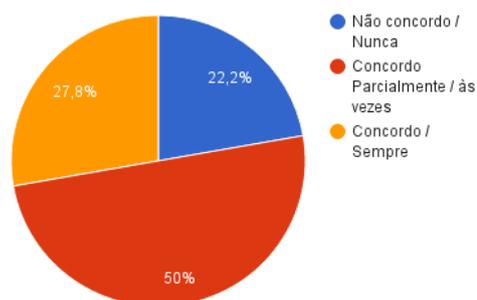
Participo de fóruns ou redes sociais com fins pedagógicos



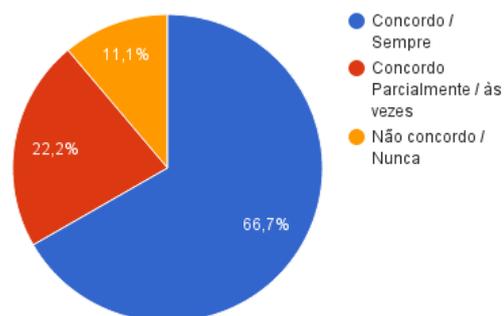
Elaboro slides para uso profissional



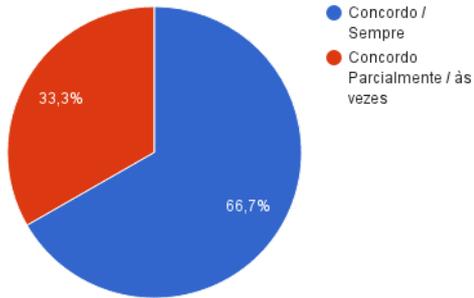
Produzo filmes para fins pedagógicos



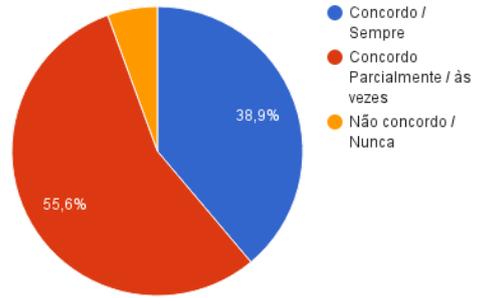
Utilizo editores de textos para fins pedagógicos.



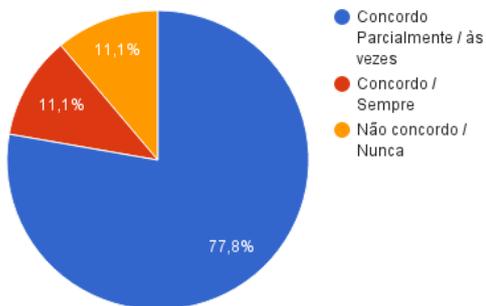
Baixo filme do Youtube ou músicas para minhas aulas



Promovo a participação dos alunos em sites de buscas (pesquisas).



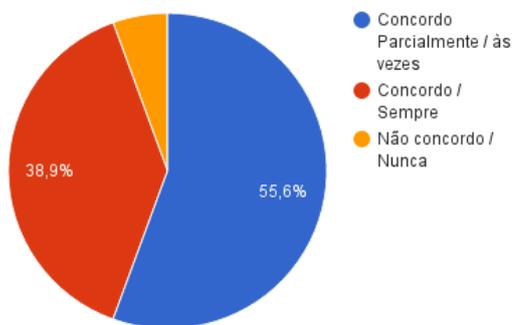
Trabalho com jogos eletrônicos



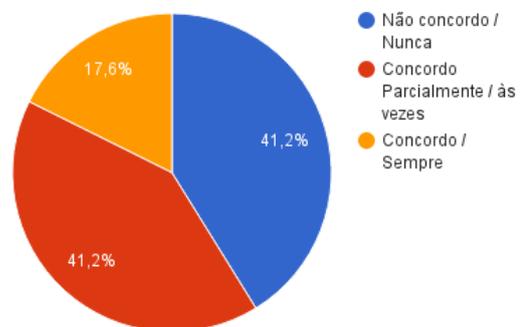
Favoreço o uso do microscópio eletrônico.



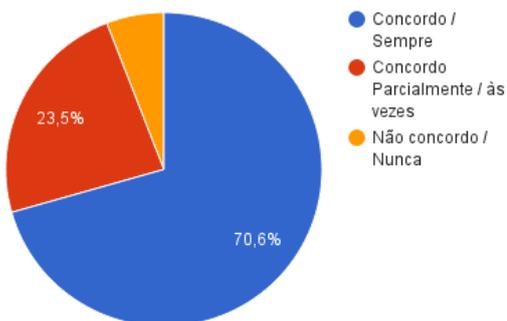
Assisto tutoriais no Youtube



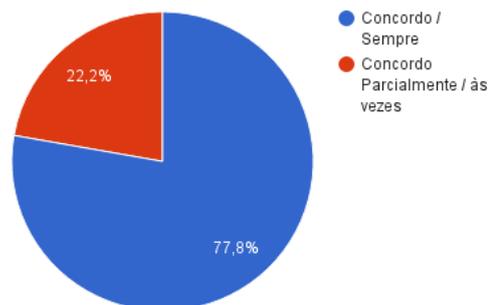
Instalo softwares nos computadores.



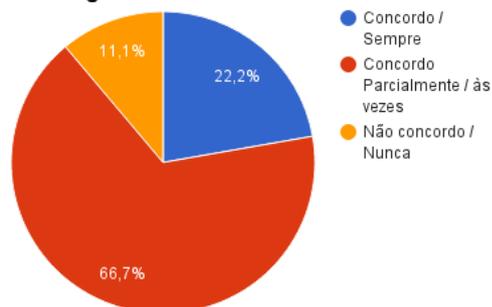
Salvo fotos, vídeos e arquivos em pendrive.



Troco experiências sobre as tecnologias com os pares, no momento em que surge a dúvida.



Os cursos ofertados pela SME dão conta de estimular os professores a utilizarem as tecnologias na escola.



FONTE: Dados colhidos pela pesquisadora (2016).

A última questão do questionário perguntava se o professor já teve alguma experiência positiva com o uso das tecnologias. Podemos observar as respostas no quadro 20.

QUADRO 20 – EXPERIÊNCIAS POSITIVAS

Professores	Você já teve alguma experiência positiva utilizando as tecnologias no trabalho de correção? Por favor, conte-nos:
PQ1	Sim, o preparo de uma apresentação de slides sobre o conteúdo seres vivos invisíveis (vírus, bactérias e fungos) e essa aula foi muito aproveitada pelos estudantes, o objetivo foi alcançado e positivo.
PQ2	(Não respondeu).
PQ3	Sempre. Em todas as aulas à a intervenção de alguma tecnologia e sempre é positiva a experiência.
PQ4	Sim, as aulas ficam mais ricas.
PQ5	(Não respondeu).
PQ6	Sim alfabetização dos estudantes.
PQ7	Sim, com autista é mais funcional, porém quando há pouca demanda de alunos para atender.
PQ8	Sim, os jogos interativos, além de estimularem o raciocínio lógico, favorecem a aprendizagem. O estudante aprende de forma divertida e prazerosa conteúdos dos quais não assimila pelo método tradicional.
PQ9	Jogos de alfabetização favorecem e estimulam muito os alunos com dificuldades.
PQ10	Tenho experiências positivas com relação ao uso de jogos, com alguns alunos.

PQ11	(Não respondeu).
PQ12	Alunos que não interessam- se pela aprendizagem despertam interesse quando utilizo jogos manipuláveis ou virtuais.
PQ13	Realizei produção de texto no editor de texto com os <i>netbooks</i> da escola. Salvei os textos em <i>pendrive</i> e fiz as observações para os estudantes fazerem as alterações necessárias, como o processo de reescrita.
PQ14	Coloco como exemplo, a utilização de editores de texto, no processo de reescrita como uma experiência bastante positiva.
PQ15	Não.
PQ16	(Não respondeu).
PQ17	Jogos interativos torna mais atrativo para os alunos a resolução de problemas.
PQ18	Sim. Explorando no laboratório de informática jogos direcionados para contemplar as necessidades apresentadas pelos alunos.

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora (2016).

Nas entrevistas, os relatos de uso das tecnologias na corregência aconteceram na maioria das respostas, fora de sala de aula, no laboratório de informática ou retirando o aluno de sala, como vemos nos seguintes discursos:

[...] o laboratório de informática, trabalhamos o computador... (PE1).

[...] uma vez por semana a gente retira esse aluno da sala, eu recebo um grupo de 15 alunos, metade da turma, durante uma aula nós ficamos no laboratório de informática... (PE2).

[...] daí tirava um grupo de cada vez pra sala de informática né, pro laboratório... (PE4).

[...] acho importante tirar de sala de aula porque não adiante nada, se o aluno não tá alfabetizado, não adiante eu querer ficar na sala querendo trabalhar um texto. (PE5).

[...] na corregência eu já trabalhei sim a tecnologia, mas não com as crianças em sala de aula... (PE7).

[...] eu fazia no contraturno... era um grupo menor de aluno. (PE9).

As experiências de uso foram no trabalho com autorretrato, atividades no laboratório de informática na área de Língua Portuguesa e Matemática, jogos educativos e de alfabetização:

[...] com autorretrato... trabalhamos com o computador, tiramos foto, colocamos a foto na caixa de texto, construímos o texto com eles... (PE1).

[...] nós ficamos no laboratório de informática fazendo atividades, principalmente o foco principal é Língua Portuguesa e Matemática... (PE2).

[...] eu sempre usei com os alunos sites variados, de acesso, de joguinhos educativos mesmo, de alfabetização... (PE3).

[...] dai nós fizemos alguns jogos, algumas atividades online... pra que não fique justamente só no papel, no livro, na atividade, na reescrita... (PE7).

Para Drucker (1999), a tecnologia será importante porque “irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas”. (DRUCKER, 1999, p.189).

Quanto as potencialidades que o uso das tecnologias oferecem, podemos observar a sua utilidade no trabalho com os alunos, na motivação e interesse que elas causam e como elas facilitam a aprendizagem:

[...] eu vejo avanço sim, eles tem bastante interesse... e eles tem conhecimento e facilidade também de lidar... não sabem ler, mas no computador eles conseguem encontrar as letras no teclado, eles conseguem acessar links, então eles tem essa facilidade com o uso das tecnologias... (PE1).

[...] as crianças gostam muito de fazer... chama atenção... pra eles isso é significativo, é importante, então eles se empenham pra desempenhar, pra resolver a atividade e eles gostam muito... facilita muito a aprendizagem, porque a criança tem vontade de fazer, o interesse dela é muito grande pela tecnologia... vai reforçar a aprendizagem que eles tem em sala de aula com a professora regente... (PE2).

[...] eu peguei os nets e as crianças vibram né, então assim, crianças que não sabem escrever, daí através dos desenhos que tem ali eles vão escrevendo, eles gostam mesmo, gostam, eu acho assim que surge bastante efeito, sabe, dá resultado esses trabalhos com os nets... (PE9).

Esses discursos confirmam o que diz Machado (2011), que os alunos ficam mais motivados para realizar as atividades quando os recursos são interativos. Também para Santos e Melo (2013), as novas tecnologias são capazes de despertar mais a atenção e o interesse do que os recursos tradicionais.

Para Valente, “o educador deve conhecer o que cada uma dessas facilidades tecnológicas tem a oferecer e como pode ser explorada em diferentes situações educacionais”. (VALENTE, 2005, p.23).

Os dados mostram que os professores corregentes utilizam as tecnologias na prática pedagógica, mas precisam avançar no uso das tecnologias em sala de aula, no trabalho com os alunos. Foram poucas as experiências relatadas. Observamos também, que alguns professores levantam pretextos para não utilizar as tecnologias, como vemos nos seguintes discursos:

[...] é na verdade assim, nesse momento eu ainda não iniciei o trabalho com tecnologia, computador, rádio, porque eu tenho muito pouco tempo na corregência... (PE3).

[...] pra usar no caso o laboratório tem que ter um direcionamento, é difícil porque eles encaram ainda, no caso o computador, o notebook como joguinhos simplesmente, então é difícil, daí você tem que ter um planejamento bem feito, bem organizado né... (PE4).

[...] então eu até queria usar mais né, até queria, mas que nem eu te falei, você pega o aluno pra corregência, vem e chama você pra substituir, daí aquela coisa, você acaba nem pensando na corregência, deixa por último a corregência... (PE5).

Entendemos que todo o trabalho precisa ser pensado, planejado, inclusive no uso das tecnologias. Almeida e Prado (2008) dizem que este uso só traz contribuições significativas à aprendizagem quando: “acontece integrado a um projeto curricular com clareza de intencionalidade pedagógica voltada ao desenvolvimento da capacidade de pensar e aprender com tecnologias”. (ALMEIDA; PRADO, 2008, p.1).

A maior contribuição do computador não está na qualidade e quantidade de informações que se pode acessar rapidamente, mas sim, no que podemos fazer e que não é possível realizar sem ele, ou seja, “no que o computador pode propiciar em termos do desenvolvimento da autonomia, do autoconhecimento e do poder sobre a própria aprendizagem”. (ALMEIDA, 2004, p.63).

As principais dificuldades encontradas pelos corregentes para utilizar as tecnologias na escola são: internet, materiais antigos, manutenção, roubo, falta de materiais e tempo.

Quanto à internet os discursos trazem que a internet não é adequada, que é lenta e muitas vezes não funciona:

[...] é o acesso que a gente tem... não tem internet adequada... (PE1).

[...] a internet é um dos pontos... internet tão fraca... (PE2).

[...] a internet que não tá muito boa né e as vezes eles não funcionam mesmo, não pegam... (PE9).

[...] A nossa internet é aquela da prefeitura... então cai, não funciona, é bem vagarosa... (PE10).

Investir em melhoria no sinal da internet é um desafio a ser vencido, pois a competência digital já é considerada uma das competências necessárias para a aprendizagem ao longo da vida. (DIGCOMP, 2016).

A falta de manutenção e a defasagem das ferramentas tecnológicas também são apontadas no discurso dos professores:

[...] os materiais são antigos... não tem muita manutenção... (PE1).

[...] o equipamento que a gente tem é muito antigo... tem o armário com os 40 netbooks, hoje acho que temos uns 34 funcionando... baterias já não estão segurando mais a carga, é um equipamento que não tem manutenção, então aos poucos vai se deteriorando, agrava a situação... (PE2).

[...] os nets ai são bem antigos né, acho que nem funciona mais... (PE5).

[...] equipamentos curto prazo eles já ficam defasados... necessidade de um maior cuidado e manutenção desse equipamento... volte e meia tem equipamentos com vírus, estragados, não ligam... (PE7).

Com internet fraca, equipamentos defasados e falta de manutenção, o trabalho com as tecnologias nas escolas públicas torna-se muito difícil, ampliando ainda mais a desigualdade social.

Castells nos diz que: “as elites aprendem fazendo e com isso modificam as aplicações da tecnologia, enquanto a maior parte das pessoas aprende usando e, assim, permanecem dentro dos limites do pacote da tecnologia”. (CASTELLS, 2001, p.55). Mas, com esses desafios apontados nos discursos de professores, podemos dizer que nem o aprender usando, está sendo propiciado aos alunos.

Finalizando os desafios a serem superados, temos a questão do tempo para montar a tecnologia em sala e os problemas de roubos nas escolas, conforme podemos ver nos seguintes discursos:

[...] a questão de tempo mesmo... (PE4).

[...] até eu montar todo esse aparato na sala de aula, então as turmas são mais numerosas... (PE10).

[...] ladrão aqui na escola... roubaram alguns... esse problema de muito roubo... a escola tem, compra o material bom daí vem né... (PE5).

Vimos que são muitos os desafios a serem vencidos, mas as potencialidades dessas ferramentas compensam o investimento. Vieira Pinto (2005, p.18) afirma que “convém ao pobre usar a tecnologia tanto quanto convém ao rico”. Logo, é preciso desenvolver políticas públicas que aperfeiçoem os desafios da utilização da tecnologia nas escolas, de modo a minimizar as desigualdades sociais para melhor atender as demandas trazidas pela contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Procure a sabedoria e aprenda a escrever
os capítulos mais importantes de sua história
nos momentos mais difíceis de sua vida.
Augusto Cury*

Orlandi (2007, p.174), “vê em todo texto a presença de um outro texto necessariamente excluído, mas que o constitui”. Todas as palavras trazidas aqui fazem parte de um discurso que se originou de outras vozes, de outros olhares, de outros textos excluídos deste. Essa pesquisa é o encontro de todos esses discursos. Do autor, do orientador, da banca de qualificação e defesa, dos professores que contribuíram respondendo o questionário e a entrevista, enfim, é um trabalho coletivo sob a visão desta pesquisadora.

Iniciando as considerações finais dessa dissertação, relembremos o problema de pesquisa: como os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas?

Respondendo o problema de pesquisa, podemos dizer que os professores corregentes utilizam o computador e a internet em suas casas e na escola, para prepararem as aulas, fazendo planejamento ou pesquisando algum material didático. No trabalho com a corregência, não utilizam as tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas. Não verificamos nenhum trabalho que envolvesse a interação proporcionada por essas tecnologias e nenhuma ação voltada ao trabalho em sala de aula, com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Chegamos a essa resposta com base no objetivos levantados na pesquisa. Como primeiro objetivo, buscou-se compreender a função do professor corregente na rede municipal de Educação de Curitiba – RME. Esse objetivo se fez necessário pela falta de estudos e esclarecimentos dessa função. No convívio diário de sua profissão na escola, a pesquisadora pode perceber que muitos professores não entendiam o que seria a atribuição do professor corregente, também, não se tem documentos que elucidem essa função nas escolas.

Então, foi preciso buscar fontes históricas para entender como se originou essa função e quais as suas atribuições. Num trabalho de detetive nas escolas e Secretaria de Educação, buscamos por documentos que nos levassem a responder esse objetivo.

Encontramos o documento de implantação dos Ciclos de Aprendizagem (CURITIBA, 1999) e uma apostila de subsídios à prática escolar, falando sobre a implantação e função da corregência (CURITIBA, [2000?]). Em documentos atuais, encontramos uma breve citação sobre a corregência no Caderno Pedagógico dos pedagogos (CURITIBA, 2012) e a Portaria n.45 que estabelece um corregente para cada duas turmas (CURITIBA, 2013).

Com base nesses documentos, entendemos que o corregente atua em ação conjunta com o regente, em sala de aula. Seu trabalho não consiste em realizar recuperação paralela de estudo, mas, buscar auxiliar individualmente o aluno a compreender e acompanhar as atividades de seu grupo.

O corregente também trabalha lecionando a disciplina de Ciências, nas duas turmas que é responsável. Cria-se assim, uma tríade entre duas turmas e um corregente, que irá atendê-las em duas aulas de Ciências e na corregência.

Com os dados obtidos nos questionários e nas entrevistas, podemos concluir que essa função ainda é pouco compreendida na sua forma de atuação. A maioria dos professores consideram a corregência como um trabalho com alunos que apresentam dificuldades, sabem do seu papel com esses alunos, mas na prática, grande parte deles retiram os alunos de sala de aula para esse trabalho. Embora o documento de implantação dessa função especifique que o trabalho deve ser realizado em sala de aula, a prática mostra o contrário.

As escolhas de funções nas escolas revelaram que a corregência tem sido escolhida por profissionais que realmente gostam da função, mas também por professores que querem ter menos desgastes no ano. Muitos professores que possuem dois padrões escolhem a regência em um e a corregência em outro turno, para ter um descanso. Por outro lado, vemos essa função ser destinada a professores que possuem laudos médicos, tiram ou voltam de licença, são novos na escola ou na rede; fazendo dessa função, na hierarquia de poder da escola, pouco escolhida pelos professores.

Falta o entendimento dessa função pelos órgãos gestores e pelos próprios professores, assim como falta formação continuada, de forma a dar condições dignas de atuação real com os alunos. Os cursos oferecidos nas formações são na área de Ciências. Não há cursos que atendam as dificuldades de aprendizagens acolhidas pelos corregentes.

Não se tem nenhuma normativa que elucide o papel dessa função para os novos professores corregentes. A própria pesquisadora encontrou apenas um único documento que esclarecia essa função. O que se vê são orientações entre os professores, que acabam ensinando os novatos a desempenharem a função. Mas muitos ainda, entendem a corregência como ajudar o regente, desenvolvendo trabalhos de correções de caderno, ou atendendo parcialmente o aluno, sem trabalho coletivo, sem planejamentos específicos ou inovações metodológicas.

De acordo com os corregentes, as principais dificuldades encontradas nessa função são: trabalho específico com as dificuldades, tempo de trabalho, espaço físico, substituição de faltas, trabalho em equipe, alunos desmotivados e a necessidade de avaliação psicoeducacional.

Em faltas de professores nas escolas, o professor corregente é quem os substitui. Essa é uma das principais reclamações dos corregentes. Eles ponderam que essas substituições quebram o trabalho, deixando-os desmotivados a planejarem as aulas e não poderem aplicar.

Muitos professores corregentes trazem como sugestão destinar um espaço físico, onde pudessem retirar os alunos de sala para desempenhar sua função. Nos discursos da maioria dos docentes, um trabalho de apoio no contraturno, seria mais proveitoso do que o formato atual.

O único resultado positivo dessa função é em uma escola que conseguiu deixar um professor corregente para cada sala de aula e não atendendo a duas turmas como determinado na portaria. Nessa escola também há poucas faltas, então, a função da corregência funciona, pois o corregente só atende a uma turma. Fica assim, com mais tempo para desenvolver o trabalho com os alunos e desenvolve maior parceria com o regente.

O segundo objetivo foi identificar a concepção de tecnologia apresentada pelos professores corregentes da RME, em especial, daqueles que atuam no 3º ano do Ensino Fundamental. Os dados apontam que os professores que tiveram formação em tecnologia sabem responder corretamente à sua concepção. Muitos professores ainda entendem a tecnologia como ferramentas digitais e associam apenas o computador, a internet, o celular como tecnologias.

Quando o professor entende que tecnologia é um processo, fruto da evolução humana, em que o homem, com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida, desenvolveu técnicas e ferramentas; e que o lápis, o papel, o livro, o giz são

tecnologias utilizadas na escola, a percepção sobre o uso de tecnologias muda. O docente passa a perceber que já as utiliza e pode ampliar seu uso com as novas tecnologias que estão surgindo, não se limitando a escola, mas sim, avançando com os desafios da contemporaneidade.

Destacamos também que a tecnologia não é neutra, o professor precisa ter uma intenção pedagógica para seu uso e pensar nas crianças que não possuem muito acesso a essas ferramentas. Kenyon (2003) apud Brito (2006) conceitua como tecnologia social. A escola tem o papel social de formar o cidadão para atuar na sociedade e essa Sociedade da Informação (COLL; MONEREO, 2010; ASSMANN, 2000; MATTELART, 2006; BELLONI, 2001), exige conhecimentos e competências digitais, como vimos nas dimensões trazidas pela DIGCOMP (2016).

A escola tem o papel de contribuir para a diminuição dos índices de desigualdade social. O trabalho com as tecnologias na escola, pode levar as camadas populares a uma inclusão social no seu uso. Daí a importância do professor conhecer e se aprofundar em todos os aspectos que as tecnologias educacionais trazem a sociedade.

Como terceiro objetivo, procuramos verificar se esses professores corregentes já vivenciaram o uso de tecnologias em sua formação continuada e a sua aplicabilidade pedagógica. Os dados trazidos nos questionários e entrevistas mostram que mais da metade dos docentes já fizeram cursos ou assistiram a palestras sobre o uso de tecnologias.

Os professores apontam para a necessidade de pensarem em cursos específicos ao papel do corregente. Cursos voltados para essa temática, utilizando a tecnologia como uma aliada nesse processo, serão de grande valia para a qualidade da educação.

O quarto objetivo analisou quais tecnologias os professores corregentes utilizam em suas práticas pedagógicas. Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos em sala de aula, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisa, de preparo de materiais, atividades e estudos desse professor.

Os dados coletados apontam que os professores já incorporaram a tecnologia à sua prática de vida. Todos os docentes acessam a internet em sua rotina do dia-a-dia. A maioria utiliza *e-mails*, redes sociais e aplicativos para pesquisas e lazer.

Utilizam o computador na escola e em suas casas para preparar aulas, para pesquisas diversas, preparar atividades, entre outras coisas. Vemos que essa fase de

gestação do professor já está consolidada. Os docentes utilizam a tecnologia para seu uso pessoal e nas práticas pedagógicas, mas, como veremos no último objetivo desta pesquisa, é preciso avançar no processo do uso das tecnologias com os alunos.

Por fim, o último objetivo específico foi identificar e analisar os avanços, dificuldades e desafios a serem superados no uso das tecnologias na escola. Os dados mostram que é preciso avançar no uso das tecnologias em sala de aula e no trabalho com os alunos. Embora os professores corregentes já tenham consolidado o uso das tecnologias em sua prática pedagógica, o uso das mesmas com os alunos ainda tem muito para avançar.

Nos discursos, notamos que muitos professores ainda não utilizaram as tecnologias no trabalho com a corregência. Os que já tiveram essa experiência, destacam trabalhos realizados na sala de informática ou nas aulas de Ciências. O uso de jogos eletrônicos, voltados para a alfabetização foi trazido por poucos docentes.

Não verificamos nenhum trabalho que envolvesse a interação proporcionada pelas tecnologias e nenhuma ação voltada ao trabalho em sala de aula, com alunos que apresentam dificuldades.

Quanto às potencialidades do uso das tecnologias, os professores relatam o interesse dos alunos, o prazer pelas aulas que incluem seu uso. Relatam que os alunos vibram com aulas assim, comprovando o que dizem os teóricos da área.

Camas (2012), baseada nas experiências dos pesquisadores Dwyer, Sandholtz e Ringstaff (1997), diz que para formar o docente para o uso de tecnologias é preciso expor o professor a elas, para que ele possa adotar a tecnologia que melhor lhe convier. Após o uso inicial, os professores passam a adaptá-las à sua realidade e por fim apropriam-se das tecnologias com autonomia, a ponto de integrá-las com uma finalidade de ensino e aprendizagem e inovar nesse uso, passando do simples uso ao processo de autoria com essas ferramentas.

Com base nesse estudo, notamos que os corregentes da RME já foram expostos às tecnologias e começaram a adotá-las. Estão caminhando para adaptá-las à sua prática e, a partir daí, avançarem para uma integração e inovação no uso das tecnologias.

As principais dificuldades e desafios a serem superados são com relação a qualidade de sinal da internet nas escolas. Os relatos mostram que os docentes ainda precisam baixar arquivos de imagens e vídeos em seus lares, pois as escolas não oferecem qualidade de internet para esse uso.

Outro fator levantado nos dados foi a manutenção e troca das ferramentas tecnológicas. Elas já estão defasadas e muitos equipamentos não funcionam mais. A obsolescência programada é uma realidade do capitalismo e as escolas públicas estão muito aquém do ideal em educação em termos de equipamentos tecnológicos.

A falta de materiais, o problema de roubos e o tempo para esse uso, também foram fatores que apareceram nos dados coletados. As escolas se esforçam em adquirir aparelhos melhores utilizando recursos próprios, mas esse esforço muitas vezes torna-se em vão por conta dos roubos nas unidades escolares. Devido à pouca quantidade desses recursos, o tempo perdido para instalação dessas ferramentas também prejudicam seu uso. O ideal seria que cada sala de aula tivesse esses equipamentos disponíveis para o uso dos professores e alunos.

Com base nesses objetivos específicos, podemos dizer que atingimos o objetivo geral que era: analisar e compreender como os professores corregentes, do 3º anos do Ensino Fundamental de Curitiba, utilizam as tecnologias nas práticas pedagógicas e conseguimos responder ao problema de pesquisa.

Podemos dizer que essa pesquisa levou a pesquisadora a conhecer novos lugares, viajar por toda Curitiba, conhecendo escolas e lugares que nunca tinha estado antes. Consistiu em uma experiência muito produtiva o fato de conhecer novas realidades e ainda perceber o que pensam os professores corregentes.

Uma das escolas visitadas não tinha sinal de celular, deixando a pesquisadora apavorada, pois não saberia voltar para casa sem utilizar o GPS do celular. Então, o diretor da escola forneceu a senha do *wi-fi*, permitindo-a acessar o *Google Maps*. Para todas as visitas nas escolas, foi utilizada essa ferramenta no celular, para encontrar os endereços.

A recepção das pedagogas nas escolas foi muito solícita, todas as pedagogas e os professores atenderam a pesquisadora muito bem.

Um das dificuldades encontradas pela pesquisadora foi em relação a liberação das autorizações para a realização da pesquisa. Foi preciso enviar a Secretaria de Educação todo o projeto de pesquisa, especificando com detalhes as etapas e escolas envolvidas. Para cada etapa (questionário e entrevista), foi preciso fazer a solicitação e esperar a devolutiva para iniciar a pesquisa. A etapa das entrevistas demorou três semanas para a liberação, devido a mudança de gestão no departamento. Outra dificuldade foi com a quantidade de respostas obtidas no

questionário. Embora enviado para as 185 escolas, poucos professores contribuíram respondendo-o.

A pesquisadora pode dizer que se tornou outra pessoa com as experiências ofertadas pelo mestrado. Sentindo que começou a entender o caminho da pesquisa, da reflexão e da busca pelo conhecimento. Espera poder continuar os estudos, agora, muito mais madura do que quando entrou para o programa, mas ao mesmo tempo, tendo muito que aprender ainda.

Esta pesquisa abre caminhos para novos estudos na temática. O papel do professor corregente ainda carece ser estudado, bem como seu trabalho com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. O uso das tecnologias no trabalho com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e a formação do professor corregente, também são campos que ainda não foram pesquisados.

Aqueles que conviveram com a pesquisadora durante este processo, irão entender o discurso por trás dessas palavras. E falando em discurso, queremos encerrar com uma citação de Orlandi (2007) que expressa bem essa fala: “E se assim é, vamos deixar, nesse ponto, que os sentidos da reflexão que ela nos propõe façam seu percurso, acolham o tempo de sua proveniência, e se devolvam a seu silêncio... porque é nele que estão os outros sentidos”. (ORLANDI, 2007, p.177).

É no silêncio das palavras que possibilito ao leitor construir seus próprios sentidos sobre essa dissertação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

AMARAL, Roberto (Org.). **Sociedade do conhecimento**: novas tecnologias, risco e liderança. Lages: Uniplac, 2006.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Inclusão Digital do Professor**: formação e prática pedagógica. São Paulo: Articulação, 2004.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Mara Elisabette Brisola Brito. **Desafios e possibilidades da integração de tecnologias ao currículo**. Artigo elaborado para subsidiar o curso Ensinando e aprendendo com as TIC, promovido pelo Ministério da Educação, sob responsabilidade da Secretaria de Educação a Distância, 2008.

ALVARENGA, Cacilda Encarnação Augusto; AZZI, Roberta Gurgel. Relações significantes entre a autoeficácia computacional docente e variáveis pessoais e contextuais: um estudo com professores brasileiros. **Educação, Formação & Tecnologias**, v.6, n.2, p.50-67, Jul-Dez, 2013..

ALVES, Rubem. **O papel do professor**. Brasília, 2011. Entrevista concedida ao Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.51-64, jul., 2001.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, [on-line], Brasília, v. 29, n. 2, maio/ago. 2000. p. 7-15.

BALADELI, Ana Paula Domingos; BARROS, Marta Silene Ferreira; ALTOÉ, Anair. Desafios para o professor na Sociedade da Informação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 155-165, jul-set. 2012.

BARRETO, Raquel Goulart. A recontextualização das tecnologias da Informação e da comunicação na formação e no trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 121, p. 985-1002, out.-dez., 2012.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BODGAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Codex, 1994.

BOENO, Renate Kottel. **Formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula**: o que os professores querem. 129f. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Políticas Públicas para inclusão digital nas escolas. **Motrivivência**, Bahia, ano XXII, n. 34, p.40-60, jun., 2010. Disponível em: <<http://www.nuclear.ufba.br/wiki/pub/GEC/RelAtividadesAdriana/17135-53270-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 de fev. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. N.9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016.

_____. Ministério da Educação. **ProInfo**. Brasília: MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proinfo/proinfo>>. Acesso em: 02 de Março 2017.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: De Gutenberg à Internet. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um repensar. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

BRITO, Glaucia da Silva. **Inclusão digital do profissional professor**: entendendo o conceito de tecnologia. Artigo apresentado no 30º Encontro Anual da ANPOCS, 24 a 28 de outubro de 2006, p.1-18.

CALDAS, Edson. Aulas tradicionais são ineficientes, mostra estudo. **Revista Galileu**. 13/05/2014. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/05/aulas-tradicionais-sao-ineficientes-mostra-estudo.html>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. A literacia da informação na formação de professores. In: TONUS, Mirna; CAMAS, Núria Pons Vilardell (Org.). **Tecendo fios na educação**: da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 47-68.

_____. **Revista e-Curriculum**: origens e evolução de um periódico científico eletrônico na área de Educação e Currículo construído na colaboração pedagógica. 252f. Tese. (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo, 2008.

_____. Registro da fala da professora em aula do programa de pós-graduação, Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setembro de 2016.

CARVALHO, Ana Amélia A. (Org.). **Manual de ferramentas da web 2.0 para professores**. Ministério da Educação. Brasília: DGIDC, 2008.

CARVALHO, Marília Gomes de. **Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_E_TECNOLOGIA/TECNOSENVSOCIAL_1.PDF>. Acesso em: 29 set. 2016.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Ci. Inf.**, [on-line], Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set-dez., 2000..

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação- economia, sociedade e cultura. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORALINA, Cora. Poema Exaltação de Aninha (O professor). **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

CUERVO, Angel Alberto Valdés. et al. Atitudes de docentes de educação básica frente às TIC. **Magis**, Bogotá-Colombia, v.3, n.6, p.379-392, Abril, 2011.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **A Escola Municipal e os Ciclos de Aprendizagem**: projeto de implantação. Curitiba: SME, 1999.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Subsídios à prática escolar**: co-regência. Curitiba: SME, [2000?]. Apostila digitada.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Caderno Pedagógico**: subsídios à organização do trabalho pedagógico nas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba. Curitiba: SME, 2012.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Programa Conexão Educacional**. Curitiba: SME, 2013.

_____. **Diário Oficial Eletrônico**. Atos do Município de Curitiba. Portaria nº 45, de 11 de novembro de 2013. Dispõe sobre adequação dos estabelecimentos de ensino da Rede Municipal de Curitiba na organização do ensino, gestão do espaço e distribuição de recursos humanos para garantia do direito à educação pública de qualidade. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/DO%20217.pdf>. Acesso em: 01/04/2016.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Habilidades e competências no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DIGCOMP. **Proposta de um quadro de referências europeu para o desenvolvimento e compreensão da competência digital**. Tradução, adaptação e

validação de LUCAS, Margarida; MOREIRA, António. Documento de trabalho em desenvolvimento no Laboratório de Conteúdos Digitais (LDC) do CIDTFF. Departamento de Educação e Psicologia da Universidade e Aveiro, 2016.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n.24, p.213-225, 2004.

DRUKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ESCOLBAR, Miriam Gutiérrez (et al.). Medios de enseñanza com nuevas tecnologías versus preparacione de los docentes para utilizarlos. **Medisur**, v.11, n.2, p.167-175, abril, 2013.

FACEBOOK. **Percentage of Population Online by Country Source**: International Telecommunication Union. World Telecommunication, Internet.org.: ICT Indicators Database, 2015.

FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (Org.). **A intensificação do trabalho docente**: Tecnologias e produtividade. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Um Computador por Aluno – PROUCA**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-programa-um-computador-por-aluno-prouca>>. Acesso em: 03 de março 2017.

FREIRE, Paulo. **Entrevista para o programa Matéria Prima da TV CULTURA**. 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ&t=71s>>. Acesso em: 01 de março 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A Educação na cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. Pedagogia do oprimido 30 anos depois. In: FREIRE, A. A. F. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001b.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A formação de professores diante dos desafios da Cibercultura. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARCIA – VERA, Antonio Bautista. Tres temas tecnológicos para la formación del profesorado. **Revista de Educación**, Madrid, n. 322, p.167-188, maio-ago., 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos; GABARDO, Cleusa Valério. Docência e práticas catalisadoras: possibilidades entre as influências das mídias digitais e valores humano-sociais. **Educação**, V.37, n.1, p.52-62, jan/abr., 2014. Disponível em:<revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/16759/10925>. Acesso em: 29 ago. 2014.

HETKOWSKI, Tânia Maria. Práticas Pedagógicas Inovadoras e TIC: uma parceria entre universidade e rede pública de ensino. In: ENDIPE, 2014, Fortaleza. **Anais. EDUECE**, Livro 4, 2014, p. 431-446.

HUBERMAN, Michaël. O Ciclo de Vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2013 – PNAD**. Disponível em: <http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2013/default_xls_2013.shtm>. Acesso em 14 set. 2016.

JORDÃO, Teresa Cristina. A formação do educador para a educação em um mundo digital. **Tecnologias Digitais na Educação**, Brasília, p.9-17, nov-dez., 2009.

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Brito; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v.7, n.7, p.237-250, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 2012a.

_____. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012b.

_____. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. A Inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis**, Bogotá-Colombia, v. 5, n.10, p. 173-187, Jul-Dez., 2012.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. Só tablets não fazem o trabalho sozinhos, diz o filósofo Pierre Lévy. **Extra**. Entrevista concedida a Bruno Alfano, 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/educação/educaca-360/so-tablets-não-fazem-trabalho-sozinhos-diz-filosofo-pierre-levy-13468681.html>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

_____. **Palestra concedida na Petrobrás**. Rio de Janeiro, 26 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5pJ7Ad84JSk>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

LÉXICO. **Léxico**: Dicionário de Português Online. Disponível em: <<http://www.lexico.pt/corregente/>>. Acesso em: 01/04/2016.

LUCAS. In: Nova BÍBLIA Viva. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. Cap. 6, vers.40, p.836.

LUCENA, Carlos; FUKS, Hugo. **A Educação na Era da Internet: professores e aprendizagens na web.** Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MACHADO, Liliane Santos. **Formação de professores: o computador como recurso para o processo de alfabetização.** 161f. (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Percurso**, Maringá, v.4, n.2, p.149-171, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. Inovação na aula universitária: espaço de pesquisa, construção de conhecimento interdisciplinar, espaço de aprendizagem e tecnologias de comunicação. **Revista do Centro de Ciências da Educação**, v.29, n.2, p.597-620, jul./dez., 2011.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação.** 2. ed. Trad. CAMPANÁRIO, Nicolás Nyimi. São Paulo: Loyola, 2006.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Maceió: EDUFAL, 2002.

MONDINI, Marta Silva Lima. **As tecnologias da informação e comunicação na rede municipal de ensino de Curitiba: um levantamento de políticas públicas educacionais e suas recepções sob a perspectiva dos estudos em ciência, tecnologia e sociedade.** 143f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma educacional emergente.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORAN, José. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, p. 24-26, setembro-outubro 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias-educacao/novtec.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MOURA, Adelina. A web 2.0 e as tecnologias móveis. In: CARVALHO, Ana Amélia A. (Org.). **Manual de Ferramentas da web 2.0 para professores**. Ministério da Educação. Brasília: DGIDC, 2008.

NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995 a.

_____ (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995 b.

_____. Professor se forma na escola. **Nova Escola**, São Paulo, Mai. 2001. Entrevista concedida a Paola Gentile. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-nova?utm_source=gestao+escolar&utm_medium=facebook&utm_campaign=mat%C3%A9ria&utm_content=link>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____. **Revista Educação**. Entrevista concedida a Bruna Bariani, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/avaliacao-docente-deve-ser-feita-coletivamente/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

PABLOS, Juan de. A visão disciplinas no espaço das tecnologias da Informação e Comunicação. In: SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando (Col.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAPERT, Seymour; FREIRE, Paulo. **O futuro da escola**. Diálogo gravado e documentado entre Paulo Freire e Seymour Papert. São Paulo: TV PUC-SP, 1995.

PARANÁ. **O que são políticas públicas**. Disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/pncpr/O_que_sao_PoliticaspUBLICAS.pdf>. Acesso em: 02 de Mar. 2017.

PAULA, Marlúbia Correia de. **Um novo olhar sobre a transposição didática**: o início de uma proposta para o uso das TIC na educação básica. 176f. (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

PENSIN, Daniela Pederiva; NIKOLAI, Dirciane. Inovação e práticas pedagógicas no contexto da Educação Superior. **UNOESC & Ciências** – ACHS, Universidade do Oeste e Santa Catarina, Joaçaba, v.4, n.1, p.31-54, jan./jun., 2013.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. 2. ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PISCHETOLA, Magda. Da crítica à criatividade: olhares sobre o projeto de mídia Educação no Brasil. **Atos de Pesquisa em Educação** – PPGE/ME FURB. Santa Catarina, v.8, n.1, p.386-401, jan/abr. 2013.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n.4, p. 129-148, maio de 2008.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; BOHADANA, Estrella D'Alva Benaion; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos (Org.). **Educação e tecnologia**: parcerias 2.0 (livro eletrônico). Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2013.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de la investigación**. 4. ed. México: MCGraw – Hill, 2006.

SANCHO, Juana Maria. et al. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Edmea. **TV ESCOLA**. Salto para o Futuro. Tema: Tecnologia na Educação, 2016. Programa de televisão. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/salto-para-o-futuro-tecnologias-na-educacao>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

SANTOS, Joelma Cristina; MELO, Maria de Fatima Aranha de Queiroz e. (Re)construindo aprendizagens através da mediação do computador: um relato de experiência. **P@PSICO**, São Paulo, v. 21, n.22, p.141-156, 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

STRATTON, Peter; HAYES, Nicky. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

UCA. Um computador por aluno. **Formação Brasil**: projeto, planejamento das ações/cursos. Brasília: SEEC/MEC, 2009.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento**. São Paulo: NIED - Unicamp, 1999.

VALENTE, José Armando. Pesquisa, Comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (Org.). **Interação das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005.

VOSGERAUM D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOSTKY, Lev Semenovitch. **Obras escogidas**. v. III, Madrid: Visor, 1995.

ZANATTA DA ROS, Silva. **Pedagogia e Mediação em Reuven Feuerstein**: o processo de mudança em adultos com história de deficiência. São Paulo: Plexus, 2002.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MESTRADO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
SETOR DE EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA DE MESTRADO

Convidamos o/a Sr (a) para participar da Pesquisa que está sendo realizada pela mestranda Joyce Cordeiro Heindyk Garcia, sob orientação da Profa. Doutora Nuria Pons Vilardell Camas. A pesquisa se realiza para compreendermos como os professores corregentes utilizam as Tecnologias em sua prática pedagógica.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de responder a este questionário que será analisado para a pesquisa.

Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a pesquisa de mestrado em Educação; Teoria e Prática de Ensino do Setor de educação da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

(Nome completo, assinatura)

Curitiba, ___ de _____ de 20__.

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO

Nome da Escola/Unidade de Ensino: _____

Dados do Profissional

1. Qual sua faixa etária?

- () 18 a 30 anos
 () 31 a 40 anos
 () 41 a 50 anos
 () 51 a 60 anos
 () 61 anos ou mais

2. Há quanto tempo você leciona?

- () menos de 5 anos
 () Entre 6 e 10 anos
 () Entre 11 e 20 anos
 () Mais de 21 anos

3. Há quanto tempo leciona na Rede Municipal de Ensino de Curitiba? _____

4. Quanto tempo você já trabalhou como professor(a) corregente? _____

5. Qual a sua formação acadêmica?

- () Ensino médio
 () Ensino superior. Curso: _____
 () Especialização. Curso: _____
 () Mestrado. Curso: _____
 () Doutorado. Curso: _____

6. Em 2016, na escolha de função, você escolheu trabalhar na função de corregente? Por quê?

- () Sim () Não

7. Qual é a função do professor corregente na escola?

Concepção tecnológica do Professor Corregente

8. Para você, o que é tecnologia? Explique.

9. Quais dessas tecnologias sua ESCOLA dispõe?

- TV Telefone
 Smart TV Fax
 Computadores (desktop) na sala dos professores
 Computadores / laboratório de informática
 Netbooks para os alunos Rádio com entrada MP3
 Microscópio eletrônico Sistema de som nas salas (para avisos)
 Filmadora Microfone
 Caixa de som Máquina fotográfica digital
 Material dourado Jogos diversos
 Alfabeto Móvel Notebook
 Data show (projektor multimídia) Retroprojektor

10. Quais dessas tecnologias você possui em casa?

- computador (desktop) celular simples
 notebook celular com acesso à internet (smartphone)
 netbook tablet
 impressora câmera digital
 pendrive ou cartão de memória
 rádio televisão
 Smart TV Internet banda larga

11. Assinale com um x, quais softwares e aplicativos você utiliza no seu uso pessoal:

TECNOLOGIA	Utilizo bastante	Utilizo às vezes	Raramente utilizo	Nunca utilizei
E-mail				
WhatsApp				
Facebook				
Pesquisa na internet				
Instagram				
Youtube				
Leitura de livros digitais / ebooks				
Participações em fóruns ou chats				
Acesso a revistas científicas / pela Scielo e outros.				
Netflix				
Editores de textos				
Editores de planilhas e gráficos				
Editores de vídeo				
Editores de fotos				
Editores de som				
Editores de slides (apresentação)				

12. Quais tecnologias você costuma utilizar no trabalho como corregente?

- () Livro didático
 () Netbook
 () TV
 () Rádio
 () Com acesso a internet (computador, lousa interativa, Smar TV, *tablet*, netbook, smartphone)
 () Materiais impressos
 () Alfabeto móvel
 () Material dourado
 () Jogos. Quais? _____
 () Outros. Quais? _____

13. Há na escola uma pessoa responsável para preparar o ambiente para o uso dessas tecnologias?

- () Sim. Quem? _____
 () Não.

14. Você já fez algum curso de formação continuada para o uso das tecnologias? Qual?

- () Sim.
 () Não.

15. Em sua opinião, o que deveria ser contemplado num programa de formação continuada por parte da mantenedora, para o uso das tecnologias pelo corregente?

16. Marque com um X sua opinião sobre as afirmativas:

Afirmativas	Concordo/ Na maioria das vezes	Concordo Parcialmente / às vezes	Não Concordo / Nunca
As tecnologias contribuem para a aprendizagem dos alunos.			
O uso das tecnologias contribui para a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.			
As tecnologias disponíveis na escola favorecem a aplicabilidade dos cursos realizados.			
Minhas aulas preveem o uso dos netbooks pelos alunos.			
Planejo aulas utilizando sugestões ou pesquisando na internet.			
Prefiro utilizar os livros didáticos às tecnologias digitais.			

Participo de fóruns ou redes sociais com fins pedagógicos.			
Elaboro slides para uso profissional.			
Produzo filmes para fins pedagógicos.			
Utilizo editores de textos para fins pedagógicos.			
Baixo filme do Youtube ou músicas para minhas aulas.			
Promovo a participação dos alunos em sites de buscas (pesquisas).			
Trabalho com jogos eletrônicos.			
Favoreço o uso do microscópio eletrônico.			
Assisto tutoriais no Youtube.			
Instalo softwares nos computadores.			
Salvo fotos, vídeos e arquivos em pendrive.			
Troco experiências sobre as tecnologias com os pares, no momento em que surge a dúvida.			
Os cursos ofertados pela SME dão conta de estimular os professores a utilizarem as tecnologias na escola.			

17. Você já teve alguma experiência positiva utilizando as tecnologias no trabalho de corregência? Por favor, conte - nos.

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E
 PRÁTICA DE ENSINO
 SETOR DE EDUCAÇÃO



Título da pesquisa: O uso das tecnologias pelos professores corregentes no Município de Curitiba.

Pesquisadora: Joyce Cordeiro Heindyk Garcia

Orientador: Nuria Pons Vilardell Camas

TERMO DE CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA

Eu _____

profissional do magistério da RME de Curitiba, declaro ter sido informado (a), de que estarei participando de forma voluntária desta pesquisa acadêmica cujo objetivo é analisar e compreender como os professores corregentes, do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba, utilizam as tecnologias nas ações pedagógicas, propondo discussões mais aprofundadas sobre a utilização destas tecnologias pelos corregentes.

Declaro estar ciente de que as informações relatadas na entrevista constarão na análise de dados do trabalho e que minha privacidade será garantida. Tenho ciência de que posso retirar o consentimento e deixar de participar desta pesquisa, informando esta decisão à pesquisadora.

Curitiba, ____ de _____ de 2017.

 Joyce Cordeiro Heindyk Garcia – pesquisadora
 joyceheindyk@yahoo.com.br

 Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS CORREGENTES

Sobre a Corregência

- 1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?
- 2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Sobre a concepção de tecnologia

- 3- O que você entende por tecnologia?

Formação continuada para o uso de tecnologias

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?
- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?
- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Uso de tecnologias: pessoal e nas práticas pedagógicas

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?
- 8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?
- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?
- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

APÊNDICE 5 – DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS CORREGENTES

Núcleo A

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

Eu acho que a maior dificuldade é atender as crianças que realmente necessitam de orientação para essas dificuldades e pautar que dificuldades são essas., então, porque a gente trabalha em sala de aula junto com o professor, então você trabalha no conjunto mas a individualidade de cada um, o que ele necessita de fato.

É um trabalho que se faz paralelo com o professor, desde o planejamento a atividade em sala de aula, mas é um trabalho que você vai atuar com crianças com dificuldade, então na verdade tu vai atender os que têm de fato necessidade e dificuldade.

A falta de professores no dia-a-dia faz com que a gente substitua o que às vezes dificulta o trabalho do corregente mesmo.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Escolhi a função de corregente na intenção de trabalhar o corregente com as tecnologias, que bate com sua pesquisa. Eu escolhi assim para trabalhar com a sala, nós temos uma sala de multimídia e um laboratório de informática, então a minha intenção seria trabalhar corregência com os alunos dentro dessas tecnologias.

3- O que você entende por tecnologia?

Eu compreendo assim - tecnologia são todos os instrumentos que a humanidade se utiliza pra trabalhar, pra utilizar, por exemplo: o computador é uma tecnologia, o livro, o caderno, o lápis, então é um conjunto de instrumentos que o homem criou, foi se aperfeiçoando, então tem as novas tecnologias que são telefone, computador, mas tem as tecnologias também que são mais antigas, que a gente utiliza em sala de aula ou não utiliza, estão disponíveis.

4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Olha sobre tecnologias poucos, apesar que eu tenho mestrado na linha de tecnologias, mas assim, referentes à tecnologias, alguns ofertados pela rede municipal.

Uso dos netbooks em sala de aula, aí eu tô fazendo sobre a página também da Cidade do Conhecimento, que eu alimento a página, sou responsável juntamente com a diretora em alimentar a página, deixa eu ver... eu acho que só esses cursos, não mais outros.

5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Por exemplo o do uso dos nets, que a gente pode utilizar os conteúdos que têm, não são muitos, mas tem conteúdos dentro dele que são aproveitáveis que a gente pode relacionar com os componentes curriculares da turma que se está trabalhando, por exemplo: amanhã eu vou utilizar em uma turma lateralidade, então lá tem um jogo sobre lateralidade que eu vou utilizar com eles pra reforçar esse conteúdo que é sobre lateralidade, espaço, no terceiro ano.

Foi através do curso que teve esse direcionamento de que conteúdos eu posso aproveitar trabalhando como corregente, no caso agora que eu vou adequar como corregente, antigamente eu não era corregente. Mas como eu posso utilizar desses recursos pra trabalhar com crianças que tem dificuldades.

6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Já apliquei, eu acho assim que toda aprendizagem, todo curso é muito válido, por mais que às vezes os cursos são curtos, mas assim, algumas coisas que são pontuadas nos cursos a gente aproveita, sempre como uso, que diferença posso fazer além do livro e do caderno que outros materiais eu posso utilizar pra que a criança aprenda? Não somente com livro didático ou com aula expositiva; através de jogos, através de imagens, através de fotos, como eu posso relacionar esse conteúdo, porque nós vivemos numa cultura contemporânea muito diferente da que nós fomos formados, então as crianças, elas aprendem também de maneira diferente do que a gente aprendeu. Então a gente precisa inserir novas atividades, novos recursos pra que ela também aprenda.

7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

Na minha prática pedagógica eu utilizo o celular, utilizo computador, utilizo livros, livros didáticos, utilizo... acesso a página da Cidade do Conhecimento pra ter acesso aos componentes curriculares. Então acho que são várias práticas que eu preciso desenvolver pra preparar a minha aula e através dessas práticas eu uso diferentes materiais. Em casa, na escola, nós temos o tempo, a permanência que é o momento que eu posso sentar e preparar de fato, em casa pesquiso, leio. Eu acho que a leitura também é um ponto fundamental pro professor se atualizando, ir melhorando a prática.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Eu acho que uma das maiores dificuldades é o acesso que a gente tem, que a gente às vezes a gente não tem internet adequada. E, vou falar da minha escola então, não temos internet adequada, os materiais são antigos e não são... não tem muita manutenção, porque a gente solicita um técnico de fora que venha pra escola, mas nem tudo ele pode ficar também arrumando e mexendo. Então essa questão mesmo material, é a questão de manutenção, de acesso, acho que essa é uma das maiores dificuldades pra se trabalhar.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na correção? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Já cheguei a utilizar. Com os 5º anos por exemplo, eu trabalhei com eles com autorretrato, então nós fomos para o laboratório de informática, trabalhamos com o computador, tiramos foto, colocamos a foto na caixa de texto, construímos o texto com eles. A maior dificuldade eu acho que é essa questão de... é a questão técnica mesmo, porque a questão pedagógica eu até consigo trabalhar com eles, mas a questão técnica é a mais difícil. Então o professor além de saber dá aula, ele precisa também ter noção das tecnologias como física né? Tem que saber dominar a máquina, então essa é uma questão que falta, eu acho que a minha maior dificuldade foi essa.

Apesar que é a pouco tempo que eu estou atuando, eu vejo avanço sim, eles tem bastante interesse quando se trata de trabalhar uma outra forma além do caderno e do livro que no caso é digitando, e eles gostam e assim, eles se interessam em produzir. Então a gente tem acesso, por exemplo, tá digitando, tenho dúvida em uma palavra, eu dizia: - vamos consultar o dicionário, mesmo no computador a gente tem acesso ao dicionário, então já vamos consultar se tá, se a palavra tá correta ou não está. Então a criança ela tem essa possibilidade, ela consegue fazer isso, então, eu acho que isso é um grande avanço também pra criança perceber que ela tem ajuda, que ela consegue nessa ajuda quando ela precisa. E eles tem conhecimento e facilidade também pra lidar, por exemplo como o computador, por que a maioria dos que fazem atendimento não sabem ler, mas no computador eles conseguem encontrar as letras no teclado, eles conseguem acessar links, então eles tem essa facilidade com o uso das tecnologias, mesmo não sabendo ler eles vão dando, vão te dando resposta.

- 10- Você considera que o sistema de correção atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Eu acho que parcialmente. Porque são muitas crianças com muitas dificuldades, então, e o correte ele não fica o tempo todo em sala de aula, então ele até certo ponto ele dá conta mas, totalmente eu acho que é difícil você conseguir trabalhar com a criança que tem dificuldades mas, as vezes as dificuldades dela não é só na leitura, é no raciocínio e é em outras questões ligadas a noção espacial, então eu acho que poderia se ter talvez, não sei se algumas escolas tem no contraturno uma outra atividade pra reforçar essas crianças que tem bastante dificuldade, mas eu acho que também o correte ele faz, na medida do possível o trabalho que ele consegue... não sei.

A orientação que a gente tem é assim: que o correte atenda em sala de aula junto com a turma, que não retire da sala, então você atender em sala de aula o individual dele, não é fácil também né? Porque ele tem a dispersão que os outros estão conversando, os outros estão falando. Agora atender no individual separado, seria outra questão né? Talvez a criança se concentraria mais né?

- 11- Como trabalhar a tecnologia na correção com os demais alunos?

Eu no caso retirei de sala e fui para o laboratório de informática, para poder... é em grupos pequenos, não no individual, mas em grupos pequenos retirando e trabalhando, senão não, não há condições de efetuar o trabalho.

Núcleo B

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

Então, o pouco tempo que a gente tem pra interferir no trabalho específico que aquela criança necessita ... tendo em vista que a gente não pode interferir no trabalho, no planejamento do professor, cuidando pra não interferir também na aprendizagem das outras crianças que de repente estão no nível mais avançado e a questão da organização do tempo e do espaço. Em sala de aula o trabalho fica mais difícil, o nosso espaço é pequeno. Esses alunos não são tirados para fora da sala, em virtude do espaço também e pra não prejudicar a aula que eles teriam com a professora regente, esse é um dos agravantes, uma das dificuldades que a gente vê no trabalho da corregente, uma pouca permissividade pra interferir no trabalho específico de cada criança.

É pouco tempo pra atender os alunos na sua dificuldade, eles precisavam de um trabalho, eles precisavam de um trabalho bem específico, de repente até um reforço no contra turno, coisa que muitas vezes a gente não tem condições de ofertar.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Escolhi justamente pra, como eu trabalho, tenho dois padrões pela prefeitura, então em um padrão eu gosto de ficar na regência, atendendo as especificidades da turma e no outro padrão eu gosto de atender uma turma de corregência, justamente pra trabalhar também com essas crianças com mais dificuldade, que precisam mais do apoio. É um trabalho diferenciado.

Digamos assim, que a responsabilidade do professor regente acaba sendo muito maior, ele que vai ter o contato com os pais, ele que vai se responsabilizar pela avaliação direta e atendimento as famílias. O corregente já tem um trabalho digamos assim, mais específico, mais voltado ao aluno, não atende essa parte da família em si, é... e pode interferir de uma maneira diferenciada com essas crianças.

3- O que você entende por tecnologia?

Tecnologia seriam todas as coisas, os objetos, os meios que o homem cria pra melhorar o seu dia a dia, pro seu conforto, pro seu bem estar. Por exemplo, a invenção da caneta esferográfica, anos atrás foi uma tecnologia, hoje pra nós é algo habitual, usual. É... o rádio quando ele foi criando, foi inventado era tecnologia de ponta pra época, hoje, é prá nós um acessório, algo a mais, então acredito que seja todos os meios, os materiais, os objetos que o homem cria pra facilitar o seu dia a dia.

4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Já participei em cursos da prefeitura mesmo, cursos voltados pra tecnologia em sala de aula. Ele é mais voltado pra parte dos computadores, o uso da internet em sala de aula, dos nets. Como enriquecer o trabalho pedagógico das escolas usando essas tecnologias.

5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Eu acho que foi uma grande reflexão sobre toda tecnologia presente hoje no dia a dia, e que muitas vezes a gente passa despercebido, são materiais que, de fácil acesso, que os alunos tem, a maioria das famílias tem, as escolas tem e muitas vezes os professores acabam deixando de lado, acabam não usando.

6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Já, especificamente nesse curso que eu relatei nós fizemos um planejamento de, cerca de um mês de aula contemplando o uso das tecnologias, o uso da internet, o uso das fotos, foi todo um planejamento voltado pro uso das tecnologias em sala de aula com as crianças.

7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

A tecnologia mais utilizada é a internet. Porém as escolas municipais estão com uma internet com sinal muito fraquinho. Então muitas vezes a gente tem que pesquisar em casa, trazer o material já pronto de casa pra poder trabalhar aqui. Então a tecnologia seria, é, digamos assim, que a internet seria o carro chefe, e aí que a gente pesquisa sobre alguns vídeos, algumas fotos, alguns materiais que tornam a aula mais rica, mais significativa pra criança.

Em casa pesquiso muitas vezes, até vídeo sobre, agora por exemplo, estamos trabalhando sobre o aniversário de Curitiba, então tem vídeos interessantes, fotos interessantes dos pontos turísticos porém nossa internet não dá conta de baixar esses vídeos, então a gente acaba fazendo esse serviço em casa, trazendo já pronto né, gravando num pendrive pra poder reproduzir pros alunos, então se tivesse um sinal melhor na escola, facilitaria muito o nosso trabalho.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Então a internet é um dos pontos, até poucos materiais né, até então a gente tinha dois data shows na escola, hoje estamos sem nenhum. Um foi roubado, o outro está no conserto, por enquanto não temos previsão de receber o material, então no momento sem data show. É ... o computador, muitas vezes tem que trazer de casa pra poder reproduzir no data show em uma sala de aula ... seriam assim os principais que a gente sente falta. O laboratório está funcionando, sempre que a gente solicita o ICI vem e faz o reparo das máquinas então, quando a isso estão funcionando, porém, o equipamento que a gente tem é muito antigo, então, talvez um dos motivos da internet ser tão fraca, o próprio equipamento não dá conta de receber um sinal melhor. É ... os netbooks, a escola tem o armário com os 40 netbooks, hoje acho que temos uns 34 funcionando e mesmo assim nós recebemos esses equipamentos em 2013, 2014, então as baterias já não estão segurando mais a carga, é um equipamento que não tem manutenção, então aos poucos vai se deteriorando, agrava a situação.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Então, eu gosto muito de trabalhar com esses alunos na informática, até a nossa escola tem uma organização diferenciada em que uma vez por semana, a gente retira esse aluno da sala, eu recebo um grupo de 15 alunos, metade da turma, durante uma aula nós ficamos no laboratório de informática fazendo atividades, principalmente, o foco principal é Língua Portuguesa e Matemática. Então são atividades que as crianças gostam muito de fazer né, por ser uma atividade que chama atenção, tem o colorido, tem a música, é um jogo, é uma disputa, pra eles isso é significativo, é importante. Então eles se empenham pra desempenhar, pra resolver a atividade e eles gostam muito, então é um, digamos assim, uma atividade que reforça o que eles estão aprendendo em sala de aula e facilita muito a aprendizagem, porque a criança tem vontade de fazer, o interesse dela é muito grande pela tecnologia. Então a cada, toda semana eu recebo esse grupo, primeira uma aula eu recebo metade da turma, são 15 alunos, na segunda aula vem o restante da turma, os outros 15. Toda semana eles tem esses 50 minutos de aula de informática, que vai reforçar a aprendizagem que eles tem em sala de aula com a professora regente. Essas atividades na informática são planejadas também, como já disse, o foco principal é em Língua Portuguesa e Matemática. Mas, quando a professora regente solicita, a gente trabalha também com uma pesquisa de História, de Geografia, Ciências tem muitos materiais interessantes também, então dependendo do planejamento da professora regente, e da corregente a gente faz esse trabalho.

- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

A escola busca ofertar o melhor atendimento possível, mas claro que não dá pra dizer que dá conta né. Em função de vários agravantes aí, em função do tempo, em função da organização do espaço né, o ideal de repente seria ter um horário de contra turno que atenda essas crianças na sua especificidade, coisa que hoje nós não temos. É ... e mesmo o trabalho da professora regente em sala e da corregente é um trabalho muito curto. Se a gente avaliar o tempo que a criança tem em sala de aula, principalmente com as atividades de Língua Portuguesa e Matemática, é um tempo muito curtinho né, tem muita coisa pra dar conta, muitos projetos, muitas disciplinas né, componentes curriculares né, muitos conteúdos, então o tempo é muito curto. Essa organização poderia ser diferenciada, a gente poderia atender alunos no contraturno, facilitaria bastante, e daria uma oportunidade a mais para esse aluno que está com dificuldade na aprendizagem.

Núcleo C

- 1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

A primeira dificuldade hoje, que eu vejo no trabalho de corregência é com relação ao tempo de permanência que a gente fica na sala ou nas salas de aula que teoricamente somos corregentes, por

conta das várias faltas que existem hoje na escola, não existe um substituto, um professor substituto ou seja é o professor corregente que deve ir para as salas quando existe as faltas, neste caso isso dificulta muito o trabalho porque se você faz o planejamento na sua hora- atividade, no seu dia de permanência com, em parceria com a professora regente, automaticamente você está ali disposta a desenvolver o trabalho com ela, e quando você chega na sala de aula, que você quer realmente de fato fazer esse trabalho, nós temos que sair porque um profissional seja ele por qualquer motivo, justificado ou não justificado se ausentou, então nós não temos condições de desenvolver o trabalho planejado na permanência.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Não, eu estava na verdade em processo de convênio no Estado e o Estado do Paraná cortou esse convênio, então, nós somos redirecionados para as vagas que sobraram no começo do ano, então essa é uma vaga que sobraram, automaticamente quando eu cheguei na escola, era a função que estava disponível. Porém, entretanto, eu gosto muito de trabalhar como corregente, porque eu gosto dessa parceria de auxiliar a professora. Então, na verdade, não foi ruim para mim, ao contrário, eu gosto muito dessa função, eu acredito que tenho perfil também para esse tipo de trabalho.

3- O que você entende por tecnologia?

Tecnologia para mim são, é todo um processo que ajuda o aluno, a pessoa, no seu desenvolvimento na sociedade. Uma caneta é uma tecnologia, um papel é uma tecnologia, um computador é uma tecnologia, então nesse sentido, tecnologia é tudo o que pode ajudar o ser humano, ou né, a sua sobrevivência ali no decorrer de tudo o que ele precisa.

4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Então, uma das minhas pós é em tecnologias educacionais, minha primeira pós eu me formei na PUC em tecnologias educacionais.

Quando eu estava na prefeitura alguns anos atrás, eu participei, eu trabalhei com o Jornal Extra-Extra, eu trabalhei, eu fui professora de laboratório de informática alguns anos atrás, então eu sempre tô atendida nessas questões de tecnologia.

5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Eu acho que o chamar a importância da tecnologia para esse processo educacional né, e como essas ferramentas podem ajudar no teu dia a dia, seja ela fora da escola ou na área educacional, o que a gente pode fazer para ajudar é, as diferentes tecnologias no ambiente escolar mesmo.

6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Eu já, já. Já ensinei os alunos, inclusive quando eu trabalhava com EJA, ferramentas de email por meio de escrita. Então a gente tava no processo de alfabetização, eu consegui fazer com que eles abrissem

suas contas de email. Trabalhei alfabetização, pequenos textos para que eles mandassem uns para os outros, é, no próprio laboratório, jogos de alfabetização pra criança com dificuldade, tudo isso aliado com o planejamento diário. Isso não era todos os dias, mas o planejamento em sala de aula, o apoio também a tecnologia fazendo seu papel ali no ensino – aprendizagem.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

Então, hoje em dia a gente utiliza de diversas né, porque a minha concepção de tecnologia é tudo que a gente tem, então na verdade, tudo que está ao meu alcance, que é disponibilizado para eu fazer o planejamento, eu utilizo né, é o computador, é o rádio, como é que eu posso utilizar o pendrive ali no rádio pra fazer, é, que as vezes é melhor o pendrive do que o CD, então, avança a tecnologia ótimo, vamos vamos aprender, vamos fazer, vai fazer a diferença porque pra mim é mais prático, pegar, pesquisar da internet pra mim é muito mais prático. Hoje é... é muito mais fácil o acesso ao conhecimento ou até a própria prática pedagógica pela internet do que algum tempo atrás. Então, se a gente usava o livro muito mais alguns anos atrás, hoje a gente usa diversas, o livro, mas o livro digital porque hoje está mais democrático o acesso ao conhecimento. Baixa livro, baixa atividade, você tem uma série ali de ferramentas que você pode tá, tá te auxiliando.

- 8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Como eu sou nova eu não tive acesso ainda a todas as formas de tecnologia e aqui a escola ela tem vários laboratórios e já tem as pessoas específicas, tem os horários específicos, então, eu pessoa ainda profissional, não me ambientei ainda a onde eu posso ir e onde eu posso entrar e usar, quais são os horários, então eu ainda estou em processo de ambientação ainda, está sendo um pouquinho, que eu acabei de chegar, então eu não ainda total ciência do que eu posso e do que não posso fazer na escola. Tem um laboratório aqui e por causa do CEI tem um laboratório lá no CEI. Tem um professor lá que usa pra aula de ... esqueci o nome da aula, então eu tenho um laboratório grande lá de computador também que eles usam lá no período integral.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

É, na verdade assim, nesse momento eu ainda não iniciei o trabalho com tecnologias, computador, rádio, porque eu tenho muito pouco tempo na corregência aqui e a gente substitui demais as professoras, as docentes. Uma sugestão que eu daria para a prefeitura é ter profissionais para substituição nas salas. Há, enquanto ele não, se todos os profissionais estão em sala de aula ótimo, ele desenvolve o trabalho de apoio, mas, que ele saiba que ele é um professor substituto, porque se não tivesse esse trabalho, esse tipo de profissional, a corregência em sala de aula ela quebra muito, e a corregência é um trabalho de parceria entre a professora regente e a professora corregente e se não houver esse tempo adequado para a parceria se concretizar o aluno sai perdendo né. A gente planeja,

chega na hora a gente não consegue dar conta do conteúdo porque eu não estou lá com o aluno pra fazer o apoio que ele precisa. Eu tenho hoje os alunos com laudo, a temos vários alunos com laudo, a gente pega esses alunos de laudo, mas eu estou no meio do caminho com eles, eu estou trabalhando, de repente eu tenho que parar tudo o que eu estou fazendo porque eu tenho que substituir um docente. Então a minha sugestão é: deveríamos ter profissionais para isso, o profissional sabe que ele veio para a escola com a função de substituição. Há, mas nesse dia não faltou ninguém, ótimo, então ele vai fazer um trabalho de apoio, ele vai fazer uma função que também é determinado nesse sentido, mas, porque eu não consigo, eu ainda não tive tempo de sentar, usar aqui na escola alguma tecnologia, assistir alguma coisa pra que eu pudesse me ajudar nesse processo de aprendizagem do aluno.

Outra experiência – no laboratório de informática eu sempre usei com os alunos sites variados de acesso, de joguinhos educativos mesmo, de alfabetização, né eu sempre trabalhei nessa questão dos alunos com dificuldade ali que não entende ainda o processo de escrita, então eu levo tanto o processo de escrita, quanto ao trabalho na internet, no computador. Os softwares na época, a prefeitura tinha convênio ainda com outras empresas, então, eles disponibilizavam softwares para a gente poder estar trabalhando com os alunos; as mesas interativas que as escolas tinham, a gente usava as mesas interativas pra poder fazer o trabalho com os alunos, então tudo isso eu trabalhei com eles.

10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Eu acredito que não, ela deveria ser revista, por conta que a proposta que a corregência interaja com os alunos, com a professora em sala de aula, é muito restritivo uma vez que se você pega os alunos com dificuldades é porque ele já tem algum ponto divergente das outras crianças, seja um laudo por déficit de atenção, um autismo e esses alunos eles agem de forma diferente na sala de aula e muitas vezes ele precisa de um atendimento diferenciado fora da sala de aula pra que eles possam se concentrar, pra que eles possam desenvolver uma atividade paralela mesmo sendo do mesmo conteúdo, e na sala de aula com a quantidade de alunos que nós temos, é, se torna muitas vezes muito dificultoso, porque o aluno não consegue de fato se concentrar, e não consegue ter a aprendizagem suficiente que ele deveria ter.

Eu acredito assim que nós deveríamos ter um ambiente específico, um ambiente de aprendizagem mesmo, como se fosse hoje em dia, que nós chamamos das salas de apoio, das salas de educação especial. Lá na Classe especial você tem um quadro, você tem um computador, você tem diversas ferramentas, você tem os blocos lógicos, você tem uma série de ferramentas que se o aluno não aprende da forma tradicional na sala de aula, ele tem acesso ao conhecimento de uma outra maneira, de uma outra forma metodológica, seja ela por um bloco, seja ele por computador, por um software, seja ele pelo quadro que ele vai ter acesso ali, que não consegue fazer a sua grafia corretamente, ele vai ajudar ali a professora no processo de alfabetização, que seja um ambiente mais propício, que ele entenda que ele faz parte da escola, porque muitas vezes esses alunos eles até por terem dificuldades, eles se sentem diferentes, eles se sentem excluídos e a gente como profissional, a gente tem que saber que esses alunos fazem parte e eles também tem que se sentir parte. E eu acho que a escola peca muito nisso, porque esses alunos eles são diferentes, muitas vezes eles dão trabalho em sala de aula

e a professora não consegue dar conta de uma sala inteira com alguns alunos que são é, tem algumas dificuldades e eles não se sentem parte, então nesse sentido a escola precisa aprender a acolher mais esses alunos, eu não estou dizendo a escola hoje profissionais, mas a escola como estrutura, ela deveria ter uma estrutura também para esses alunos que não são de classe especial, não precisam de classe especial, não tem uma dificuldade severa ou que precise disso, mas, ao mesmo tempo, aquela sala fosse usada por todos os profissionais que tivesse um trabalho diferenciado de correção por exemplo na escola.

Núcleo D

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de correção?

É... o trabalho em equipe, eu acredito que a correção tem que ser em equipe né, as duas professoras juntas e é difícil você encontrar parceira que queira dividir o seu espaço (riso). É uma das dificuldades, que eu vejo assim que é difícil né, porque pra funcionar tem que ser uma equipe, tem que ser duas né, e muitas vezes também o professor, ele não vê só a questão da dificuldade pedagógica do aluno né, mas sim também a questão de disciplina. Então quando você vai trabalhar a correção, você tem que ver realmente se o aluno necessita da correção enquanto aprendizado ou se tá faltando limite, alguma coisa assim, que as vezes é confundido e o aluno sai de sala de aula pra alguns instantes né. Aqui na escola eu vim pra cá esse ano e aqui eu estou com turma, mas eu já trabalhei assim mais de 5 anos com correção, então são coisas que eu vi que na prática, tem que se tomar muito cuidado com isso. Mas é um trabalho válido, acho que quando funciona e você não, mas é assim, a escola tem que funcionar num todo, se você ficar só substituindo né, ver a correção como uma substituta aí não tem como não.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Escolhi não nessa escola, é que de manhã eu trabalho no ..., só que lá eu trabalho na UEI, a educação integral, mas lá aí não funciona como correção, são as práticas, mas até... eu trabalhei desde ... se acredita que desde 2008 pra cá, vários anos como correção.

O que me levou a escolher, há são vários fatores né que levam a gente escolher, mas a questão de você trabalhar com um número menor de alunos muitas vezes, e você dar aquela atenção especial, aquele olhar diferente pro aluno né, eu acho que faz a diferença.

3- O que você entende por tecnologia?

Ai, pra te falar a verdade eu vou ser bem sincera, faz algum tempo que eu não faço nenhum curso assim específico né.

A tecnologia ... que está aí a nosso favor né, principalmente o que a gente mais usa, que já vou falar assim né, o computador né, o rádio a gente ainda usa né, pra algumas práticas de música né, historinhas né, vídeos né, tem alguns vídeos aí que a gente usa bastante. Com questão de jogos né,

joguinhos pra aprendizagem até um vídeo ou outro que você usa até como interpretação né, a interpretação oral do desenho, do filme ou né acrescenta bastante isso, na prática também como pesquisa né, na prática enquanto você profissional pra pesquisa mesmo né.

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Não, específico não. Já assisti uma palestra na SEP a uns dois anos atrás, mas o curso realmente não fiz. Fiz assim já a muito tempo, quando foi implantado os laboratórios de informática na rede aí a gente passou por curso e tal né, mas já a muito tempo atrás né.

- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

No início quando foi montado o laboratório, então a gente teve o curso realmente né, mas assim o básico que a gente já sabia, que é a questão né de word, de powerpoint, são programas básicos que a gente acaba usando mais frequentemente né.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

Computador, mas pra questão de pesquisa e pra você às vezes é... mais pra pesquisa e pra montar uma atividade ou outra.

- 8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Na escola é... aqui até tem né, mas assim a questão de tempo mesmo né, as vezes porque você acaba usando mais em casa mesmo. Com o aluno tem a sala de multimídia, tem a sala de informática né, mas há, esse ano aqui eu ainda não utilizei.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Já. Olha, ele tem que ser disciplina né porquê e tem que ter um direcionamento né, um planejamento porque, pra usar no caso o laboratório, tem que ter um direcionamento, é difícil porque eles encaram ainda, no caso o computador, o notebook como joguinhos simplesmente né. Então é difícil, daí você tem que ter um planejamento bem feito, bem organizado né pra conseguir trabalhar porque, a criançada, eles querem a diversão né. Na corregência eu já utilizei, mas já faz alguns anos também, que tinha antes um programa antigo que a gente usava né, com jogos pra alfabetização é, que tem

como se usar e é bastante válido né. Daí tirava um grupo de cada vez pra sala de informática né, pro laboratório.

- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

... Eu acho que dá, dependendo do grau da dificuldade do aluno né, eu acho que dá, se bem trabalhado né, se bem trabalhado, bem respeitado os horários né, certinho dá conta sim. Se for um trabalho em equipe, consciente né, e respeitando o horário dá, acredito que dá.

Núcleo E

- 1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

É... substituição né, a gente vem pra escola preparado pra pegar determinado aluno, aí falta professor, a gente tem que substituir. E é assim de vez em quando, veja hoje de manhã, eu substitui Ensino Religioso, aí depois Ciências; então tudo aquilo que você planeja pra, pro teu aluno lá fica né, você tem que pegar ou é Arte, ou é Ciências, até Educação Física, esse é um dos grandes problemas que nós temos na prefeitura hoje em dia.

Os problemas, local né, não se tem um local pra corregência, a corregência deve ser em sala de aula, mas na minha opinião como trabalhar em sala de aula com uma criança que não tá alfabetizada ainda? Como é que eu vou trabalhar com um grupinho de 5 o conteúdo que a professora tá trabalhando, como é que eu vou trabalhar em sala de aula se a criança não sabe nem o alfabeto. Então eu acho assim, que seria necessário um espaço né, um ambiente alfabetizador, que a prefeitura cobra tanto isso mas não existe.

- 2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Não, eu escolhi Ciências. Só que Ciências tá né, junto né, aquela coisa assim, junto entre aspas né, a pessoa que pega Ciências tem que pegar uma corregência da turma que está dando aula. Mas, eu acho que na minha opinião seria certo, eu já falei aqui na escola, seria professor de Ciências e professor de corregências. Daí a professora de corregência ela vai preparar material só pra aquilo né, a função dela é a corregência. Se ela for substituir, ela não está de repente perdendo Ciências ali, agora de repente eu tenho que planejar Ciências, eu tenho que planejar corregência e ainda planejar outras áreas né que eu substituo. Então esse é um grande problema mesmo, do espaço né.

- 3- O que você entende por tecnologia?

Alguma coisa que venha né, a modernidade que vem ajudar a gente em sala de aula. Mas eu acho assim que existe né, existe as escolas particulares, porque a prefeitura fala, fala, mas não existe. Que nem, agora entra ali né, os computadores que nós temos aqui, não sei o nome daquilo ali... os netbooks

que foram mandados aqui pra escola nem sei que ano, de repente não é usado né, não é usado porque a prefeitura não oferece mais curso, não sei se parou de oferecer. Daí até as professoras que estão na corregência tem vontade, mas, eles parecem que só funcionam com uma, uma senha.

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Não. O que a prefeitura oferece na minha área de Ciências né, cursos na minha área. É corregência é aquela coisa, é uma reunião que você tem no ano e a escola que se vire né.

- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Você veja Ciências, Ciências eu uso, mas eu uso o meu computador, o meu notebook, o meu celular pra alguma coisa que eu vou passando pra eles, material meu, porque a prefeitura não oferece. No curso tem sites muito bom né, na área de Ciências, por isso que a pessoa que pega uma área ela tem que se especializar naquilo, não é só de repente dar uma aulinha lá de, o conteúdo, o texto no quadro tem que..., a prefeitura nesse sentido oferece site né, eles te dão assim muitas ideias pra você trabalhar, mas é você que tem que ir atrás.

- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Eu sempre uso. Que nem agora eu estou usando, a gente está trabalhando o ambiente, eu tô... a gente sempre coloca uma musiquinha, a nossa aula sempre com uma musiquinha de fundo né, pra deixar, da natureza, uma coisa bem calma sabe, isso é interessante, uma coisa diferente, eles não estão acostumados com isso, eles estão acostumados com a agitação né, de repente você coloca uma musiquinha ali né, essa é uma coisa bem interessante. Vi em curso, mas a escola não oferece nem rádio, não tem rádio também, a falta de dinheiro também né as escolas enfrentam.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

É o que eu te falei né, o computador né, o computador e também nós temos aqui na escola como aquele negócio, aquela telona lá que tem story bards, não... sabe aquelas telonas que você liga em cima? Isso, a lousa digital, mas é outro nome que tem né. Nós temos aqui na escola, mas o problema é você agendar de aí é muito procurado né. Aí também é, tem a sala de informática mas também os computadores estão sucateados né, que de repente a prefeitura mandou mas que roubaram né, entre a escola e também a falta de manutenção tá lá, tudo sucata né.

Em casa com certeza, a gente pesquisa um monte de site, que nem imprimir, imprimir você imprime em casa e traz né, porque aqui você precisa passar pela assinatura de uma pedagoga, nem sempre ela está aí entendeu? Então você tem que trazer já tudo preparado senão você perde muito tempo, acaba tua aula você acaba não né, não atingindo. Também essa história de não ter computador na escola,

ter tem computador né, mas ou seja são 50 professores aqui né, se tiver lá uns dois funcionando é muito pouco, então muita coisa tem que trazer de casa, se deixar pra uma permanência, uma janela você fazer aqui, você não faz.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

È isso né, a falta de material né, a falta de material na escola. Eu acho assim, se a prefeitura adquirisse mais né, de repente fala, fala, fala mas não tem né, tinha que ter, você abrir o armário e ter muita coisa, do curso que você fez, ou você vai lá fazer uma pesquisa e vê um material diferente, você vai lá. Até EVA, EVA e poder fazer o coelhinho lá, devia ter um EVA mais bonitinho né, mas não, só tem esse daqui, de repente amassado é o que tem e a escola oferece. (Obs: a professora estava recortando coelhinhos de EVA para a páscoa no momento da entrevista).

Tem os nets mas é aquela coisa, os nets ai são bem antigos né, acho que nem sei se funciona mais. Até esses dias entrou ladrão aqui na escola, acho que nas férias, roubaram alguns, daí encontraram no bosque. Daí que eles tem o número né, daí a guarda viu o número, passou pras escolas daí viram que era daqui. Esse problema de muito roubo, esse é o problema, a escola tem, compra o material bom daí vem né. Os nets pra você usar tem que ter um curso e ter uma senha, eu não fiz esse curso não sei, mas pelo que eu ouvi falar é isso, tem que ter uma senha, então você só consegue entrar com a tua senha, daí esses professores de repente, com essa troca de professor né, que é bastante na rede também né, quando você entra na prefeitura, te jogam aqui pro (regional) aí quando você consegue uma vaga mais perto da tua casa você vai né, aí esses professores vão e acaba vindo outros e daí a prefeitura não está oferecendo agora, que eu saiba não está oferecendo mais, não sei o que eles vão fazer com esses computador, dá até dó né, o quanto de dinheiro não foi investido ali né.

9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Então eu até queria usar mais né, até queria, mas que nem eu te falei, você pega o aluno pra corregência, vem e chamam você pra substituir, daí aquela coisa você acaba nem pensando na corregência, deixa por último a corregência. Há hoje tem corregência, daí você pega o que você tem ali e daí acaba não né, não investindo tanto por falta também de um ambiente né, que essa sala aqui que eu tô é, se chegar uma Educação Física aqui, se chegar, tem aula de música aqui eu tenho que sair, então eu trago o aluno aqui quando não tem, quando não está sendo usada. E eu acho importante tirar o aluno que nem eu te falei, acho importante tirar de sala de aula por que não adianta nada, se o aluno não tá alfabetizado não adianta eu querer ficar na sala querendo trabalhar um texto, quando a professora trabalhou um texto de Curitiba, eu pegar, eu posso até pegar a palavra Curitiba, pegar o alfabeto móvel, posso fazer tudo isso, mas eu acho se a criança não sabe o nome da letra não adianta.

10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Na minha opinião não. Eu acho assim que... eu sinto que a prefeitura, não sei se a prefeitura, se são os núcleos, não sei quem, tinham que ouvir mais as pessoas que trabalham com isso, que daí vem uma pedagoga e diz assim: a não tem que ser assim. Mas, essa pedagoga trabalhou já com aluno assim, ela sabe, então acho assim que tem que ouvir primeiro o professor, quem tá ali com o aluno é ele quem sabe se está dando certo, vai ficar nessa sala, se não está dando certo, se o material que eu estou usando está sendo bom. De repente você me oferece um material e pode ser que não seja, quem tá com o aluno sou eu, então eu sinto assim que a gente não é ouvido, infelizmente. É aquela coisa, você faz o que você pode, só que a gente fica aquela coisa, aquela angústia né, que poderia ter feito melhor né, mas não tem como, a gente faz o que a gente pode né. Eu acho que deveria ter uma sala, uma sala, um ambiente alfabetizador, onde tivesse muitos jogos nessa sala, um ambiente colorido, com alfabeto bem né, aquela coisa, eu imagino aquela coisa, ou olho aqui e vejo aquela coisa maravilhosa! Uma música, vamos cantar? Porque não adianta de repente eu ficar mostrando o A, B, C. Eu teria que de repente contornar, passar eles passarem por cima, canta, pegá, talvez come né, vamos come, fazer um bolinho lá com a letra A, letra B, come. Eu acho assim, dessa forma eles estão interagindo com o alfabeto, eles estão aprendendo agora da forma que é, você fica ali, fica ali, pergunta daqui na outra aula o, que nem hoje de manhã eu dei um quadrinho pra eles estudarem em casa o alfabeto que eu ia tomar leitura, vou tomar leitura na próxima aula. Eu tenho certeza que aquilo vai ficar ali, porque de repente aquilo não é interessante, é num papel qualquer, de repente se tivesse trabalhado alguma coisa na sala, nesse ambiente que eu te falei, uma coisa diferente, que a sala me proporcionasse isso, que nem eu tô aqui, a não você pode trabalhar aqui, tá eu posso colocar uma música aqui, mas se de repente vem alguém usar a sala, eu tenho que desligar né, tudo aqui que eu programei eu tenho que, a (nome da entrevistada) faltou professora você tem que lá substituir, então o trabalho fica perdido né, fica aquela coisa, é o que tem pro momento, isso aqui. Eu tiro os alunos, por enquanto está dando pra tirar, só que de manhã, hoje já, tem várias professoras que estão fazendo cirurgia, uma tá com problema de depressão, cirurgia, então quatro professoras assim, então eu não tinha substituído ainda, hoje de manhã eu comecei a substituir, então provavelmente a tarde não sei como está, mas provavelmente agora, de manhã vai ser assim, bom tempo até, alguém vai querer agora em Abril? É difícil professora que está esperando até Abril pra pegar né, pra pegar uma escola. Então vai ficar sem professor talvez até junho né, até depois das férias. Quem perde? O aluno né, e a gente fica doente de pensar assim nossa né, a gente tem tanta ideia mas de repente né, pela falta do ambiente, pela falta da estrutura você acaba não fazendo.

Núcleo F

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

É, o trabalho da corregência ele demanda um tempo do lado do aluno e se você não consegue entrar na sala pra fazer um momento de corregência, você está perdendo tempo e investimento no seu aluno. Então a falta de funcionários, ou faltas, LTS, tudo isso quem acaba saindo da sala é o corregente e tem uma quebra do nosso trabalho com certos alunos. A corregência demanda mais trabalhos específicos

com aluno com dificuldade, não que os outros alunos não sejam atendidos, os outros alunos são atendidos dentro das necessidades deles, mas o maior trabalho é feito com as crianças que estão com uma defasagem de aprendizagem. Quando a uma quebra nesse acompanhamento, a criança sai perdendo e o nosso trabalho também se perde um pouco né. E, tirando isso, as vezes é difícil um pouco o contato da professora regente com a corregente. Esse ano a gente tem uma tríade, tá sendo bem legal, que é bem aberta pra diálogo. Mas existe outras vezes que a professora de classe não aceitava é, algumas orientações pedagógicas, ou, ou abria muito pra conversa. Essa é uma das dificuldades da corregência também, quando não existe diálogo entre a equipe.

2- **Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?**

Sim, eu queria já alguns anos. Quando eu entrei na rede, faz quatro anos que eu estou na rede, quando eu entrei na rede eu trabalhei como corregente com uma professora muito forte, então eu não me via como corregente, eu me via como professora da sala também, a turma era nossa, das duas, e a gente trabalhava é, muito em cima das crianças que tinham dificuldade e eu achava um trabalho maravilhoso né, que é a escola pra todos. E aí com turma também, legal, você acaba trabalhando, mas como tem a falta da corregente, uma professora com uma turma de 30, 32, 35 alunos é muito difícil de você conseguir fazer essa, essa regência com qualidade com os alunos que tem dificuldade. Então eu solicitei, também devido a questão de Ciências, que acho uma disciplina muito legal pra ser trabalhada e eu acho que tem que ser uma disciplina que tem que ser investida, então é algo novo, algo científico é uma visão de Ciências né, dentro da escola, e a questão de trabalhar com o aluno com dificuldade. Eu gosto de trabalhar com aluno específico com dificuldade, não que eu não goste de trabalhar com os outros, mas vai do perfil de cada profissional, tem profissional que não gosta de trabalhar com as crianças que não dão tantos resultados, ou já prefiro ver os resultados mais devagar, mas investi, porque eu sei que é difícil as vezes algumas pessoas quererem investir nessas crianças.

3- **O que você entende por tecnologia?**

Tecnologias são recursos que podem ser utilizados para favorecer a educação né. A tecnologia demanda investimento né, investimento do governo, da prefeitura, pra que haja recurso, esses recursos na escola, mas também demanda outras questões de acessibilidade, acessibilidade do professor na, a, a conteúdos né que estão na internet. Eu não utilizo muito atividades prontas da internet, eu parto muito mais da linha do raciocínio com eles, de pegar um texto, de trabalhar, mas sempre buscando textos fora né, ou num livro, ou até mesmo na internet, mas não algo pronto. Então ao mesmo tempo que a tecnologia ela muitas vezes favorece, eu acho que muitas vezes a tecnologia ela..., me fugiu a palavra, ela deixa um pouco assim, quando tá tudo muito pronto, deixa a profissional um pouco estável demais, então ele não procura tanto. Então tem a tecnologia pro bem e a tecnologia pro mal.

Em relação aos usos da tecnologia, elas são bem importantes pros alunos de inclusão né, eu acompanho dois alunos que estão no 3º ano, eles estão sim no último ano do primeiro ciclo, e é uma etapa que a gente precisa saber o que eles realmente sabem, até onde eles estão alfabetizados ou não. O que falta muitas vezes é, eu tenho um aluno que ele lê tudo, só que eles, os autistas muitas vezes eles não gostam de escrever ou expressar na fala, já com o computador, o notebook eles tem

mais facilidade de conseguir digitar e fazer as buscas deles, eu sempre falo pras minhas colegas que, a gente não precisa padronizar todos os alunos, se a forma de eles aprenderem é mostrar que eles, o que eles sabem é só com computador, nesse caso da inclusão, vamos investir no computador. A gente tem um computador aqui na escola que já um computador um pouco antigo, que já foi usado alguns anos, mas, esses recursos eles já são feitos pra estragar um momento né, então eu fui tentar utilizar esses dias com meu aluno, esse computador ele já está com, já não está funcionando legal. A gente comprou um outro computador ano passado, depois de muita luta dos professores porque a gente não tinha né, um recurso pra usar computador e telão em sala, então ano passado foi adquirido, a escola se eu não me engano fez cinco anos se não me engano, só ano passado a gente conseguiu, é um computador e um telão de vídeo pra escola toda, então o computador pra ser utilizado com aluno de inclusão seria excelente, porque eu acho que isso seria uma inclusão responsável né, então com os outros é bem legal utilizar a tecnologia, porque a gente não fica só na aula expositiva oral né, eu gosto muito que eles partam da observação, então quando você traz uma imagem, um vídeo pra analisar é bem legal, mas aí é no trabalho de corregência né.

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?
- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?
- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Então assim, eu já participei de palestras falando sobre a tecnologia e falando inclusive que os alunos eles nasceram na era tecnológica né, diferente de nós que viemos de uma outra, de uma outra formação. Então eles precisam sim da tecnologia em sala de aula, só que eles precisam dessa tecnologia como um recurso a favor deles, não como um único recurso, porque muitos dos alunos eles querem utilizar o computador, querem utilizar o tablete, o celular mas eles não fazem isso em função da educação, eles fazem isso pra jogos, eles fazem isso pra, não que os jogos não possam ser utilizados a favor da educação, eu utilizo vários deles, tanto tecnologia computador, quando eu acho que quando você monta um jogo, você está usando sim da tecnologia pra montar esse jogo, tem toda uma outra questão que envolve, então não é só a questão da tecnologia global, tem outras tecnologias que a gente usa em sala de aula também, eu já participei de palestras que falavam justamente que a gente tem que tar se renovando pra saber atingir esses alunos. Muitas vezes a gente, a nossa formação foi uma e ano após ano, os alunos vem de uma maneira diferente e a gente precisa estar se especializando a cada dia, não é fácil, porque como eu disse, as vezes no curso não estão disponíveis, aqui na nossa escola nós não temos sala de computação, os nossos alunos não tem contanto, não tem sala de informática, os nossos alunos não tem contato com pesquisa, então normalmente o que é feito é quando o professor leva o recurso até a sala de aula. Outra questão, nós temos os netbooks, também já tentei usar com alunos de inclusão, pra mim foi frustrante, porque os alunos de inclusão eles precisam de uma fonte maior, de uma letra maior, de um trabalho de software desenvolvido melhor e com uma fonte pequena, os alunos não conseguem fazer, realizar a leitura. Eles estão na fase de alfabetização,

então assim, digamos assim, o conteúdo que tem lá seria muito útil se o recurso tecnológico fosse de melhor qualidade. Então nós temos os netbooks mas, acho que 90% do tempo eles estão guardados porque, por mais que os professores tentem usar, durante o uso na sala de aula ele não é muito prático, ele é mais trabalhoso do que estar no nosso lado. Então foi bem frustrante, tentei trabalhar com aluno autista, agora, porque ele gosta de computador, ele sabe digitar, e no netbook não deu certo né, foi um pouco frustrante em relação a isso. Quanto a cursos é muito difícil, porque enquanto regente outros anos, e você não consegue acompanhar todos os cursos da rede, então normalmente ano passado a gente tinha que fazer, a gente teve que frequentar um curso que era quinzenal e que era específicos de conteúdos mais comuns em sala de aula. Então por mais que a rede disponibilize, nós não temos tempo muitas vezes pra fazer isso no nosso momento de trabalho, no nosso momento de formação. E em relação a isso, a gente não consegue acompanhar todos os cursos que são ofertados.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

Então, como eu disse, esse ano passado a gente conseguiu computador e este ano a gente conseguiu internet e computadores na sala dos professores, então a gente ficou em média quatro anos na escola sem conseguir fazer pesquisa, a não ser usando computadores da sala da pedagoga ou da direção pra fazer as nossas pesquisas, o que é uma questão, que a gente tem a nossa hora atividade mas, muitas vezes a gente tinha que fazer em casa um trabalho que, se tivesse o recurso, o investimento na escola, não seria necessário. Então esse ano já está diferente, a gente está conseguindo trazer nossos computadores, fazer nossas pesquisas, nossos plano de aula aqui, mas em outros anos a gente em casa tinha que demandar um tempo, e pesquisas e, não no meu caso, porque eu não trago muitas coisas prontas de internet mas, tinham várias colegas minhas que falavam: eu fui dormir super tarde porque eu estava fazendo minhas pesquisas, e é necessário sim o uso de tecnologias.

Eu trabalho muito com música, então normalmente eu utilizo o som, muitas pessoas acham que tecnologia é o computador, mas eu utilizo o som assim, sempre, sempre trago música, então pra mim o CD é uma tecnologia né, ou estou atrelando ao uso do som, é outro recurso tecnológico. Aí é o computador, o telão nós usamos, é... nós usamos o que tem disponível na escola, como eu te disse, o netbook nós tentamos utilizar né, não é com tanta frequência que a gente consegue uma boa aplicação de aula com o uso dos netbooks.

- 8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Hoje nós temos esse computador, o telão, nós temos a internet, mas é feito uma escala, então nem sempre esse recurso está na mão. Existe professores que são tradicionais e não usam as tecnologias, existe outros professores que querem usar só das tecnologias, então, o que acontece, não tem aí um, uma organização muito bem nisso. Acho que não é nem uma questão do professor, como eu falei, a gente ficou tanto tempo engessado sem ter a tecnologia nas nossas mãos, que quando chega a tecnologia, ou uns que queriam sempre usar estão usando bastante, diariamente, porque eu acho que

também cansa o aluno, que eu acho que eles não precisam de recursos visuais, de áudio visuais todos os dias, eles precisam de outros recursos como jogos, como atividades dinâmicas, como atividades em grupo, é, construir coisas em sala de aula, trabalhar em dupla é... então eu acho que a dificuldade de muitas vezes é você mudar o hábito né, depois que chega o recurso, mas nem sempre o recurso que tem disponível é o suficiente pra escola.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Então, é que tecnologia é uma questão assim um pouco ampla, como eu te falei, a partir do momento que eu utilizo um livro de literatura, pra mim é tecnologia né, porque, porque demandou alguém escrever esse livro, demandou alguém lê-lo, alguém editar esse livro, demandou o papel, então assim, tecnologia pra mim é também utilizar essas coisas. Como muitas vezes eu não consigo efetivar a corregência em sala de aula, é muito difícil você se planejar pra trazer o recurso. Como eu falei, é escasso, quem precisa está em sala de aula, está aplicando né, e, muitas vezes o que eu acabo trabalhando na corregência, é atividades mais específicas, no uso, no trabalho com os autistas sim, já trouxe o netbook, mas devido ao não funcionamento, eu não consegui aplicar da maneira que eu gostaria né. Se fosse investido mais, eu acho que, até uma bandeira que eu levanto muito é a inclusão, porque a tecnologia ela tem que estar atrelada a essa questão da inclusão, porque esses alunos não adianta, eles não vão escrever e falar como nós, eles vão se expressar de outra forma, como eles nasceram nessa era tecnológica da, do digitar, do ler, da informação disponível em todos os lugares, eu acho que isso deveria estar sendo mais investido na escola. Não na nossa escola, em várias escolas da rede, porque é uma questão mesmo de organização de verba de fora e não da escola né.

- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Da maneira que é colocada na tríade, se a corregente conseguisse fechar as 4 aulas semanais sim, as vezes em meia hora eu consigo com o aluno uma coisa que eu não estou conseguindo, não consigo a um mês. Só que quando tem essa quebra do teu contato com o aluno durante a aprendizagem, você perde no teu trabalho. Mas eu acho a questão da tríade muito importante, principalmente quando a tríade encara esse trabalho como um trabalho coletivo, aí sim, quando é encarado como um trabalho coletivo sim. Já me ocorreu em um ano anterior de eu estar como corregente e ter que assumir a turma pela corregente não aceitar algumas questões que eram colocadas, mesmo questões pedagógicas da escola. Então teve que ser feita toda uma mudança de posição, de função porque, devido algumas pessoas que não conseguem entender a tríade, porque pra alguns profissionais ainda, se ele é regente, a turma vai andar da forma que ele quer, fechou a porta e faz dessa forma, então é assim né, a tríade é uma pessoa a mais, tendo outra visão, em torno de outras crianças que também não depende só do planejamento corriqueiro, precisam de um planejamento mais específico, então, se a equipe fecha a tríade funciona e se não há faltas de funcionário na rede também funciona. Agora eu acho que é muito mais falta de investimento nos funcionários do que da ação pedagógica, porque na ação pedagógica,

como eu te falei, se acontece alguma coisa que vê que não está caminhando, a equipe pedagógica se reorganiza, a gente reelabora o trabalho. Agora, se não tem funcionário dentro da escola, e ontem foi um dia que eu queria estar retomando coisas que eu trabalhei na sexta-feira com meus alunos, e eu não pude, porque não tinha profissional pra ficar com aluno de inclusão e eu tive que deixar as duas turmas que eu teria que fazer a corregência pra ficar com outra criança, isso perde. Então eu acho que, como eu falei, a dinâmica da escola pode ser alterada, mas quando tem falta de profissional, a corregência... não é que a corregência não funciona, a questão da tríade não funciona como deveria ser. Trabalho sempre em sala de aula. Quando eu tinha turma eu não costumava pedir que fosse retirada a criança. Eu sou corregente de 2 terceiros anos, cada terceiro ano tem uma inclusão de autista, cada terceiro ano tem alunos que não estão alfabetizados no último ano do primeiro ciclo, que é assim uma coisa pra gente se preocupar e eu acho assim, que a criança ela tem que se sentir parte, independente se os outros vão estar trabalhando um texto e ela uma palavra. Ela tem que se sentir parte da onde ela está, eu acho que ela não tem que ser retirada. O que acontecia? As vezes o aluno não veio na aplicação de uma avaliação e precisa de um silêncio pra fazer, mas isso não o aluno com dificuldade, qualquer aluno, aí sim, já ocorreu de ir numa sala mais silenciosa pra conseguir fazer, mas eu não acho que a corregência, que o trabalho da corregência tenha que acontecer fora da sala de aula, pra mim tem que acontecer no ambiente da sala de aula, com as adversidades, com os alunos que tem dificuldades, com o autista as vezes se jogando no chão, gritando, atrapalhando, a criança ela tem que viver tudo o que os outros estão vivendo, por mais que elas tenham as dificuldades delas. Ah, é impossível trabalhar! Não é impossível, é, quando você faz um trabalho que você se dedica naquele trabalho é possível. Um caso de um aluno meu o ano passado, eu fiquei sem corregente bem dizer até a metade do ano, e, o que esse aluno precisava era se sentir parte da escola, ele ficou dois anos frequentando a escola e, eu não sei se foi o corpo docente ou as crianças, não chegaram nele. Então foi um ano muito de investimento nele, pra no meio do ano ver que ele estava se sentindo parte, e tudo que ele avançou eu tenho certeza que ele avançou se sentindo parte, porque, a questão da tríade é muito importante, mas o trabalho em sala de aula com os alunos, eu sempre trabalhei muito em dupla, trio, equipe de apoio, então eu acho que esse trabalho também é um trabalho de investimento das crianças com dificuldade, não só a ação da corregente. Mas, uma ação elaborada dentro da sala, pra que a criança se sinta parte. Eu posso dizer que tem aluno que ele foi alfabetizado aprendendo a ler com o coleguinha do lado. Então, por que? Porque faltava funcionário, então é eficaz a gente precisa do funcionário, porque não é o aluno que tem que fazer essa função, o aluno ele só acrescenta mais no aprendizado dele, quando ele faz essa função de ajudar o outro, mas isso é um papel que, nós como escola e os governantes, eles tem que dar conta disso.

Núcleo G

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

Então, o que eu percebo assim, a maior dificuldade que nós encontramos de fazer o trabalho de corregência com o aluno é a questão do aluno mesmo, ser um aluno sem interesse, um aluno que ele é, não tem vontade de fazer, ele não procura se esforçar, ele não, não, não procura estudar em casa, fazer as lições, trazer os materiais, ter os materiais em dia, então são, é um aluno assim sem

compromisso com a educação, sem interesse. A os alunos também desmotivados, é, que ele perderam o interesse em algum momento, que a gente percebe assim que eles, até foram em determinado momento, mas assim, parou essa aprendizagem dele, ele não deu continuidade em avançar. É, o problema em terceiro ano é a questão também de crianças que tem problemas, que a gente percebe assim a necessidade de uma avaliação e essa avaliação não pode ser feita no primeiro ano, no segundo ano se iniciou mas é, não, não tem retorno e lá pelo terceiro ano essa criança ainda não foi avaliada, então a gente percebe que são crianças que poderiam ter um acompanhamento psicopedagógico, ou numa sala de recurso, ou uma criança com problemas, que teriam necessidade de um medicamento ou o acompanhamento psicológico e não tem, por conta de que essa avaliação é muito demorada. Então são crianças que poderiam avançar, mas elas precisariam de uma, de um apoio maior, de outros profissionais pra atender, pra que essa criança possa dar conta é, de avançar em sua aprendizagem. É, no meu caso, uma outra dificuldade assim é o horário quebrado. Como eu concilio com as minhas aulas de Ensino Religioso, é... então eu tenho o horário muito quebrado, então eu fico um horário num dia, ou o primeiro e o terceiro, ou eu vejo daí só na outra semana. Então faz com que também fique quebrado o trabalho, você, até lembrar o que você fez, fica difícil né, pra criança lembrar, ou a gente mesmo, é, então isso que, que é uma dificuldade, que acaba trazendo presente pra própria criança. A minha escola, como é uma escola pequena, então, tem uma turma de cada né, então o espaço, não há espaço físico se eu quiser tirar a criança pra fazer alguma, algum trabalho individualizado. Então eu não tenho um espaço na escola pra fazer esse trabalho, então eu gostaria de repente de ter um espaço onde eu tivesse materiais, eu tivesse jogos, tivesse é, algum outro recurso pra tar trabalhando com essa criança, e eu não tenho, não tem esse espaço. A gente pode ficar ou na sala dos professores, ou na própria cancha, mas se a criança já é uma criança distraída, com pouco atenção, então qualquer coisa que aconteça na escola ela já está prestando atenção, e as vezes acaba também não rendendo esse momento com ela.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Como nas escolas da rede, acontece que as professoras novas que chegam nas escolas, elas não tem muita opção, então, nesse meu caso assim, nós chegamos em três professoras e as outras demais já tinham escolhido as suas funções. Então, é, sobrou segundo ano, Ensino Religioso e Arte. Então as outras duas professoras escolheram e eu acabei ficando com Arte. Gostei do trabalho, continuei no ano seguinte é, até por conta que também né, tem algumas funções que a gente já sabe que são específicas de algumas professoras, porque não tem critérios nas escolas pra esse tipo de escolhas, é, então, acabei ficando novamente com Ensino Religioso e pra fechar aula de Ensino Religioso, o meu horário da semana, então eles acabam fechando com corregência.

3- O que você entende por tecnologia?

Então, tecnologia assim, eu acho que é tudo que é ligado as mídias né, as tecnologias ligadas a computação, a televisão, a computadores, a celulares. Então tudo o que envolve mídias eu acho que são interligados com tecnologias né.

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Então, ao longo do tempo a gente, na rede, eu participei de vários cursos. O primeiro assim foi quando foi implantado os laboratórios de informática nas escolas, então todos os professores eram obrigados a participar dessa capacitação. Então a capacitação sobre os programas, os softwares que foram implantados na rede na época, é, então nós aprendemos, esse foi um curso bem longo, é pra nós aprendermos a trabalhar com os computadores. É mais tarde, vieram os netbooks, também tivemos capacitação pra trabalharmos com isso. É, eu fiz um projeto com uma professora, ela trabalhava com mídias e eu era regente do laboratório de informática e acabamos é, fazendo um trabalho, num curso de movie maker. E daí trabalhando com as crianças também, é, as crianças aprenderam né esse recurso, foi assim um trabalho bem significativo, aliais, todos esses cursos foram bem importantes né, pro nosso trabalho na rede, nas escolas. Quando aos computadores, porque nós levávamos as crianças nos laboratórios, eram aulas assim bem interessantes, as crianças gostavam muito. Até porque as crianças não tinham quase contado com os computadores até nesse tempo, hoje que as crianças tem mais contato com computadores, com celulares, mas até então nessa época, as crianças realmente não tinham. Aliás, muitos computadores dos professores, inclusive eu, nós nem tínhamos computadores em casa ainda né, porque era assim um recurso caro e não era acesso assim a tantos professores, até tinha um incentivo de bancos que faziam pagamentos, empréstimos pra 24 vezes né, como era caro na época os computadores.

- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?
- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Esse do movie maker as crianças tiveram assim um retorno muito interessante, nós fizemos assim, eles fizeram propagandas é, fizeram trabalhos nos computadores com esses recursos do movie maker, é, eles assim se incentivaram muito, crianças assim que trouxeram, fizeram em casa depois esse trabalho e trouxeram pra gente, como eles assim se aprofundaram e nós percebemos assim que essas crianças é, tinham facilidade com isso e nós percebemos que essas crianças iam continuar pesquisando e futuramente trabalhando com isso.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

O mais usual que nós temos hoje é o celular né, mas é, outros recursos que a gente usa na escola é o computador, os computadores da escola, é, o notebook em casa, pra pesquisa, pra gente tá separando imagens, vídeos, é, os principais eu acho que são esses mesmo.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Na verdade assim, quando foi implantado os laboratórios de informática, é, isso teve uma demanda de valores né, por conta do próprio equipamento. Só que esses recursos, esses equipamentos, curto prazo eles já ficam defasados. E por conta também que na nossa escola havia um uso de Comunidade Escola que quando nós usava esse laboratório de final de semana, então faz com que também tenha necessidade de um maior cuidado e manutenção desse equipamento. Então o recurso pra isso é um recurso caro né, e a gente volte e meia tem equipamentos com vírus, estragados, não ligam, então isso demanda de uma manutenção frequente né, e essa questão também de valores, porque até por conta os repasses pras escolas, é, tem um tempo pra vir, e a demanda pra outros materiais na escola são prioridades né, como cadernos e outros materiais que as crianças estão usando diariamente, então faz com que isso também se, deixe pra segundo plano. Então faz com que isso acabe dificultando o nosso trabalho na escola. Outra questão também é a questão da internet, nós não temos uma internet boa, uma internet de qualidade, então quando a gente liga todos os computadores né, quando todos estão ligados, a internet ela não é, não é suficiente pra nós assistirmos vídeos ao mesmo tempo por exemplo, ou fazermos um trabalho que precise da internet. Então a internet ela não dá conta do laboratório, teria que ter uma outra plataforma, um outro sistema em relação a internet na escola.

9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Na corregência eu já usei sim a tecnologia, mas não com as crianças em sala de aula. Quando teve a necessidade de tirar algum aluno da sala, daí nós fizemos alguns jogos, algumas atividades online com essas crianças, pra que não fique justamente só no papel, no livro, na atividade, na reescrita. Só que na sala não tem como, eu entendo que não tem como eu levar pra sala um recurso de usar com uma criança e as demais ficarem olhando. Ou leva pra ser pra todos e daí essa criança também vai estar trabalhando, mas aí, especificamente com um ou dois alunos em sala de aula isso, isso eu não achei que seria possível dessa forma.

10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

... Eu acho assim que ajuda, não dá conta, ajuda né, porque você senta com a criança, você vê a necessidade dela, você incentiva no individual né, mas assim tudo o que ajuda a criança eu acho assim que vale a pena, mas não dá conta.

Núcleo H

1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

A principal dificuldade é ter que substituir mesmo né, os professores que faltam, que aí você não pode dar o atendimento ao aluno e também acho que a quantidade de aluno que tem que, com muita

dificuldade que você tem que atender né, aí nem sempre você consegue fazer assim bem contínuo o trabalho, bem detalhado, porque daí você tem que ter uma rotatividade, se você sai pra substituir e tudo o mais já vai quebrando né.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Eu escolhi, esse ano de 2017 eu escolhi essa função. É que eu trabalhei muitos anos em turma, daí já tava meio cansada, eu tava substituindo desde o ano passado também, fiquei de auxiliar de faltas pra substituir, aí esse ano eu quis ficar com corregência.

3- O que você entende por tecnologia?

Tecnologia pra mim é todo o meio é, inovador, diferente assim, uma construção maior que você usa pra melhorar uma atividade, uma, uma função, alguma coisa assim. A tecnologia é um, um desenvolvimento de alguma coisa assim, um processo de, como posso dizer... um mecanismo melhorado de alguma coisa.

4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Eu só participei aqui pela rede, quando eu entrei na rede que era o Digitando o Futuro. Que foi um curso que demorou, foi o ano todo e era pra usar mesmo o computador, os softwares educativos com os alunos.

5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Eu acho que foi diferenciar o que era educativo mesmo de mexer no computador né, da função do computador pra trabalhar com, a parte mesmo pedagógica do computador.

6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Já, eu utilizei bastante há anos atrás né. Utilizei bastante, até em outras escolas também eu fiquei só no laboratório de informática, trabalhando só com isso, daí as turmas iam para o laboratório e eu trabalhava com eles os softwares educativos.

7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

O computador né, porque a gente pesquisa, pesquisa de atividades, pesquisa de material, é até cursos online mesmo, que eu sempre estou vendo na internet né, é... eu acho que hoje em dia são só isso.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

É aqui eu vejo que o laboratório não está tendo, o laboratório de informática não está sendo usado. Então eu acho que os computadores até que são novos se eu não me engano. Mas não, ele não tá, tá fechado, não tá tendo uso. Os alunos não vão lá nunca, não tem um professor pra ficar lá, cuidar né.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Já utilizei mas também em outros anos, anos anteriores. Eu achei bem válido, achei bem válido, o, já utilizei o computador né e já utilizei os jogos, aquela caixa, esqueci o nome. Utilizei fora da sala de aula. Eu já utilizei também o, aquele multimídia, os note e aquela tela que a gente leva lá, a tela interativa.

- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Eu acho que ele não dá conta na totalidade, ele ajuda mas não, não faz a função completa né, total assim que deveria mesmo.

Núcleo I

- 1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

Aqui na escola até um pouco atípico porque a gente quase não substitui né, então nós temos, já teve mesmo esse ano, já teve casos de a gente substituir, mas as vezes é uma aula, não é assim o tempo todo, então essa dificuldade a gente não encontra. E o trabalho que a gente faz direto em sala de aula, com todos os alunos, atendendo os alunos com mais dificuldades, você faz bem pontual. Então assim, dificuldade, dificuldade mesmo eu não encontro dificuldade, a gente tem material, a gente tem tempo pra trabalhar, tem tempo pra planejar, não tenho a dificuldade.

- 2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Escolhi. É o terceiro ano, eu fiquei 15 anos fora de sala né, entre direção e vice direção, e quando eu retornei pra sala de aula eu escolhi, é o terceiro ano que estou como corregente. Estou bem satisfeita com essa, com essa escolha.

- 3- O que você entende por tecnologia?

O uso de, de computador, o uso de vídeos né, da televisão, é isso que eu entendo por tecnologia, que não é que a gente não use, a gente até pode usar, só que em sala de aula é tão corrido e a gente tem mais aquela ansiedade do escrever, que a gente deixa a tecnologia no nosso caso, pras áreas, pra parte de oficinas, que acontece no turno contrário. Mas já usamos, eu já usei, já usei os nets.

- 4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Não. Nunca fiz. Todos os cursos na verdade que a gente faz aborda né as tecnologias, porque sempre tem o uso do vídeo, pra você de repente ser um disparador pra tua, pra tua aula né, então sempre eles citam essa, essa tecnologia. E a questão dos computadores também né, sempre tem a pesquisa na verdade né.

- 5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Eu acho que são as sugestões dadas né pelas professoras, porque a gente faz os cursos de cada ano, então eu tô no terceiro ano eu faço pra trabalhar a nível de terceiro ano. Então são sugestões de, de trabalho, e a gente fica sempre com a parte de Ciências também né, a corregente trabalha Ciências, mas a gente faz também os cursos de Língua Portuguesa e Matemática, que são das áreas, então todos esses cursos, essa, essa metodologia a ser usada é muito importante né, de como a gente trabalhar. Não você é simplesmente achar que é só ensinar a ler e escrever, mas como você vai atingir a criança de uma melhor maneira.

- 6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

Sim, sempre, sempre. Tudo o que a gente, inclusive a gente faz assim, usando a tecnologia, a gente fotografa cadernos, sugestões, porque nem sempre você tem tempo de ter tudo anotado né, então você usa essas ferramentas também.

- 7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

A o computador, o computador, os sites que trazem atividades de como você é, que a criança tenha assim motivação né, de como você trabalha. Eu trabalho em casa, eu uso o computador bastante.

- 8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Olha o laboratório de informática tá bem ...(risada)tá bem ruinzinho né, e os nets que a gente tem, nós temos nets também, agora tão passando por um processo de atualização, mas que a gente também usa e, só que essa dificuldade as vezes, a internet que não tá muito boa né, e a, as vezes eles não funcionam mesmo, não pegam. Então agora tem 2 professoras trabalhando em cima disso, atualizando todos os dados, pra que a gente possa utilizar.

- 9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Já. Experiência muito boa. Foi assim, esse ano, esse ano eu utilizei porque os nets estão bem, bem ruinzinhos mesmo. Então o ano passado quando eu fazia o apoio também, eu peguei os nets e as crianças vibram né, então assim, crianças que não sabem escrever, daí através dos desenhos que tem ali eles vão escrevendo, é, eles gostam mesmo, gostam, eu acho assim que surge bastante efeito, sabe, dá resultado esses trabalhos com os nets. Esse trabalho que te falei que fiz com os nets, eu fazia no contraturno, sabe, então daí era um grupo menor de aluno ne, dentro de sala de aula, com todos os alunos eu nunca trabalhei.

- 10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Com certeza, com certeza. Que nem eu te falei, aqui na nossa escola, acho que a pedagoga também falou, é bem atípico porque nós temos uma corregente para cada turma, então a gente permanece o tempo todo com a regente, então dá efeito sim, porque daí você já sabe as crianças que mais necessitam. Tem um turma só. Nós temos na verdade uma turma de cada ano né, só o quarto ano que não e tem uma corregente pra cada turma. Então daí dá resultado sim. O trabalho da corregente é muito válido. O ideal é como está aqui, um corregente por sala. A disponibilidade que a gente tem de oficinas, por ser uma escola integral já tem outra dinâmica né, mas dá conta sim, da conta, ajuda, com certeza corregente é super válido.

Núcleo J

- 1- Quais as principais dificuldades encontradas por você no trabalho de corregente?

Olha na verdade, então assim, esse é meu primeiro ano como corregente. Eu já fiz, tive algumas experiências, mas bem breves assim né, então, formalmente é meu primeiro ano na corregência e assim o principal desafio que eu tô tendo assim pela frente é a questão das dificuldades dos alunos mesmo, sabe, então assim, eles estão vindo cada vez mais com dificuldades, cada vez mais assim, fortes, bem marcantes assim que a gente tem que tar dando conta disso, não é verdade? Porque daí você percebe né, que essas crianças se diferenciam do grande grupo, então um trabalho todo diferenciado a gente tem que tar fazendo, e isso realmente é um desafio né, porque apesar da gente não ter essa, não ter digamos assim o planejamento da turma em si né, de dar conta de todos aqueles alunos, a gente dá conta de poucos, mas esses poucos né, em termos de, de quantidade assim, de trabalho, a demanda de trabalho é maior eu acredito. Aqui é bem organizado assim, então a corregência funciona mesmo.

2- Você escolheu essa função para o ano de 2017? Por que?

Sim, na verdade eu sempre fui regente do 3º ano, aqui na escola, em outras escolas também eu tenho bastante experiência com 3º ano, porém, por conta do mestrado né, do estudo, eu tive que optar pela corregência, acreditei que ter duas turmas pra mim ia ficar meio pesado, por conta do estudo, daí eu preferi escolher essa função.

3- O que você entende por tecnologia?

Então, tecnologia pra mim é... é tudo aqui que transforma né, tudo aquilo de novo, desde um jornal né, a gente tem que levar em consideração que ele é também um avanço tecnológico dentro do tempo dele e tudo, e a mídia né, o computador, a internet, tudo isso que os nossos alunos também têm tendo contato, então a gente tem que ter esse preparo também pra lidar com isso né.

4- Você já participou de algum curso de formação em tecnologia? Sobre o que foi o curso?

Então, a minha pós graduação, eu fiz uma pós graduação é, o tema do meu TCC, do meu trabalho foi as tecnologias no, no auxílio ao trabalho do professor, auxiliando o professor em sala de aula, então foi bem bacana realmente.

5- O que foi mais significativo nesse curso ou cursos?

Na minha pós foi a questão do despreparo dos professores assim, porque a gente fala, na verdade o que acontece, acaba que a gente entra numa zona de conforto né, a gente pega alguns textos e tudo e deixa infelizmente, talvez até por falta de oportunidade, não das escolas, mas assim, o que é oferecido pra gente, talvez isso não seja tão significativo. Por exemplo, vou te dar um exemplo dos netbooks que a gente tem. Tá a gente tem, é uma tecnologia? É uma tecnologia, pode ser usada a favor? Pode, mas assim, tá muito atrasado em relação ao que nossos alunos já conhecem, entende? Eles travam, não carregam né, os programas já são tão, tão atrativos pra eles que tem tablets e tem um monte de coisa, entende?

6- Você já aplicou em sua prática docente alguma coisa que aprendeu nos cursos de formação utilizando as tecnologias?

A sim, na verdade eu uso o multimídia nas aulas, é data show assim a gente usa bastante, os próprios netbooks né, que mesmo que eles são mais devagar assim eu já utilizei.

7- Por práticas pedagógicas entendemos não apenas o trabalho com os alunos, mas o ato de planejamento de aulas, de pesquisas, de preparar materiais, atividades e estudo desse professor. Que tecnologias você utiliza na prática pedagógica?

Ah! O computador né, a internet, o celular toda hora praticamente né, a gente tá conectado, a tudo isso que envolve né, todos esses mecanismos assim né, que a gente tem mais acesso hoje em dia.

8- Quais as dificuldades que você encontra para utilizar as tecnologias na escola?

Talvez o espaço, mas isso daí é específico da escola né, por ter um espaço menor. Até eu montar todo esse aparato na sala de aula, então as turmas são mais numerosas, então fica uma coisa meio complicada, daí não tem esse espaço assim pra gente tar fazendo né, tem mas daí como é um único espaço daí é muito concorrido entende? Não tem como a gente tar usando sempre assim, com aquela constância. A nosso internet é aquela da prefeitura, o prouca né, então cai, não funciona, é, tem essa, é bem vagarosa (risos).

9- Você já utilizou as tecnologias na corregência? Como foi essa experiência? Quais dificuldades e avanços você percebeu?

Ainda não, porque eu tô no começo assim, como te falei. Mas assim, na aula de Ciências sim, na aula de Ciências e não na corregência propriamente dita né. Usei o Datashow, passei vídeos do Discovery pras crianças né, até porque a gente está trabalhando as estruturas das plantas, e tudo e tem bastante material né, na internet pra gente fazer pesquisa, daí eu já utilizei esse recurso.

10- Você considera que o sistema de corregência atual dá conta de atender e ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem? Por quê?

Sim ajuda, ajuda bastante, mas assim, não que vai ficar incumbido somente a, as aulas de corregência é, toda aquela aprendizagem, ou toda aquela defasagem da aprendizagem não é verdade? Mas ajuda, ajuda bastante sim, né.

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO PARA O QUESTIONÁRIO



Prefeitura Municipal de Curitiba
 Secretaria Municipal da Educação
 Superintendência de Gestão Educacional
 Departamento de Ensino Fundamental
 Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
 Alto da Glória
 80030-000 Curitiba PR
 Tel 41 33503023
 Fax 41 33503027

Curitiba, 06 de julho de 2016.

AUTORIZAÇÃO

Informamos que a pesquisadora, **Joyce Cordeiro Heindyk Garcia** aluna do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós Graduação, pela Universidade Federal do Paraná, orientanda da Prof.^a Dr.^a Núria Pons Vilardell Camas, está autorizada a realizar a pesquisa sobre **“O Uso das Tecnologias no Trabalho de Professores Corregentes no Município de Curitiba”**.

O objetivo geral da pesquisa é:

Compreender como se desenvolve o trabalho com as tecnologias nas ações pedagógicas, dos professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba.

Os objetivos específicos são:

- Entender o papel do professor corregente na Prefeitura de Curitiba;
- Analisar se os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Curitiba, utilizam as tecnologias como recurso no processo de ensino/aprendizagem dos alunos;
- Identificar se esses professores corregentes já vivenciaram o uso das tecnologias em sua formação continuada e sua aplicabilidade pedagógica;
- Investigar ações realizadas pelos professores corregentes no processo de integração das tecnologias, em suas ações pedagógicas.

A pesquisadora pretende coletar dados referentes ao tema de estudo com os professores(as) corregentes dos 3.º anos da Rede Municipal de Ensino, por meio de questionário on-line a ser divulgado por e-mail à todas as unidades escolares para repasse aos respectivos docentes, análise documental, entrevistas e observações.

Cabe ressaltar que a presente autorização é somente para o envio do questionário on-line aos respectivos professores das unidades e análise documental. No caso de entrevistas e observações da prática pedagógica, após análise dos



CURITIBA



Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel 41 33503023
Fax 41 33503027

questionários, será necessária nova autorização que será encaminhada nominal às escolas selecionadas.

Informamos que a decisão final de participar da referida pesquisa caberá aos profissionais envolvidos.

A presente autorização deverá ser enviada às escolas para ciência da equipe diretiva.

Ressaltamos que o pesquisador deverá entregar uma **cópia salva em cd** dos resultados da investigação para a escola e outra para o Departamento de Ensino Fundamental – Assistência.

Atenciosamente,

Leticia Mara de Meira

Diretora
Departamento de Ensino Fundamental

Leticia Mara de Meira
Decreto 534 - Mat. 52460
Diretora do Departamento de Ensino Fundamental

ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA A ENTREVISTA



Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel 41 33503023
Fax 41 33503027

Curitiba, 27 de março de 2017.

AUTORIZAÇÃO

Informamos que a pesquisadora, **Joyce Cordeiro Heindyk Garcia** aluna do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós Graduação, pela Universidade Federal do Paraná, orientanda da Prof.^a Dr.^a Núria Pons Vilardell Camas, está autorizada a realizar a etapa de entrevistas (cronograma), da pesquisa sobre **“O Uso das Tecnologias no Trabalho de Professores Corregentes no Município de Curitiba”**.

O objetivo geral da pesquisa é:

Compreender como se desenvolve o trabalho com as tecnologias nas ações pedagógicas, dos professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental de Curitiba.

Os objetivos específicos são:

- Entender o papel do professor corregente na Prefeitura de Curitiba;
- Analisar se os professores corregentes do 3º ano do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Curitiba, utilizam as tecnologias como recurso no processo de ensino/aprendizagem dos alunos;
- Identificar se esses professores corregentes já vivenciaram o uso das tecnologias em sua formação continuada e sua aplicabilidade pedagógica;
- Investigar ações realizadas pelos professores corregentes no processo de integração das tecnologias, em suas ações pedagógicas.

A pesquisadora pretende coletar dados referentes ao tema de estudo com os professores(as) corregentes dos 3.º anos da Rede Municipal de Ensino, por meio de entrevistas e observações, nas escolas abaixo, escolhidas por meio do método randômico.



CURITIBA



Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Gualberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel 41 33503023
Fax 41 33503027

- Bairro Novo - EM CEI Carlos Drummond de Andrade
- Boa Vista - EM Cerro Azul
- Boqueirão – EM CEI Tereza Matsumoto
- Cajuru – EM Marumbi
- CIC – EM Alvaro Borges
- Matriz – EM Batel
- Pinheirinho – EM CEI do Expedicionário
- Portão – EM Graciliano Ramos
- Santa Felicidade – EM Walter Hoerner
- Tatuquara – EM Vila Zanon

Informamos que a decisão final de participar da referida pesquisa caberá aos profissionais envolvidos.

A presente autorização deverá ser enviada às escolas para ciência da equipe diretiva.

Ressaltamos que o pesquisador deverá entregar uma **impressa e encadernada** dos resultados da investigação para a escola e outra para o Departamento de Ensino Fundamental – Assistência.

Atenciosamente,

Simone Zampier da Silva

Diretora
Departamento de Ensino Fundamental